ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

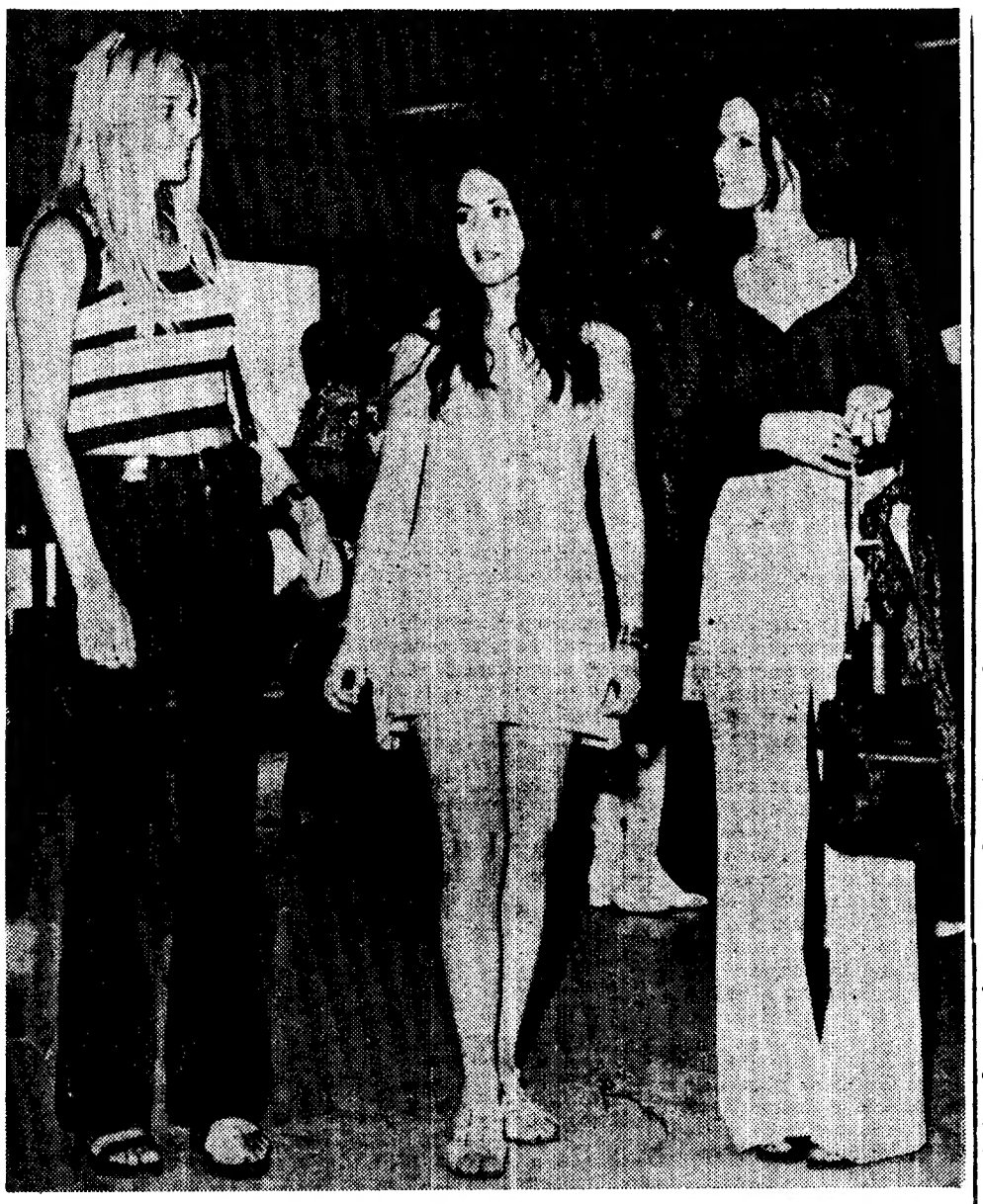
QUINTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 1971 N.º 17 429 ANO 51.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

uma iniciativa do DL



Já se encontram entre nós três candidatas ao título de «Princesa Mundial das Teen-Agers 1971». São elas as representantes da Alemanha, Suíça e Áustria (da esquerda para a direita) que aqui vemos fotografadas à sua chegada ao aeroporto da Portela.

TEEN-AGERS

PRINCESA MUNDIAL

Diário de Lisboa 1971

LISBOA-PORTUGAL

DESMOND DEKKER SERÁ UMA DAS ATRACÇÕES DA ELEIÇÃO DAS «TEEN-AGERS»

FALTA DE IDONEIDADE MORAL E PROFISSIONAL

– motivo para cessação definitiva do alvará aos construtores civis

A falta de idoneidade moral e profissional será motivo para cessação definitiva dos alvarás atribuídos a empreiteiros de obras publicas de construção civil — dispõe uma portaria publicada no «Diário do Governo».

A referida portaria, assinada pelo secretário de Estado das Obras Publicas, aprova o Regulamento da Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras publicas e dos Industriais da Construção Civil, tendo sido publicada em suplemento ao n.º 152 (I Série), com data de ontem.

Segundo o regulamento, constituem aquela comissão o presidente do Conselho Superior de Obras Publicas, que presidirá; dois vice-presidentes — engenheiros inspectores-gerais ou inspectores-superiores de obras publicas; os directores-gerais do Ministério das Obras Publicas; o presidente da Junta Autónoma de Estradas; o presidente do Fundo de Fomento da Habitação; um procurador da Republica; um representante da Corporação da Industria; um reresen-

(Continua na 6.ª página)

PROPOSTA VIETCONG

PARIS, 1 — (R) — O Vietcong anunciou hoje que todos os prisioneiros de guerra americanos serão libertados simultâneamente com a retirada das tropas americanas do Vietnam do Sul.

A senhora Thi Binh, chefe da delegação Vietcong à conferência de Paris, apresentou uma nova proposta de sete pontos com vista a pôr fim à guerra, salientando que se o Governo americano anunciar uma data para a retirada das suas tropas e das dos seus aliados, a libertação dos prisioneiros americanos, incluindo os pilotos que se encontram no Vietman do Norte, começará e terminará ao mesmo tempo que a retirada final das tropas.

VEM DA JAMAICA UM CANTOR QUE É MESMO «GENTE-POP» PARA ACTUAR NO CASINO ESTORIL

ond Dekker — a tracção internacional

Não apenas um nome ou uma voz, mas, em tudo, uma personalidade. DESMOND DEKKER vem de propósito da Jamaica para animar, como atracção, o grande espectáculo do dia 10, no Casino Estoril: o da eleição mundial da Princesa das «Teen-Agers»-71. Eis a ultima das notícias do concurso, este ano, promovido pelo «Diário de Lisboa» e, pela primeira vez, realizado em Portugal.

Pois é assim: Desmond Dekker a voz «pop» que pulsa, na musica moderna, o ritmo «reggae» da Jamaica vem a Lisboa a vai ser o verdadeiro «calor» na grande noite das «teens» no espectáculo do Estoril.

Desmond Dekker é aquele negro que nasceu na Jamaica e, hoje, canta para o Mundo a beleza de um novo «pop». Novo no estilo, no ritmo, na cadência, na força, no próprio processo de comunicação.

Desmond Dekker é um tipo especial de cantor. Não é só para ouvir. Não é só para ver. É um todo. É um espectáculo. É um negro que faz cada um ouvi-lo e vê-lo como se ele, Dekker, ali estivesse a cantar e a actuar para cada espectador e não para todos. Ainda, recentemente, no Festival de Bratislava ee dizia: «Desmond Dekker não é cantor, é gente».

Pois é assim. Desmond

(Continua na página seguinte)

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

Iniciaram-se esta manhã, para mais de 50 mil crianças, as provas escritas da 4.ª classe. Os primeiros passos de uma carreira escolar que anualmente se encontrará com esta «aventura» que são os exames. (Ler na 8.ª página e os pontos na 18.ª).

O BAILE NO RITZ E O ESPECTÁCULO NO CASINO ESTORIL

Conforme temos noticiado, quer os bilhetes para a Gala do Ritz, quer as entradas para o grande espectáculo do Casino Estoril já se encontram á disposição do publico.

Os bilhetes para o HOTEL RITZ, ao preço de 500$00, com direito a ceia, podem, desde já, ser adquiridos na Rua Castilho, 185, 1.º, ou marcados pelos telefones n.os 654531-2-3-4, das 15 ás 20 horas.

Os bilhetes para o grande espectáculo da eleição da Princesa Mundial das «Teen-Agers 71», no CASINO ESTORIL, ao preço de 600$00, por pessoa, com direito a ceia e a uma garrafa de espumante por mesa de quatro lugares, também, desde já, se podem adquirir no próprio Casino Estoril, ou serem marcados pelos telefones 264521, 264971 e 264996.

AVISO IMPORTANTE: as marcações só são mantidas, quer no Hotel Ritz, quer no Casino Estoril, até 24 horas antes do Baile de Gala e do Espectáculo da Eleição.

Como já dissemos, a Lusolanda pôs ao serviço da organização dos concursos das «Teen-Agers» uma frota dos seus automóveis Audi-NSU. Na foto figuram dois desses carros, com as doze candidatas ao título de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas». A servir de fundo, a Torre de Belém

A BAYER OFERECEU HOJE O TRADICIONAL ALMOÇO ÀS «TEEN-AGERS» E AO JÚRI

No Hotel Palácio, no Estoril, a Bayer ofereceu hoje o tradicional almoço às finalistas do concurso das «Teen-Agers» portuguesas e ao júri.

Após o almoço iniciaram-se os testes e entrevistas que se prolongaram pela tarde de hoje.

Este é o primeiro dia de provas das «Teen-Agers» e fornecerá ao júri elementos já muito concretos para esboçar uma classificação.

Nos testes de hoje será apreciada fundamentalmente a cultura geral das concorrentes, o seu intelecto, apresentação, aprumo, compostura e outros predicados expressivos da juventude.

Para além dos elementos de classificação que faculta, este almoço oferecido pela Bayer constitui motivo para um convívio das «Teen-Agers» com o júri, permitindo-lhes encarar com mais à vontade o dia da eleição e o ambiente criado pelos numerosos convidados que assistem à festa e vibram com o resultado da eleição.

De manhã as «Teen-Agers» tomaram banho na piscina do Hotel Palácio e fizeram fotografias, num ambiente agradável de «relaxe» que precedeu o almoço.

Naturalmente elas quiseram saber como eram as estrangeiras que já haviam chegado. É difícil fazer comparações mas, em boa verdade, o facto é que as «Teen-Agers» portuguesas, no confronto com as estrangeiras, tanto em beleza como em nível cultural, nada ficam a perder.

Amanhã as finalistas do concurso das «Teen-Agers» portuguesas têm parte do dia livre para se prepararem para o grande dia da eleição, sábado, — no Teatro da Estufa Fria. Aí, já com o júri dividido (ou de acordo) nas suas preferências as concorrentes desfilarão três vezes: em «hot-pants» e em vestidos de norte confeccionados com os tecidos que lhes foram oferecidos pela Bayer e pela Riopele, para atribuição dos prémios Bayer e Riopele de elegância.

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:
- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLON);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina — Academia Internacional de Estética);
- Gama completa de produtos Lyncée;
- Gama completa de produtos Revlon.

PARA A 2.ª:
- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:
- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);
- Um rádio GRUNDIG modelo «Elite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLON da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCÉE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);
- Produtos BRECK (oferta da Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.).
- Botas altas (oferta da Sapataria Bola de Prata).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.

DESMOND DEKKER E PAULO DE CARVALHO

— AS DUAS ATRACÇÕES DA ELEIÇÃO DA PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS»

(Continuação da pág. anterior)

Dekker é a grande atracção internacional, vinda directamente da Jamaica, na noite de eleição da Princesa Mundial das «Teen-Agers», no Casino Estoril.

Diga-se, desde já, que quem o vai ver e ouvir pela primeira vez, ficará surpreso e espantado. Surpreso porque Dekker não se parece com qualquer artista «pop», branco ou negro. Espantado porque só um negro poderá cantar e ser como ele.

Diz-se, e ele dí-lo, também, que Desmond Dekker não canta «pop», mas «reggae». Mas, se o que ele canta, é o tal «reggae», então o que é o «pop»? Ah, o «pop», neste momento actual, é, sem duvida, o «reggae» de Dekker. Vocês percebem, não é verdade?

Além do mais, vão ouvi-lo e vê-lo, na noite das «Teen-Agers»-Mundial-71, e confirmem: é «gente» o negro que vem da Jamaica. Gente, de facto. Alguém no «pop».

Uma outra informação: dando réplica a Desmond Dekker, o espectáculo do dia 10, no Casino Estoril, ainda apresenta outra grande atracção. Segunda notícia, para essa noite: PAULO DE CARVALHO é o artista português convidado para completar o «show». Que mais há a dizer?

DEKKER e PAULO ou bem o novo — o «pop» — num espectáculo de juventude. Pois é assim.

uma iniciativa do DL

COM O PATROCÍNIO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO
E JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

E A COLABORAÇÃO DE:

PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1971

Bayer Portugal
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
Centro de Estética Feminina
Viagens Apolo
Crédito Predial Português
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Riopele
Nacional Rádio (Rádios GRUNDIG)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Escola de Manequins JUNO
H. Stern Joalheiros
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
Sapataria BOLA DE PRATA
Drugstore APOLO 70

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

Bayer Portugal
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Tróia-Mar
Alitália
Agia-Gevaert
Crédito Predial Português
Claras Turismo
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
H. Stern Joalheiros
Restaurante Folclore
Sapataria BOLA DE PRATA

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Já se encontram em Lisboa três candidatas (Alemanha, Áustria e Suíça) ao título mundial das «Teen-Agers»

Bastante fatigadas, depois de uma viagem pelo Médio Oriente e pelo Norte de África, prémio instituído pela revista «Bravo», que as elegeu, chegaram ontem ao meio da tarde a Lisboa, vindas de Casablanca, as Princesas «Teen-Agers» da Alemanha, Áustria e Suiça, que no dia 10 tomarão parte na eleição da Princesa Mundial das «Teen-Agers», organizada pelo «Diário de Lisboa». As jovens eram acompanhadas por Miss Maria Muller, redactora da revista «Bravo», semanário alemão que elegeu as concorrentes da Alemanha, Austria e Suiça.

Evelin, representante da Alemanha, uma linda jovem de cabelos loiros e olhos azuis (ou verdes?), chegou triste, porque sofrera um acidente num pé e teve que ser operada. Isto ocorreu em Beirute quando estava a fazer fotografias com um cavalo O animal assustou-se e pisou-a. Evelin traz o pé ligado e foi ontem observada pelo médico. Este acidente poderá prejudicá-la no desfile.

— *É a primeira vez que venho a Portugal* — disse-nos. *Já estive em Espanha e tinha a ideia de que era parecido mas já vi no caminho do Aeroporto para cá que é tudo muito diferente.*

A Princesa «Teen-Ager» da Alemanha, que vai fazer 15 anos em Setembro passou para o 7.º ano e projecta especializar-se em óculos e lentes de contacto, uma profissão que parece estranha para nós mas lá fora está muito divulgada.

— *Mas quero também fazer um curso superior infantil e fazer dois ou três anos como guia turística. Agora tomei o gosto de viajar. Estou contente por me encontrar em Portugal mas terrivelmente fatigada pelo programa destes ultimos dias.*

Béatrice Gugler, a representante da Suiça faz 17 anos em Julho. Estuda em Berna num curso destinado aos Correios.

— *Não conhecia Portugal. A minha maior curiosidade sobre o país são as corridas de toiros. Mas gosto mais das corridas á portuguesa porque nelas não se mata o animal.*

Margarete, austríaca, é ainda estudante mas no dia 1 de Setembro começa a trabalhar em computadores como programadora. É uma jovem um pouco tímida. Depois de nos ter falado do seu futuro emprego disse-nos:

— *Já estive em Itália e gostei muito. Penso que Portugal é um país semelhante mas, pelo pouco que já me foi dado ver, muito mais bonito.*

Miss Maria Muller, da revista «Bravo» falou-nos depois da eleição que considera uma iniciativa válida para a juventude.

— *As raparigas viajam, conhecem países, fazem amigos, confraternizam e exprimem os seus valores positivos. É esta a verdadeira essência do concurso.*

As três Princesas «Teen-Agers» e a sua comitiva ficaram instaladas no Hotel Praia-Mar que será, durante alguns dias, o hotel das «Teen-Agers».

Hoje á tarde é esperada a representante do Irão As restantes concorrentes chegam na sexta-feira.

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

LISTA DE PRÉMIOS

PARA A 1.ª CLASSIFICADA

- ★ Uma viagem de avião (para duas pessoas) à volta do mundo com estadia (para duas pessoas) em todos os países visitados (oferta da Intermarca — Grupo S. N. S.).
- ★ Cheques de viagem no valor de 10 000$ (oferta do Crédito Predial Português).
- ★ Uma gama completa de produtos «Revlon» (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho, Lda.).
- ★ Uma gama completa de produtos «Lyncée» (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.).

PARA TODAS AS CONCORRENTES

- ★ Um conjunto «Lady Set» — máquina fotográfica, «flashes», rolos, etc. (oferta de Agfa Gevaert).
- ★ Um traje de «hot-pants» com túnica em «Dralon» (oferta da Bayer).
- ★ Um vestido em «Dralon Imprimé» (oferta da Bayer).
- ★ Um corte de tecido «Riopele» (oferta da Riopele).
- ★ Botas de linho (oferta da Sapataria Bola de Prata).
- ★ Produtos «Revlon» da linha «Natural Wonder» (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho, Lda.).
- ★ Produtos «Lyncée» da linha «Tendre Kid» (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.).
- ★ Produtos «Breck» (oferta de Intermarca — Grupo S. N. S.).
- ★ Produtos «English Laether» (oferta de Intermarca — Grupo S. N. S.).

PRÉMIO AGFA DE FOTOGRAFIA

- ★ Uma máquina de filmar para a melhor fotografia de Lisboa tirada por uma concorrente com a máquina «Iso-Pak C» (oferta da Agfa Gevaert).

Dia da Força Aérea

O Dia da Força Aérea foi, hoje, assinalado nas várias unidades e serviços espalhados pelo país, com diversas cerimónias.

Em Lisboa, na igreja dos Jerónimos, foi celebrada missa, às 12 horas, por iniciativa da Secretaria de Estado da Aeronáutica.

Assistiram ao acto, oficiado pelo capelão-chefe da Força Aérea, o secretário de Estado, brigadeiro Pereira do Nascimento; chefe e subchefe do Estado-Maior da Força Aérea, directores de serviços e comandantes de várias unidades.

À tarde, ainda dentro do programa das comemorações, o secretário de Estado, visitou o Museu do Ar, em Alverca. Ao fim da tarde, como é já tradicional, o brigadeiro Pereira do Nascimento ofereceu uma recepção em Monsanto.

As «teen-agers», mesmo as internacionais, também trans. portam bagagem

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ESTEJA TAMBÉM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

PREÇOS DESDE 140 CONTOS A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal, 15 · Telfs. 45843 · 47843 · Lisboa

SE VAI
NÃO VAI
OU GOSTAVA DE IR
AO CIRCUITO DE VILA REAL
LEIA
motor
SAIU HOJE
TUDO SOBRE O FAMOSO CIRCUITO TRANSMONTANO
32 PÁGINAS PREÇO: 2$50

Convite

Quero conhecê-lo. Estou à sua espera em **PESTANA & BRITO**, de 28 de Junho a 3 de Julho.

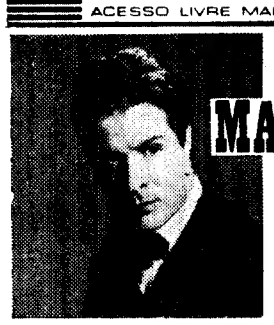
Tenho para lhe oferecer **uma fabulosa viagem a LONDRES ou TORREMOLINOS** para duas pessoas.

Se não puder vir ao encontro, diga-lhe... a ela que venha por si.

Miss English Leather

novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS
PUBLIMAR



RUI DE MASCARENHAS

THE CLEMENTIS
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

BLUEBELL GIRLS' SHOW

Shegundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo Ferrer Trindade e sua Orquestra

BELLA BALALAYKA
SO NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1,0H. maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à Av Roma) Tel. 717017

AR REFRIGERADO

D — «Este espectáculo não pode ser visto por menores de 18 anos».

«A RELÍQUIA» VOLTA À CENA

«A Relíquia» volta á cena amanhã, precisamente no palco onde colheu demorado triunfo: o Teatro Maria Matos. Toda a mordacidade de Eça de Queiroz transparece nesta teatralização assinada por Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos, com Mário Pereira no protagonista

A FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
ENCANTO E MARAVILHA DE LISBOA
A TODOS OFERECE AS MAIS RISONHAS ATRACÇÕES
LINDOS PAVILHÕES E BONITOS «STANDS» ALEGRES DIVERSÕES E LUZ A JORROS BOA MESA — MÚSICA MELODIOSA — SORTEIOS ETC.
TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR AO PARQUE DE ENTRECAMPOS
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

FILMES DE RESNAIS E LOSEY NO CICLO DA CASA DA IMPRENSA

O VIII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, que tem estado a registar uma assinalável presença de público neste período estival difícil para o espectáculo cinematográfico, prossegue hoje, nas salas do Eden e do Alvalade, com a apresentação de «O último ano em Marienbad», de Alain Resnais, e o «O criado», de Joseph Losey.

«O último ano em Marienbad» não é a primeira vez que é apresentado nos ciclos da Casa da Imprensa e sempre o público tem manisfestado por ele uma especial predilecção, o que se justifica não só por se tratar de um filme importante, que não se esgota a uma primeira ou mesmo a uma segunda leitura, como pelo facto de se tratar de obra muito pouco explorada comercialmente.

De Joseph Losey, recentemente galardoado com o Grande Prémio do Festival de Cannes, exibe-se «O criado», que foi um dos filmes de maior êxito da temporada passada em Lisboa.

O Ciclo prossegue amanhã, ás 15 e 21 horas, nas mesmas salas, com a projecção de «Os quatrocentos golpes», de François Truffaut, e «À beira do abismo», de Howard Hawks, filme em que Humphrey Bogart teve uma das melhores criaçes da sua carreira.

VILA FRANCA DE XIRA
DOMINGO, 4 DE JULHO — 17.45 H. — M 6 ANOS
FESTAS DO COLETE ENCARNADO
CAVALEIROS
J. MESTRE BATISTA — JOSÉ B. NÚNCIO
ESPADAS
JOSÉ JÚLIO — MÁRIO COELHO
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CABO NUNO SALVAÇÃO BARRETO
4 TOIROS DA SOCIEDADE AGRO-PECUÁRIA VALE DO SADO
4 TOIROS DE JOSÉ PEDROSA
BILHETEIRAS: AG. ABEP, RESTAURADORES; TABACARIA FREITAS, R. 1.º DE DEZEMBRO, 85, E EM VILA FRANCA, NOS LOCAIS DO COSTUME
Festa da Sardinha Assada, com tourada, sábado para domingo, ás 2,45 da madrugada

Agora M/ 14 Anos
ESTREIA!
(NO MÊS DE JULHO)
DE
A CAPITAL
de EÇA DE QUEIROZ
NO
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
PELO
GAT GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
Subsidiado pelo Fundo de Teatro
(ADULTOS)
com ANTÓNIO MONTEZ no protagonista
HOJE: 21.00 E 23.00 H.
AMANHÃ:
21.00 E 23.00 H.

O DIVÓRCIO DE BARBRA STREISAND

S. DOMINGO, 1 — (R.) — A famosa «estrela» Barbra Streisand e seu marido, o actor Elliott Gould, que se encontram separados desde 1969, apresentaram ontem nesta capital uma acção conjunta de divórcio. A petição, com fundamento em «consentimento mútuo», foi intentada aproveitando a nova (e rápida) lei de divórcio neste país, que permite aos estrangeiros consegui-lo no prazo de sete dias.

Elliott Gould chegou às primeiras horas de ontem a S. Domingo com a nova companheira, Jennery Bogaert, de 19 anos.

O actor, de 32 anos, disse que ele e Barbra Streisand, com quem se casou em 1963, eram ainda bons amigos. «Se a vir, beijá-la-ei» — acrescentou. Gould e a famosa artista têm um filho, Jason, de quatro anos.

O actor recusou-se a revelar se planeava casar nesta capital com «miss» Bogaert.

FUTURA
LIVRARIA
FUTURA
GALERIA
FUTURA
BRINQUEDOS
NO VÃO DE ESCADA A SUA BOUTIQUE
rua francisco metrass 2
campo de ourique

SOCIEDADE «ESTORIL»
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES
Válidos para 10 semanas

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião
SELF-SERVICE
CAFETERIA
RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI-SNACK
*
Unico no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno
*
Facilidade de parqueamento a partir das 20 horas

«Angola na guerra e no progresso»

Depois da sua carreira no Tivoli, «*Angola na guerra e no progresso*» é apresentado a partir de hoje no Politeama.

Realizado pelo tenente Quirino Simões, este é o primeiro filme português de longa-metragem em 70mm.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«A VALSA DO MEDO»

REALIZAÇÃO — Paul Wendkos, 1971 (E. U. A.).
INTÉRPRETES — Alan Alda, Jacqueline Bisset, Barbara Parkins, Curt Jurgens, Brad Dillman, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Fox Filmes.
ESTREIA — Cinema Tivoli (25.6.1971).

Curiosamente, o fantástico no cinema e (neste caso são de referir particularmente os filmes ditos de terror ou de horror) anda muito mais perto da fancaria ingénua e, não raro, inocente das películas de série B do que das pretenciosas produções com largas ambições quer no campo do espectáculo, quer nos domínios da cultura e da estética cinematográfica. Isto mesmo poderia ser dito por outra forma: os filmes de terror com certas pretensões intelectuais e estéticas só raramente ultrapassam o nível do *pretenciosismo* e do *novorriquismo* (as excepções dos ultimos tempos: que nos lembre, poderemos citar «*Os Inocentes*», de Clayton, «*Ao Cair da Noite*», de Karel Reizs, «*A Casa Maldita*», de Wise, e poucos mais).

Em compensação, será entre as obras de série que iremos encontrar alguns Dráquer filme de um mediocre por exemplo. Acontece até algo de mais significativo. Qualquer fime de um mediocre Freddie Francis é de longe mais interessante do que muitas películas de certo fôlego económico que o pseudo-intelectualismo dos seus (igualmente mediocres) autores torna insuportáveis. O fantástico é um domínio realmente de eleição. Aí esteve *King-Kong* para demonstrar a verdade dos factos e exemplificar, por A+B, como a imaginação pode atingir o campo do sublime e da poesia mais pura.

O que não tem nada a ver com esta «Valsa do Medo» que Paul Wendkos dirigiu da forma mais irritante que imaginar se pode, recorrendo constantemente a lentes de deformar e efeitos decorativos do pior mau gosto. Isto, não falando da incongruência de toda a história e da total ausência de imaginação que a «mise-en-scéne» reflecte. Missas negras, invocações de Satanás e transplantações de espíritos por si só não bastam para criar um bom filme de terror. O mais importante é o que fica no interior desse esquema. E na «Valsa do Medo» o interior está vazio.

LAURO ANTÓNIO

Prémio espanhol para Elsa Saque

PUERTO DE SAGUNTO, 1 — (A. N. I.) — A portuguesa Elsa Saque ganhou o prémio da canção lírica do I Festival da Canção Moderna, aqui concluido ontem.

O primeiro prémio da canção moderna foi atribuído à melodia «Tu, dónde estás?», interpretada por Félix Ruiz, com letra de M. Poveda e música de Fernando Urrutia.

TEATRO ABC
T. 366745

OS BONS VELHOS TEMPOS RECORDADOS

HOJE
AS 21.45 H.

★ NA SUA GRAÇA PICANTE
★ NUM FAUSTOSO FIGURINO
★ NA BELEZA DOS CENÁRIOS
★ NUMA FELIZ INTERPRETAÇÃO

A SENHORA MINHA TIA

COM
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
ANABELA LUÍS HORTA
VÍTOR MENDES ★ MARIA TAVARES
E AINDA
VÍTOR ESPADINHA
NINA FLORES, LINA MORGADO, FERNANDA PINTO, ANTÓNIO RIBAS e CARLOS FARIA

C — Não é permitida a assistência de menores de 14 anos

ROCK HUDSON SYLVA KOSCINA
NUM FILME DE VIOLÊNCIA INDOMÁVEL!

A ORDEM ERA DESTRUIR A QUALQUER PREÇO...
O NINHO das VÍBORAS
HORNETS NEST

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

HOJE ÀS 21,30
ESTREIA
ADULTOS

Em Lisboa só a Pan Am lhe oferece esta supercomodidade:

Para a Europa
Para a América no 747 o transatlântico do espaço

Pode instalar-se confortàvelmente. Tal qual num grande hotel.
Mas saiba que ao sair da sua ampla poltrona o espaço no 747 oferece-lhe ainda, em dois andares, salas de descanso, bares, cinema* (com selecção de filmes), um mundo diferente que torna a sua viagem maravilhosa. E muitas outras vantagens lhe oferece o Boeing 747 da Pan Am — o transatlântico do espaço.
Consulte o seu Agente de Viagens ou a Pan American (Praça dos Restauradores, 46 em Lisboa — Serviço de Reservas: Telefone: 362591).
Escolha o seu dia para viagens directas Lisboa-Barcelona ou Lisboa-Nova York.
O resto é connosco.

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

Pan Am 747
o novo transatlântico do espaço

*Tem uma taxa de US $2.50 pelo uso dos auscultadores.

O REGULAMENTO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

(Continuação da 1.ª página)

tante da Ordem dos Engenheiros; um representante do Sindicato Nacional dos Arquitectos; um representante do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores; um representante do Sindicato Nacional dos Construtores Civis; um representante de cada um dos grémios regionais dos industriais da construção civil e obras publicas; um representante do agrupamento dos Municípios de Lisboa, Sintra, Oeiras, Cascais, Loures, Vila Franca de Xira, Montijo, Barreiro, Seixal e Almada; um representante do agrupamento dos Municípios do Porto, Vila Nova de Gaia, Espinho, Matosinhos, Valongo, Gondomar e Maia; e um secretário sem direito a voto.

De acordo com o regulamento, os empreiteiros de obras publicas inscritos serão agrupados, segundo as suas especialidades, em sete categorias (construção civil, obras hidráulicas, pontes, vias de comunicação e aeródromos, obras de urbanização, instalações eléctricas e mecanicas e fundações) e, dentro destas, em diversas subcategorias.

Para a inscrição nas várias classes devem, em regra, os quadros dos empreiteiros de obras publicas e dos industriais da construção civil incluir um director técnico e os técnicos permanentes de especialização adequada, ás categorias e subcategorias requeridas.

A portaria dispõe que os técnicos diplomados que pertençam aos quadros permanentes dos empreiteiros ou industriais não poderão fazer parte de quadro da mesma natureza de outro empreiteiro ou industrial inscrito e classificado.

Por outro lado, os quadros técnicos permanentes dos empreiteiros, como tal inscritos e classificados, não poderão incluir diplomados com as categorias de engenheiro, arquitecto, agente técnico de engenharia e construtor civil que prestem serviços técnicos de carácter permanente ao Estado, aos corpos e corporações administrativas e aos organismos de coordenação económica.

Fica ainda disposto que os quadros técnicos permanentes dos industriais, como tal inscritos e classificados, não poderão incluir diplomados com a categoria de engenheiro, arquitecto, agente técnico de engenharia e construtor civil que exerçam funções de carácter permanente em serviço do Estado, das autarquias locais e dos organismos de coordenação económica, desde que tais serviços, normalmente de modo directo ou indirecto, interfiram com a actividade do tipo da empresa em causa.

Entre as penalidades previstas no regulamento, avultam as que dizem respeito á cessação de alvarás. Assim os art.os 28.º e 29.º dispõem:

«Art.º 28.º Poderão ser suspensos os alvarás das empresas que não exerçam a actividade para que estão tituladas em periodo que indicie incapacidade para o exercício fectivo da mesma, devendo, nesse caso, o empreiteiro de obras publicas ou o industrial da construção civil solicitar, no prazo de seis meses, o levantamento da suspensão com fundamento no reinício da actividade da empresa.

«Art.º 29.º — 1. Serão cassados definitivamente os alvarás dos empreiteiros de obras publicas e dos industriais da construção civil a quem venha a reconhecer-se falta de idoneidade moral ou profissional, e bem assim os que, sem motivo que a Comissão considere justificado, se mantenham suspensos por mais de seis meses.»

Acrescenta o regulamento: «se durante o período da suspensão o titular do alvará incorrer em qualquer falta, a suspensão converter-se-á em cassação.»

Os portugueses do Brasil à chegada ao Aeroporto

A CARAVANA DA SAUDADE TROUXE DE VISITA A PORTUGAL 40 PORTUGUESES DO BRASIL

Naturais da cidade de Aveiro e da sua região chegaram hoje a Lisboa, vindos do Brasil em avião da TAP, integrados numa «Caravana da Saudade» promovida pelo dr. Maximiano Pombo Cirne, vice-cônsul de Portugal em Pelotas.

O dr. Maximiano Pombo, que chefiava um grupo de 40 pessoas, declarou à chegada ao Aeroporto:

— *Esta viagem a Portugal será a primeira de uma série que há muito sonho programar. Posso dizer-lhe que daqui a dois anos penso fretar um avião dos Transportes Aéreos Portugueses, que desta vez e sempre nos têm dado incondicional apoio, para trazer a Portugal cerca de duzentos portugueses saudosos da sua terra e brasileiros desejosos de conhecerem o país dos seus antepassados.*

O vice-cônsul de Portugal em Pelotas acrescentou:

— *A comunidade luso-brasileira é cada vez uma realidade mais forte, que bem merece que todas estas iniciativas a apoiem e revigorem. Penso que cada português se deve sentir brasileiro e que cada brasileiro se deve sentir português, pois não é só a língua que nos une, mas toda uma história de fraternidade e de inigualável amor.*

A «Caravana da Saudade» não tem programa difinido para o tempo de permanência em Portugal, que não será idêntico para todos os participantes.

Integrando portugueses há dezenas de anos radicados no Brasil e brasileiros descendentes de emigrados no país irmão, o grupo componente da «Caravana da Saudade» é quase todo constituído por famílias das cidades de Pelotas e Porto Alegre.

A maioria destes velhos portugueses são naturais de Aveiro e da sua região, que se fixaram em Pelotas, devido à circunstância de aquela cidade brasileira se parecer com Aveiro.

Efectivamente, Pelotas é quase irmã gémea de Aveiro, com as rias, os canais, e até possui uma ponte semelhante à de Aveiro. Pelotas é o maior centro de arroz no Brasil e, com os seus 150 mil habitantes é considerada uma das cidades com maior índice de progresso daquele país.

O grupo desfez-se à chegada ao Aeroporto, seguindo destinos diferentes. O dr. Maximiano Cirne ficará 5 dias em Lisboa, seguindo depois para o Algarve, de onde partirá em visita a Alcobaça e Coimbra, depois para casa duns parentes na Beira e fisa, terra da sua naturalidade. A sua estada entre nós prolongar-se-á por 10 dias.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Com a presença de 83 deputados e a ausência de grande parte dos subscritores do projecto 6/X, a Assembleia Nacional prosseguiu ontem a apreciação na especialidade das alterações á Constituição Política, com a votação de novos artigos segundo o texto da comissão eventual.*

★ Antes da ordem do dia, usaram da palavra a deputada Luzia Beja, a propósito da refinaria do Sul; e os deputados Almeida e Sousa, sobre o centenário de Alfredo da Silva; e Eleutério de Aguiar, sobre intercambio luso-brasileiro.

★ *Na ordem do dia, quando se discutia o artigo V, justificado pelo deputado Ulisses Cortez, o deputado Oliveira Dias lamentou a ausência de alguns dos subscritores do projecto 6/X, dizendo que entrara na vida politica confiado na anunciada tolerancia. Tolerancia que não houve, pelo que consideraria que a Camara, ao tomar a posição que tomara, não prestara bom serviço ao País. (Não apoiados).*

Sobre o mesmo assunto, o deputado Julio Evangelista considerou legalissimo o comportamento da Mesa. O deputado Camilo de Mendonça lamentou que os ausentes não tenham respeitado as regras do jogo, isto é, as decisões da maioria.

★ O «leader» quer crer que as ausências já referidas são justificáveis, caso contrário teria de censurar o significado de tais ausências. Depois de numerosas intervenções, foi votado por unanimidade o artigo V, com a seguinte redacção, proposta pela comissão eventual:

«Art.º 5.º O Estado Português é unitário, podendo compreender regiões autónomas com organização político-administrativa adequada á sua situação geográfica e ás condições do respectivo meio social.

«§ 1.º A forma do regime é a Republica corporativa, baseada na igualdade dos cidadãos perante a lei, no livre acesso de todos os portugueses aos beneficios da civilização e na participação dos elementos estruturais da Nação na política e na administração geral e local.

«§ 2.º A igualdade perante a lei envolve o direito de ser provido nos cargos publicos, conforme a capacidade ou serviços prestados, e a negação de qualquer privilégio de nascimento, raça, sexo, religião ou condição social, salvas quanto ao sexo, as diferenças de tratamento justificadas pela natureza e, quanto aos encargos ou vantagens dos cidadãos, as impostas pela diversidade das circunstancias ou pela natureza das coisas.

«§ 3.º São elementos estruturais da Nação os cidadãos, as famílias, as autarquias locais e os organismos corporativos.»

★ *Seguiu-se a aprovação das alterações aos artigos 6.º e 7.º, sendo inumeros os deputados que se congratularam com o facto de os cidadãos brasileiros passarem a ser equiparados aos nacionais, sob reserva de igual tratamento, em favor dos portugueses no Brasil. Este parágrafo foi aprovado por unanimidade e de pé, por sugestão do deputado Cancela de Abreu.*

★ Sobre as alterações ao artigo 8.º, falaram os deputados Cota Dias, Ulisses Cortez, Roboredo e Silva, Cunha Araujo e Almeida Cotta. Num curto diálogo estabelecido entre o dr. Ulisses Cortez e Roboredo e Silva, o primeiro manifestou-se contra a pena de morte, o segundo defendeu-a no teatro de guerra. Por fim foram aprovadas por unanimidade as alterações propostas pela comissão eventual ao artigo 8.º, com a seguinte redacção:

«Art.º 8.º ... ...

«8.º Não ser privado da liberdade pessoal nem preso preventivamente, salvo nos casos e termos previstos nos §§ 3.º e 4.º;

«9.º Não ser sentenciado criminalmente senão em virtude de lei anterior que declara puniveis o acto ou omissão, bem como não sofrer pena mais grave do que a fixada ao tempo da prática do crime, nem medida de segurança fora dos casos previstos em lei anterior;

«10.º Haver instrução contraditória, dando-se aos arguidos, antes e depois da formação da culpa e para aplicação de medidas de segurança, as necessárias garantias de defesa;

«11.º Não haver pena de morte, salvo no caso de beligerancia com país estrangeiro e para ser aplicada no teatro da guerra, nos termos da lei penal militar nem penas ou medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade pessoal, com carácter perpétuo, com duração ilimitada ou estabelecidas por periodos indefinidamente prorrogáveis, ressalvadas as medidas de segurança que se fundem em anomalia psíquica e tenham fim terapêutico;

... ...

«19.º O direito de resistir a quaisquer ordens que infrinjam os direitos, liberdades e garantias individuais, se não estiverem legalmente suspensos, e de repelir pela força a agressão particular, quando não seja possivel recorrer á autoridade publica;

... ...

«21.º Haver recurso contencioso dos actos administrativos definitivos e executórios que sejam arguidos de ilegalidade.

«§ 1.º A especificação destes direitos, liberdades e garantias não exclui quaisquer outros constantes da Constituição ou das leis, entendendo-se que os cidadãos deverão sempre fazer uso deles sem defesa dos direitos de terceiros, nem lesão dos interesses da sociedade ou dos princípios da moral.

«§ 2.º Leis especiais regularão o exercício da liberdade de expressão do pensamento, de ensino, de reunião e de associação e da liberdade religiosa, devendo, quanto á primeira, impedir, preventiva ou repressivamente, a perversão da opinião publica na sua função de força social e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos, a quem ficará assegurado o direito de fazer inserir gratuitamente a rectificação ou defesa na publicação periódica em que forem injuriados ou infamados, sem prejuízo de qualquer outra responsabilidade ou procedimento determinado na lei.

«§ 3.º A lei poderá autorizar a prisão preventiva em flagrante delito ou por crime doloso a que caiba pena de prisão superior a um ano. A prisão preventiva sem culpa formada está sujeita aos prazos estabelecidos na lei e só poderá ser ordenada havendo forte suspeita da prática do crime.

«§ 4.º Fora dos casos de flagrante delito, a prisão em cadeia publica ou a detenção em domicílio privado ou estabelecimento de alienados só poderá ser levada a efeito mediante ordem por escrito da autoridade judicial ou de outras autoridades expressamente indicadas na lei, donde constem os fundamentos objectivos da prisão ou detenção, devendo, em ambos os casos, submeter-se a prisão sem culpa formada a decisão de revalidação e de manutenção, ouvido o arguido, nos prazos estabelecidos na lei. A prisão não será ordenada nem será mantida quando possa ser substituída por quaisquer medidas de liberdade provisória, legalmente admitidas, que sejam suficientes para a realização dos seus fins. O não cumprimento das condições a que ficar subordinada a liberdade provisória poderá determinar a prisão preventiva do arguido. Poderá, contra o abuso do poder, usar-se da previdência do *habeas corpus*.»

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

MEIA HORA COM ANTÓNIO DUARTE. ALGUÉM FICOU A CONHECÊ-LO?

Ninguém será louco a ponto de defender a ideia de que o artista deva existir fora do conhecimento do público: porque seria defender uma situação contrária á própria razão de ser do artista.

Ninguém será louco a ponto de defender a ideia de que mais pròpriamente os artistas do nosso tempo português devam existir segregados do público deste tempo português: porque seria defender uma situação de extremo empobrecimento desse mesmo público.

Em princípio, a ida de António Duarte e outros artistas à televisão deveria entender-se como uma necessidade de levar até ao público português alguns portugueses de obra feita. Na prática, porém, esse princípio nega-se a si próprio. Ninguém ficou a conhecer António Duarte por defeitos que têm a ver com a deficiente estrutura da rúbrica, falha do mínimo encanto, de uma qualidade mínima capaz de atrair o público (mesmo o mais propenso, por razões culturais, a deixar-se atrair, quanto mais!); falhada pelo paleio retorcido, a armar à bem falância dos profissionais sabinchosos. Por exemplo, retirando ao caso:

«Uma escultura de António Duarte oferece-nos logo de início o material. O material não em estado bruto, mas algo que se esforça por surgir límpido, puro. Essa exibição de contexturas imprime á obra uma força que não depende do jogo de volumes nem da intenção formal. Mas cada peça contém um material que se esforça por se mostrar, por se expandir.»

Se alguém me disser que são estas as palavras com que se espera cativar o público das 10 horas da noite, eu vou ali e já venho. Isto, televisivamente falando, (para não irmos mais longe...) é uma aldrabice, é um logro, é a história da raposa que convida o grou para almoçar e lhe apresenta as papas num prato raso. Além de ser ridículo. E chocho. E inútil. E raivosamente duro de ver estar assim a estragar-se tanta televisão.

De todas as artes, talvez seja a escultura a mais televisiva. Pois ontem a pobreza dos meios técnicos reduziu, quase sempre, as obras de António Duarte a sombras difusas, perdidas na distância, na pressa, no desconhecimento.

É claro, sabe-se como é: agora vão chamar a isto uma emissão cultural. Mais meia hora a juntar á «programação cultural» da televisão portuguesa. Simplesmente, quem assistiu a estes programas sabe bem a diferença de verdade que vai de uma televisão real a um irreal e apaixonado relatório.

Gomes Ferreira, o locutor, usou o mesmo ritmo ao acompanhar o documentário escultórico e o documentário sobre o judo na rubrica «Tempos Livres», da *TV Juvenil*. Mais um factor a acentuar a monotonia da programação.

Pois quanto ao Judo, estivemos num clube que ensina a modalidade. De inegável interesse a divulgação, por exemplos vivos e ao alcance de todos, da natureza do judo. Mas insistiu-se demasiado nos resultados práticos da modalidade, onde se caiu até em certos efeitos fáceis muito aparentados com a demagogia.

Assim, ao referir-se a tendência no judo para se tirar proveito da fraqueza do adversário e colocá-la a nosso favor, foi-se ao ponto de sublinhar a vantagem que daí se retira na vida profissional: aguardar a fraqueza dos competidores...

Outro depoimento diz-nos que certo indivíduo, no trabalho, quando tem de fazer uma tarefa não a executa logo. Espera. Pensa nela. Deixa amadurecer. Aprendeu isso no judo...

Outro: um indivíduo guiava o seu automóvel quando ouve derrapar. Trava imediatamente. Disseram-lhe que afiara no judo os seus reflexos.

Daqui se vê como o judo se aproxima — e quanto! — da mèzinha milagrosa. Mas há mais. Há mais três depoimentos de outros tantos jovens, um dos quais é muito significativo.

Diz-nos o jovem que o Judo «é de primordial importância para a vida actual que o ser humano tem de suportar». E refere que muita gente, para dormir, tem de tomar comprimidos. Ora se praticar o Judo já não terá necessidade disso: com o Judo «alheia-se da vida real, fica descontraído e...»

Não oiço mais. Não quero ouvir mais nada. Mai nada! É o Judo, é o Judo que me convém. Para dormir? Para descontrair, para *relax*? É o Judo. Convem-me. Por essas e outrísimas razões.

Assalta-me uma dúvida: o jovem estaria a referir-se ao judo ou à banha de cobra?

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16 — Sinal horário — noticiário; 16 e 05 — Programa da Juventude; 17 e 30 — «Falua», programa para Adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05 — O convidado de hoje: Ray Charles; 18 e 20 — Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40 — Música Popular Portuguesa; 19 e 10 — Zarzuela: selecção de: «Pan y Toros» (Barbieri e Picon); 20 — Diário Sonoro; 20 e 20 — Conjunto: «The Conned Heat»; 20 e 30— 17.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — Um Destino»; 20: — Momento 71; 21 e 20 — Música, só música; 21 e 50 — Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10 — Guitarradas, pelo conjunto de António de Pinho Luís Gomes; 22 e 30 — Novidades em discos, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 23 e 05 — Música latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 15 e 55 — Que quer ouvir? —Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: — Música portuguesa; 19: — O Canto e o seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: — Sinal horário — Diário Sonoro; 20 e 20 — Concerto com obras de Carlos Seixas e Handel Colaboração do cantor Francisco Loureiro Diniz e da cravista Madalena Van Zeler; 20 e 44 — A Orquestra Filarmónica de Paris, sob a direcção de Robert Conman; 21: — Valsas da ópera «O Cavaleiro da Rosa» (Strauss), Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Erich Leinsdorf; 21 e 20 — Tempo Literário; 21 e 45 — Abertura Sinfónica; 22: — Teatro dos Nossos Dias, pelo Dr. Leopoldo de Araújo; 22 e 33 — Concerto para piano e orquestra (Poulenc.); 23: — A Voz do Ocidente; 1 e 15 — Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: — Melodias por orquestras; 21 e 30 — Fados, por João Braga; 21 e 45 — James Last Band; 22: Canzonetas; 22 e 30 — Instrumentistas; 23: — Canções de Shubert pelo barítomo, Dietrich Fischer-Dieskau, ao piano, Gerald Moore· 23 e 30 — Música Sinfónica; 1: — Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290, 1 m — 1034 kc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30 — Lisboa à tarde; 19 e 15 — Contraponto; 19 e 30 — Rádio Jornal; 20 e 07 — Selecção para o seu jantar; 20 e 30 — Semana 7; 20 e 45 — Rádio Placard; 21 e 03 — Diálogo; 21 e 32 — Impacto; 22 e 30 — Quando o telefone toca· 23 e 05 — Mensagens bíblicas; 23 e 19 — Grande Roda; 0 e 02: — «P. B. X.; 2: — A noite é nossa; 6 e 02 — Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Moderação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04 — Programa C. D. C.; 17 e 57 — O nosso programa; 19 e 04 — Vértice; 21 e 02 — Boa noite em FM.; 22 e 02 — Programa à Gô-Gô; 0 e 02; Em órbitra-dois; 1 e 02 — Banda sonora; 2 — Perspectiva; 3 e 02 — Fecho.

Emissor de Miramar — 383, 6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04 — Programa C. D. C.; 18: — Depois do chá; 18 e 30 — Ela e o seu mundo; 18 e 45 — Matinée teatral; 19 e 03; Miscelânea; 19 e 20 — Rabialac; 19 e 35 — Estúdio 64; 20 e 10 — Norte dia a dia; 21 e 05 — Só-Rádio; 21 e 40 — Contrastes musicais; 21 e 45 — I arauto da verdade; 22 e 03 — O Santo; 22 e 15 — Cristo para todas as nações; 22 e 30 — Tiradínio; 23 e 04 — Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1268 kc/s — Às 16 — Radiorama; 18 e 05 — Acerte connosco; 18 e 30 — Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05 — Esquema, 13; 19 e 30 — Página; 1 e 20 — No final — Continuação do programa «Página 1»; 20 e 58 — Meditando; 21 e Jazz-John Coltrane e outros; 22 — Quando o telefone toca; 22 e 30 — Pentagrama; 22 e 45 — Música variada; 23: — A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16 — Radiorama; 18 — Tangos; 18 e 30 — Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30 — Página um; 21: — Hora portuguesa; 22: — Variedades; 23: — 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média 188 m — 594 kc/s — 94 4 m/c — **Rádio Peninsular** — das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2: — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

Câmara Municipal de Lisboa

CONCURSO PÚBLICO

para a concessão da exploração do Botequim da Piscina do Campo Grande

Prestam-se informações na Repartição do Património, nos Paços do Concelho

LICENCIADO EM DIREITO

GRANDE EMPRESA INTERNACIONAL DA CIDADE DE LISBOA

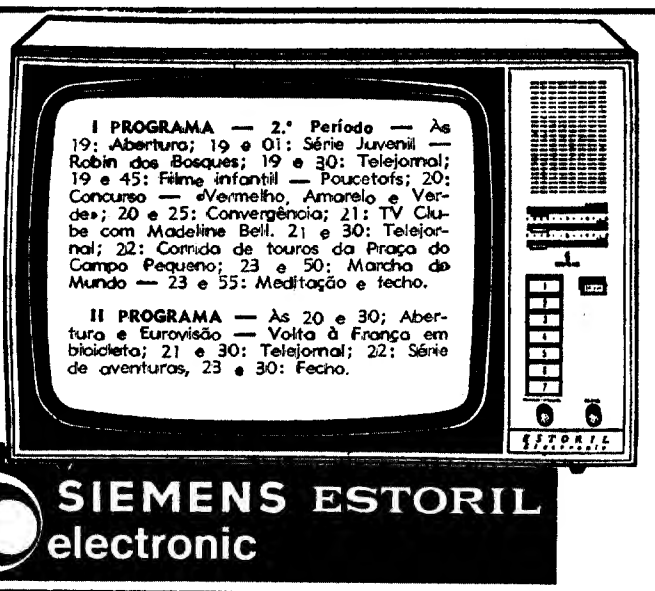
DESEJA PARA ADMISSÃO IMEDIATA LICENCIADO OU FINALISTA DE DIREITO PARA O SEU SERVIÇO

INDICAR IDADE, CURRICULUM VITAE E ORDENADO PRETENDIDO

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 850.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — I PROGRAMA — **1.º período** — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série («Uma mãe para Eddie»); 13 e 45: Telejornal — 1.ª edição; 14: Minidecoração, por Gustavo Fontoura; 14 e 15: Logo á noite — Cartaz dos programas; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — Às 19: Abertura e TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil («Os Poucetofs»); 20: Cartaz TV — Jorge Alves apresenta os programas para a próxima semana; 20 e 10: Entrevista sobre o Circuito de Vila Real; 20 e 25: Os anos 60 da vida internacional; 20 e 55: Série de comédia («Doido com juízo»); 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição (incluindo o Boletim Meteorológico e a reportagem, Via Eurovisão, da parte final da etapa Roubaix-Amiens-Le Tourquet, da Volta á França em Bicicleta); 22 e 15: Inquérito — «Penedos»; 23 e 15: Série policial («Os Vingadores»); 0 e 10; Marcha do Mundo; 0 e 15: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração, por Gustavo Fontoura; 21: Filme de série («Uma mãe para Eddie»); 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22 e 10: TV Jazz, Festival de Harlem, 2.º programa; 22 e 40: História do Islão, 8.º programa; 23 e 30. Fecho.

A morte de Jorge Barradas

Era um grande artista o Jorge Barradas que ontem morreu e amanhã vai a enterrar. Artista até á medula e que para a Arte viveu sempre, nunca tendo tido outra profissão que não fosse a de artista. Pintor dos maiores da sua geração, em dada altura lançou-se a pintar cerâmica e foi uma viragem autêntica na arte contemporânea portuguesa, revivida e actualizada a grande e tradicional azulejaria.

Fica o seu nome inscrito entre os grandes artistas portugueses. Tinha um sentido da cor e das formas verdadeiramente extraordinário. Todo ele era suavidade, delicadeza, harmonia inteira. As formas volumétricas e de cor tinham de ter equilibrio inteiro, tanto nas modelações de figuras, como nos seus desenhos, nos seus quadros. Embora o pintor andasse algo arredio, ultimamente, dos meios artísticos e do conceito popular, dando lugar apenas ao ceramista, duas exposições recentes trouxeram-no novamente a primeiro plano. E com que grandeza! Houve muita gente nova que esbugalhou os olhos: *Mas, afinal Jorge Barradas também é um grande pintor e não apenas um pintor sobre cerâmica...*

Adoecera há tempos, e ele, que fora sempre de saude frágil, daquela fragilidade que transparecia á primeira vista, esteve semanas e semanas internado no hospital. Depois foi recuperando e regressou a casa, ao seu 3.º andar da Rua Barata Salgueiro. Mas não voltou á Brasileira, a dar o seu passeiozinho comedido, lento, erguendo a vista para aquela copa larga de árvore, para aquele portal de boas medidas, para esta ou aquela vivacidade clara que passava.

Ontem uma crise mais grave vitimou-o. A seu lado, como sempre, o anjo da guarda atento e carinhoso de D. Laura, companheira admirável do lar, do atelier, da fábrica, amparo e previdência ao mesmo tempo.

★ ★ ★

Jorge Nicholson Moore Barradas, nascera em Lisboa em 16 de Julho de 1894. Ia completar dentro de dias 77 anos.

O loiro da tez vinha-lhe do sangue inglês de um avô. Infância triste de família pobre que ele lembraria em páginas vivas porque o Jorge Barradas também se dava á escrita, naquela sua letra desenhada e garrafal. Entrou nas Belas-Artes mas por pouco tempo. Começou a desenhar e a frequentar os jornais, as revistas e com Almada, António Soares e Amadeu de Sousa Cardoso, havia de armar uma revolução na Arte Portuguesa. Era o grupo dos futuristas. Expôs, pela primeira vez, no Salão dos Humoristas, no Grémio Literário, em 1912. Iria completar o cinquentenário dentro de pouco tempo.

Depois ilustrou livros, desenhou para os jornais, aparecendo o seu nome no «ABC», no «Diário de Notícias», no «Diário de Lisboa» e em outros. Com Henrique Roldão fundou o «Riso da Vitória».

Em 1923 começou também a pintar e foi uma riqueza de colorido extraordinária. Guaches lápis de cor, tinta, óleo, conjugando uma técnica com outras, Jorge Barradas criava autênticas obras-primas de espontaneidade, delicadeza e cor.

Em 1916 visitara Paris e, em 1928, atirava-se até o Brasil, mas por pouco tempo. Também em 1930 foi por uns meses a São Tomé e a vegetação tropical da ilha havia de o influenciar decisivamente e de lhe enriquecer a sensibilidade já de si tão aguda. Colaborou em muitas obras, exposições, e aí por 1945 lançava-se numa experiência cerâmica de que resultaria grande viragem. A exposição de cerâmicas suas feita no Secretariado Nacional da Propaganda foi um êxito. Vendeu-se tudo.

Desde então continuou a pintar, mas o grande ceramista firmava-se e foram fachadas de palácios, decorações de salas de casas particulares e edifícios publicos, estatuetas e estátuas grandes, em barro pintado paineis enormes e outros pequeninos. Os ultimos foram aqueles que, com os de Querubim Lapa e Resende, se encontram na arcada do grande Palácio de Justiça, de Lisboa.

A sua ultima exposição realizou-a há poucos meses na Galeria de São Mamede.

Jorge Barradas era casado com a sr.ª D. Laura Martins dos Santos Barradas e filho da sr.ª D. Isabel Nicholson Barradas e do sr. João Evangelista Barradas; irmão do actor Alvaro Barradas, tio da sr.ª D. Maria Helena Moreira Serafim e dos srs. Carlos Alberto Martins dos Santos Costa e Carlos José dos Santos Costa; cunhado das sr.as D. Irene Martins dos Santos Moreira e D. Celeste Martins dos Santos.

JORGE BARRADAS

O corpo foi trasladado para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, á Rua Camilo Castelo Branco, estando o funeral marcado para amanhã, dia 2, ás 11 horas, para o cemitério do Alto de São João, a cargo da Agência Magno.

A família enlutada o «Diário de Lisboa» apresenta sentidas condolências

O espírito de amizade que caracteriza as relações de Portugal com a África do Sul — salientado pelo dr. Rui Patrício

O «espírito de amizade que caracteriza as relações de boa vizinhança e de cooperação económica que Portugal mantém com a Republica da África do Sul» foi assinalado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, ao chegar esta manhã, ao aeroporto de Lisboa, no regresso de uma visita oficial que fez áquele país, a convite do seu colega, dr. Muller. O dr. Rui Patrício viajou acompanhado pela esposa e pelos srs. dr. Caldeira Coelho, director-geral dos Negócios Políticos do Ministério; dr. Tomás Andersen, adjunto do director-geral dos Negócios Económicos, e drs. Luís Navega e Vasco Bramão, chefe de gabinete e secretário, respectivamente.

No aeroporto, aquele membro do Governo fez um breve relato de viagem, durante o qual visitou também Angola e Moçambique. Afirmou nomeadamente:

«Quero, em primeiro lugar, recordar a satisfação que me deu conhecer esse belo país, no qual fui tão cordialmente recebido. No decurso da visita efectuaram-se conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano e com altos funcionários do seu ministério e de outros departamentos ministeriais da Republica da África do Sul. Também me encontrei com o primeiro-ministro, sr. Foster. As conversações realizadas foram interessantes e uteis, e permitiram uma larga troca de pontos de vista sobre problemas de interesse comum, dentro do espírito de amizade que caracteriza as relações de boa vizinhança e de cooperação económica que Portugal mantém com a Republica da Africa do Sul Avistei-me ainda com representantes qualificados das actividades económicas sul-africanas, designadamente dos sectores da energia, dos transportes e da industria. Finalmente, tive um encontro muito afectuoso com muitos representantes da grande comunidade de portugueses que residem ou trabalham na África do Sul. Por ultimo, quero renovar aos Governo Sul Africano e muito especialmente ao meu colega e amigo dr. Muller os momentos agradáveis e a cordial hospitalidade recebida.»

EXAMES NO PINO DO VERÃO

Mais de 50 mil crianças iniciaram hoje as provas da quarta classe

Com a prestação das provas escritas de Língua Portuguesa e História Pátria (ditado e redacção), e de Aritmética e Geometria, e das provas práticas de Desenho e Trabalhos Manuais, iniciaram-se hoje os exames da 4.ª classe do ciclo elementar do ensino primário.

Mais de 150 mil crianças foram inscritas para prestar esse exame, embora nem todas o tenham começado hoje. Pelo Continente estão propostos 142.294 alunos, enquanto pelos Açores e Madeira não são mais que 8700.

Cerca de 2250 juris, constituídos cada um por três professores, funcionaram hoje nas sedes dos concelhos e em outras localidades. Cada juri ocupou-se, em média, de 24 alunos, daí se concluindo que esta manhã (de muito calor), prestaram provas aproximadamente 54 mil alunos.

As provas escritas e práticas realizam-se ainda amanhã e depois, sendo os seus resultados e a marcação das provas orais tornados publicos até ás 17 horas do dia 5.

As provas de formação do Ensino Técnico

Esta manhã principiaram também os exames finais dos Cursos de Formação do Ensino Técnico. Às 9 horas realizou-se a prova de português dos Cursos Industriais, excepto o de Formação Feminina, e ás 11 horas foi a vez da prova de Francês para o Curso geral do Comércio e Formação Feminina.

Os departamentos deste sector do ensino não dispunham de numeros exactos dos alunos submetidos a exame, mas foi-nos fornecida a quantidade de pontos distribuídos para cada prova.

Assim, no Continente e Ilhas Adjacentes foram distribuídos 14 mil pontos de Português (três mil no Ultramar). Quanto aos de Francês, no Curso Geral do Comércio foram destinados 13 mil pontos para o Continente e Ilhas, e 3 mil para o Ultramar, enquanto á Formação Feminina foram distribuídos 7 mil provas de Francês no Continente e Ilhas e 1.500 no Ultramar.

É evidente que estes numeros pecam por excesso, mas dão uma ideia aproximada do montante de examinandos naqueles cursos e provas.

Entretanto, concluem-se hoje as provas escritas de 2.ª chamada dos exames de 7.º ano, com as provas de História e Ciências Naturais, ás 15 horas, e Francês e Alemão, ás 17, e prosseguiram as provas escritas de 1.ª chamada do 5.º ano, com os exames de Ciências Físico-Químicas, e de Desenho e Comércio ou composição Decorativa.

Conservatório Nacional

Esta manhã, ás 10 horas, efectuaram-se provas do Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional. Dos três alunos inscritos só um compareceu.

Também á mesma hora se realizaram provas escritas do 2.º ano de Português para o qual estavam inscritos 19 alunos.

COMEÇOU EM LISBOA O SEMINÁRIO SOBRE «FINANCIAMENTO DA EUROPA» PATROCINADO PELO BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Conforme temos noticiado, começou ontem, em Lisboa, por iniciativa do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, um importante Seminário sobre «Financiamento na Europa» no qual tomam parte, além de altas individualidades da banca internacional, muitos empresários portugueses e estrangeiros ligados aos meios económicos e financeiros.

Este Seminário é como que um encontro de pontos de vista, uma troca de experiências, uma análise de processos, um termo de comparação entre economistas e banqueiros sobre métodos de gestão e técnicas de financiamento que estão a ser praticados em todo o mundo e que, por isso, se revestem da maior actualidade e importancia para nós, portugueses, agora decididamente encaminhados para a integração económica europeia.

Na sessão inaugural do Seminário, a que preside J. Adant, membro do Management Committee e da Societé Generale de Banque, S. A., de Bruxelas, o dr. S. R. F. Plasschaert, do Bank Von Brussel, de Antuérpia, fez uma importante conferência sobre «Os problemas monetários internacionais e as suas consequências na gestão financeira das sociedades» que a assistência seguiu interessadamente tendo havido, no final, um generalizado debate sobre alguns dos pontos mais relevantes do valioso trabalho do dr. Plasschaert, especialmente certos aspectos da internacionalização dos negócios e das finanças e a crise do presente sistema monetário. Algumas das intervenções revestiram-se da maior importancia por representarem pontos de vista e procedimentos que são, afinal, as traves mestras da economia e da alta finança internacionais.

Depois do almoço, o Seminário continuou durante a tarde. J. Adant pronunciou uma conferência sobre «Financiamento interno das empresas», que foi seguida por viva troca de opiniões entre todos os participantes nesta importante reunião, feliz realização do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa que está a merecer o maior interesse dos meios financeiros e económicos, tanto estrangeiros como portugueses.

O Seminário continuará hoje e termina amanhã, sendo de prever, desde já, que será uma valiosa contribuição para a integração europeia da nossa banca e dos nossos empresários.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

É GRANDE A EXPECTATIVA PELO SORTEIO DOS PRÉMIOS

Atingem largas dezenas de milhares os participantes na segunda fase da iniciativa, a que se encontram, como se sabe, automàticamente habilitados todos os que tomaram parte na primeira fase de Leitor do «Diário de Lisboa», a grande realização com que o nosso jornal abriu o ciclo das comemorações do seu cinquentenário.

Leitores de todos os pontos do País manifestam a sua expectativa pelo sorteio que, conforme determina o regulamento, se realizará em 26 do corrente. Até lá, os que remeteram os cupões-duplos de identificação até ao dia 30 do mês findo, data limite para a recepção, receberão os cartões que os identificam como leitores do «Diário de Lisboa» e os números que os vão habilitar ao sorteio de óptimos prémios. E não será demais recordar que o primeiro dos prémios instituídos é, nem mais nem menos, um confortável apartamento mobilado, em Paço de Arcos, e um magnífico automóvel «Morris 1300», de quatro portas e cinco lugares. Mais dois apartamentos também mobilados e em Paço de Arcos estão ao alcance dos participantes na nossa iniciativa, bem como viagens pelo mundo, instituídas com a colaboração da Varig, da Canadian Pacific e da SAS, proporcionando visitas ao Rio de Janeiro, Montreal e Toronto (e às famosas Cataratas do Niagara), à Escandinávia (com escala em Copenhague, Oslo e Estocolmo) e ainda Paris, Londres, Roma e Franckfurt. Acrescente-se que as viagens são duplas, pelo que os contemplados podem fazer-se acompanhar por um familiar ou amigo, beneficiando ainda de uma estadia de oito dias, além de outros prémios de valor e utilidade.

Magníficas oportunidades estão, portanto, ao alcance dos muitos milhares de participantes na nossa iniciativa. Poucos dias faltam, aliás, para sabermos quem são os felizes contemplados.

Recordamos uma vez mais a conveniência de todos os participantes na nossa iniciativa conservarem os «cabeçalhos» (título e data da primeira página do nosso jornal) publicados entre 7 de Abril findo e 7 de Julho corrente. Se forem contemplados em sorteio, apenas poderão entrar na posse do prémio que lhe foi atribuído se exibirem essa colecção de «cabeçalhos» perante um delegado do «Diário de Lisboa» e um representante da autoridade policial da localidade onde o premiado resida.

LEITOR DO Diário de Lisboa

JORNAIS ATRASADOS

- **Os leitores, residentes em Lisboa, que pretendam jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem adquiri-los na Rua Castilho, 185, 1.º e na Rua Luz Soriano, 17, das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 18 e 30, excepto aos sábados, em que o horário é das 9 e 30 às 13.**

- **Os leitores que morem fora de Lisboa podem dirigir-se por carta à Rua Castilho, 185, 1.º, enviando o valor dos jornais desejados, pelo correio, podendo fazê-lo por cheque, selos ou vale do correio.**

LISTA DOS PRÉMIOS

1. PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos proximo da praia, constituido por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edificio, construido e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300» de quatro portas e cinco lugares

2.º PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituido por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edificio, construido e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituido por uma sala comum, «kitchnette» e casa de banho, em moderno edificio construido e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L. (com um seguro pelo prazo de um ano, no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense)

4.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em aviões da VARIG e estadia durante oito dias

5.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara

6.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara

7.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara

8.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara

9.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara

10. PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

11. PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

12.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

13. PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

14. PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma em avião e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

15.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

16.º PREMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA

17. PREMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144 um relógio «Vulcain» de pulso para homem Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA

18. PREMIO

Um gravador «Philips» EL-3302 Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana

19.º PREMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA Um relógio «VULCAIN» de pulso para homem

20. PREMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas 14 ✲ Tel 327256**

VIELA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Curtumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim **Danças pelo** Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef 328307 ✲ Encerra aos domingos**

ADEGA MACHADO

Cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. Mín., 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CA... ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - .264526-264596-264621-264946.**

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop—Soul e Undergraung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes 64-66 ✲ Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente, **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633**

D QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Música constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
534466 560949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto «Leader» ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef 530171

BATACLAM
BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430
BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

Decresceu 14% a população do distrito de Viseu

O distrito de Viseu, que em 1969 tinha 477 468 habitantes, acusou o ano passado uma população de 409 753 pessoas — menos 14%, portanto.

Os números foram agora revelados pelo Instituto Nacional de Estatística, que prossegue a divulgação das conclusões do apuramento preliminar do XI Recenseamento Geral da População.

Em todos os 24 concelhos do distrito houve decréscimo populacional, situando-se o ponto mais elevado no de S. João da Pesqueira (33%) e o mais baixo no de Viseu (3%).

No decénio 1950-1960, o distrito já acusara um decréscimo populacional da ordem dos 2%.

Novo administrador do Banco de Portugal

O dr. Alvaro Ramos Pereira tomou posse do cargo de administrador do Banco de Portugal, para o qual fora designado, nos termos estatutários, na sessão do conselho geral de 8 do corrente.

UMA PRODUÇAO DE LEONID MASSINE foi agora encenada em Londres no Coliseum Theatre. Trata-se de «Le Beau Danube», bailado estreado há vinte anos e pouco visto nestas duas décadas. O tom geral de comédia dá a Gillian Shane, Peter Schaufuss e Mona Telford uma boa oportunidade de brilharem.

A «FORJA» DE ALVES REDOL ENCENADA EM CABO VERDE

Mais de uma dezena de grupos de teatro amador tem encenado e representado em todo o País a «Forja» de Alves Redol, apresentada há dias com grande êxito em Vila Franca de Xira, pelo Teatro de Ensaio do Barreiro. Lotação esgotada e calorosas ovações interrompendo por várias vezes a representação. Aliás, logo que entraram no palco as primeiras figuras, ressoaram os aplausos.

Também em Cabo Verde se realizou uma primeira apresentação da «Forja», no Liceu Gil Eanes (ilha de S. Vicente), a função a cargo de um grupo de alunos daquele liceu. Assim se inicia a exibição da peça em terras africanas, esperando-se que possa continuar contribuindo para um maior esclarecimento do público. Recorda-se que esta obra de Alves Redol foi, aliás, levada à cena pela primeira vez na África do Sul pelo grupo de teatro de uma agremiação de trabalhadores portugueses.

Entretanto, o grupo de teatro da Sociedade Operária Joaquim António de Aguiar está a preparar mais duas sessões com a peça.

A actividade seguradora em 1969

O «Boletim de seguro», no seu n.º 82, agora publicado, traz um relatório sobre a actividade seguradora em 1969, ano em que «foi de 81 o número de sociedades de seguro autorizadas a exercer a sua actividade no Continente e nas Ilhas Adjacentes, sendo 42 nacionais e as restantes estrangeiras». Ainda: «Além disso continua a ser de 6 o número de sociedades que exploram apenas o resseguro».

Os recursos das sociedades de seguros que em 1959 eram de 2 549 702 contos, elevaram-se em 1969 a 5 882 880 contos, o que representa um aumento de mais de 100 por cento no espaço de dez anos.

Dessa verba, em 1969, 3 674 085 contos, ou sejam 62,4 por cento provinham de seguros directos.

No relatório se analizam diversos aspectos nos vários ramos de seguro, desde o ramo vida ao de «acidentes de trabalho», aos ramos reais. Assim se nota um nítido retrocesso no ramo vida, no que respeita às sociedades nacionais, continuando em pleno crescimento o de acidentes de trabalho.

Quanto aos ramos reais, o crescimento médio nos últimos dez anos foi de 8,0 por cento no ramo Fogo, 14,3 por cento no ramo Automóvel, e 10,8 por cento no conjunto dos ramos reais.

Estudos diversos e estatísticas completam o volume do maior interesse para o estudo da vida económica portuguesa

CANADÁ COMPRA

Cada vez mais.
A cada vez mais empresários portugueses.

A CP Air é um instrumento desse desenvolvimento. Temos 14 anos de experiência a transportar portugueses. E fazemos mais voos para o Canadá do que qualquer outra Companhia. 5 voos semanais para Montreal entre 25 de Abril e 30 de Outubro, e 6 voos semanais entre 3 de Junho e 26 de Setembro. Todos directos, sem escalas. Voe na CP Air para os Estados Unidos visitando o Canadá sem acréscimo de custo.
A partir de Toronto e Montreal, ligações convenientes para os Estados Unidos e outros destinos no Canadá.

CP AIR — A ÚNICA COM VOOS DIRECTOS PARA TORONTO E MONTREAL.

DESEJAVA RECEBER DOCUMENTAÇÃO ACERCA DOS VOSSOS VOOS DIRECTOS PARA TORONTO E MONTREAL
NOME .....
MORADA .....
TELEFONE ..... DESTINO EXACTO DA MINHA VIAGEM: .....
DATA PROVÁVEL DA VIAGEM: ..... DURAÇÃO PROVÁVEL DA VIAGEM: .....
VIAJAREI ACOMPANHADO DE ☐ PESSOAS • VIAJARÃO COMIGO ☐ CRIANÇAS COM MAIS DE 12 ANOS

Consulte o seu Agente de viagens ou a CP AIR - Canadian Pacific
Av. da Liberdade, 261 — LISBOA — Telefs. 53 95 55 / 55 61 09 / 53 93 68

CP Air
Canadian Pacific

VIAJANDO COM A CP AIR
...verá o mundo como quer!

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castro Marim em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve — Ceal — S. A. R. L. para o estabelecimento na freguesia e concelho de Castro Marim, duma linha aérea a 30 kV com 877 m, do poste n.º 92 da linha Tavira-Subestação de Aldeia Nova ao posto de transformação n.º 30.04.04 de Altura, sito no lugar de Lagoa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1971.

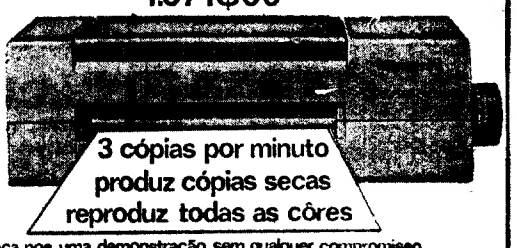
O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Festa é festa em Reguengo do Fetal

LEIRIA, 1 — A semelhança dos anos anteriores, vão realizar-se na típica e serrana aldeia do Reguengo do Fetal (Batalha), os IV Grandes Festejos do Verão, de 4 a 12 do corrente.

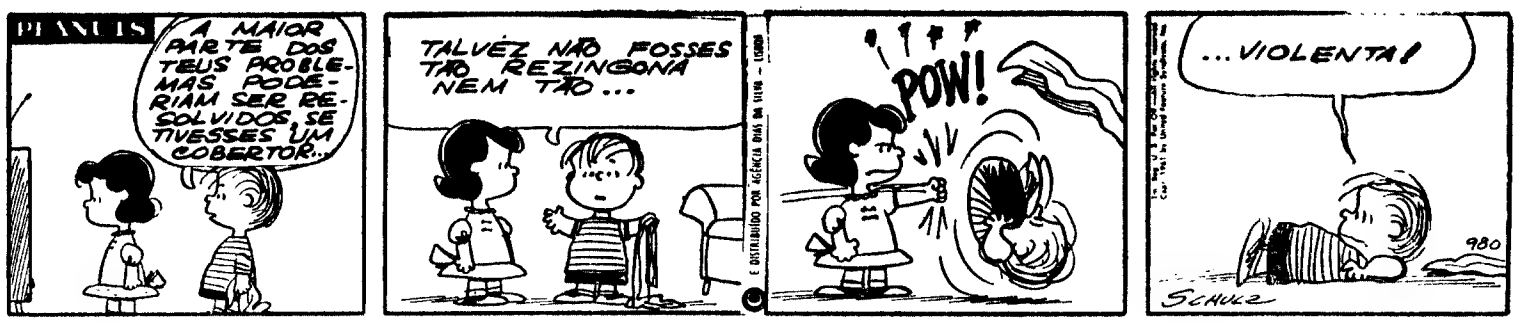
Incluídos no programa festivo haverá uma prova de perícia automóvel, bailes populares, torneio de tiro aos pratos, gincana de motorizadas, concurso de varandas floridas, marchas populares, variedades, gincana infantil de bicicletas e festival de folclore.

MÁQUINAS DE FOTOCÓPIA
4.074$00



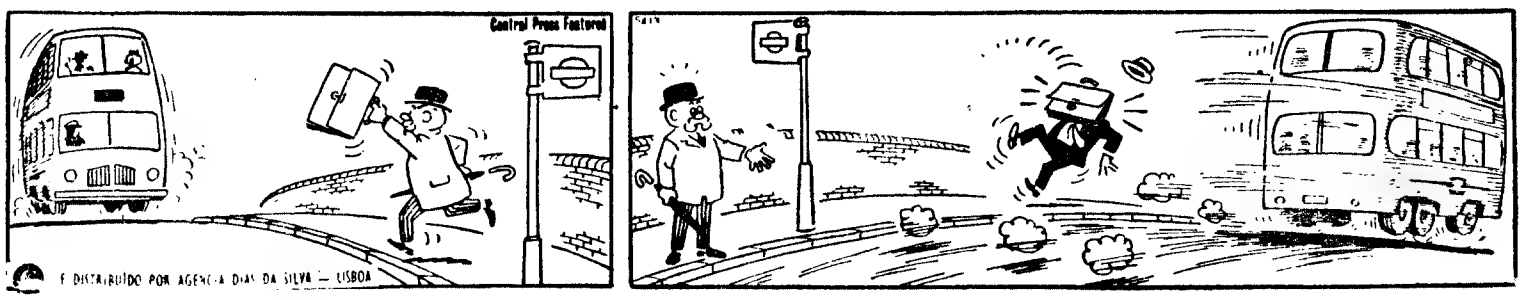
peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso
sertic portuguesa
rua buenos aires, 7 1º tel. 667928 e 667772

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Julho de 1941 publicava:

«ESTOCOLMO, 1. — Esquadrilhas de bombardeiros alemães atacaram a base naval e aérea russa de Hangoe, mas tiveram de retirar devido á enérgica intervenção da defesa anti-aérea e de dezenas de aparelhos soviéticos.

«A artilharia alemã continua a bombardear com a maior violência as fortificações de Hangoe, replicando os canhões russos com o maior vigor.»

A HOMENAGEM AO DR. FERNANDO ILHARCO

O anunciado jantar de homenagem ao director do Instituto de Assistência Psiquiátrica, dr. Fernando de Magalhães Ilharco, a realizar pelos funcionários dos estabelecimentos do referido Instituto e por um grupo de amigos, será esta noite, ás 20 e 30, num restaurante de Montes Claros Montes Claros.

Palavras cruzadas

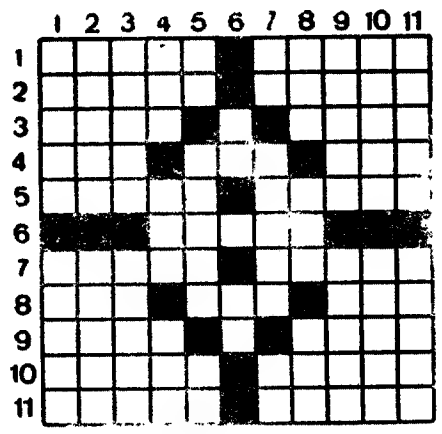
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5939

HORIZONTAIS: 1 — Assassinar. Descascos. 2 — Freguesia do concelho de Torres Novas. Barrote. 3 — Espécie de saia de algodão usada pelos Timorenses de ambos os sexos Acrescentar. 4 — Pegadeira. Suspiros Monarca. 5 — Uma das Espórades. Abertura no alto da muralha de uma fortaleza 6 — Rio de França 7 — Tecido de algodão ou linho muito transparente Edificar. 8 — Patrão Mensalidade Antigo indefinido. 9 — Preposição Anéis. 10 — Venera O mesmo que encarar — Pessoa muito parecida com outra Resides

VERTICAIS: 1 — Agentes (fig.) Protecção (p.) 2 — Pente o. Quente 3 — Abafam. Partes oleosas que se separam do leite 4 — Camarada Pimenta das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Amares Apetite 5 — Rádio (s. q.) Queimam. Empertigue 6 — Letra grega. Pronome pessoal 7 — Pudim (s. q.). Curas Amónio (s. q.) 8 — Cólera Doença Ferro temperado. 9 — Grite descontroladamente Serar 10 — Despachar Fruto do cmoeiro 11 — Sisuda Nivelas

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5938

HORIZONTAIS: 1 — Atacadas. As. 2 — DIVIDIR Aço 3 — Aí. Iatagã 4 — Air. Elara 5 — Rara. Asa. És. 6 — Olá. 6 — Olá. Roa Cás 7 — Ca. Pés. PARA. Apeai. Eis. 9 — Afinar Am 0 — Ora. Adiaras 11 — Sa Trincara

VERTICAIS: 1 — Aa Troca Os 2 — Tia Alapara. 3 — Aviara Eta. 4 — Cl. Ia. Pai 5 — Adir. REINAR. 6 — Dia. Aos. Adi 7 — Antesa. Elm 8 — Ala. Pi. AC. 9 — Agá. Casara 10 — Acarear. Mar. 11 — Só assas. Sa

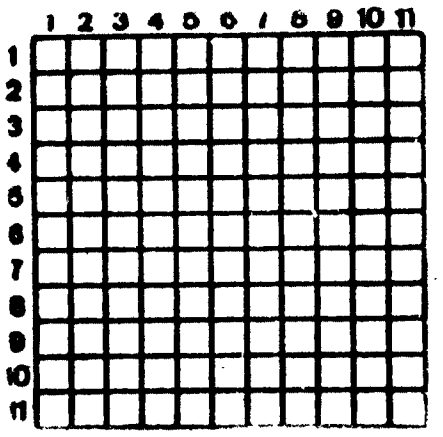
PROVÉRBIO: **Dividir, para reinar.**

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9782

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da India Departamento da Guatemala 2 — Arejar. (Bras). Assoreai. 3 — Fecho as asas para crescer mais depressa. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que oh! oh! 4 — Papá na linguagem infantil. Divisão de uma casa. 5 — Nome de mulher Cidade da Jugoslávia. Ente. 6— Atasca. 7 — Patrona da ilha de Malta Louco. 8 — Caruma. Acreditas. 9 — Ligue. 10 — Molnar. Dissipavo (fig) 11 — Árvore ornamental cultivada em Portugal e conhecida também por árvore-da-Judeia. Gostais muito de

VERTICAIS: 1 — Noitada Todo o corpo que existe no espaço. 2 — Viração Amante. Artigo definido (ant) 3 — Animal irracional. Aliado. 4 — Cidade da Holanda Amara Nesse lugar 5 — Ane Fruto da ateira Lavo dos feridos dos animais 6 — Passado. Prefixo de negação. 7 — Cidade de França. Para barlavento. Bebida usada nas Índias orientais. 8 — Estavas Donzela de Orleães Ribeira da Ásia Russa 0 — Tramas Cheiro 10 — Palavra ativa pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal Levante. Segundo. 11 — Pica sem o bico (a avel Pronome demonstrativo



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9781

HORIZONTAIS: 1 — Lar Som. Mal 2 — Amor. Rabi. 3 — Nas. Cós. Rãe 4 — Clara. Aviso. 5 — Selaria 6 — Laços. 7 — Reavi. Salso 8 — Arma. Rato. 9 — Ido. Tom. Mas. 10 — Aarão. Arari 11 — Soara. Rasas.

VERTICAIS: 1 — Lança Raias 2 — Amai. Perdão. 3 — Rosas Amora. 4 — Relva. ar. 5 — Calai. Toa. 6 — Ovo. AC. Fó. 7 — Saros. Mar. 8 — Visar. Rã 9 — Mario. Lamas 10 — Abas. Estará 11 — Lisos. Oásis.

REFRIGERAÇÃO ELECTRO - AUTOMÁTICA CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SECÇÕES DE ACESSÓRIOS

LUSOFRIO, LDA.

AV. SACADURA CABRAL, 19-A
Tels.: 77 62 87 Stand — 77 46 55 Esorit
LISBOA 1

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica. Av 5 de Outubro, 203, r/c. esq (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

VENDA AO PÚBLICO

Em CORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

APARELHAGEM
Electro-domésticos
TUDO PARA V/ CASA — S/ FIADOR
NA NOSSA CASA COMPRA COM MENOS DINHEIRO
CASA MAX

RADIOLOGISTA

O Hospital da Misericórdia da Lourinhã, pretende médico radiologista em regime de PART-TIME.
Resposta a este Hospital.

CAMIS[illegible] MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes 39
[illegible] Sa danha

Cintos de segurança: sùbitamente, um motivo de apreensão para muitas pessoas, impossibilitadas de cumprir a lei

NA IMPOSSIBILIDADE DE CUMPRIREM A LEI

MAIS UM MÊS PARA COLOC OS CINTOS DE SEGURAN

— precisam e pedem (com toda a justificação) muitos autom

A partir de hoje todos os automóveis ligeiros de passageiros e mistos, matriculados desde 1966, têm de possuir cintos de segurança nos bancos da frente. A marcação de cintos, feita pelas autoridades competentes, por outro lado, terminou ontem — isto para os apetrechos comprados antes da disposição legal. Ora, acontece que escasseiam cintos de segurança nas lojas de acessórios da cidade.

Assim, na «Boticauto», na Rua Castilho, os cintos estão esgotados há uma semana. Já foram vendidos, aos balcões daquele estabelecimento, cerca de 2500 cintos. Chegaram a ter 1500 em «stock». Agora, os pedidos sucedem-se e não podem ser satisfeitos. Porquê?

— A nossa fornecedora, a Baporl, tem cintos de segurança, mas ainda não foram vistoriados pelas autoridades alfandegárias — dizem-nos.

— São cintos estrangeiros?

— Sim, são cintos estrangeiros.

Dirigimo-nos a outra firma da cidade, a «Auto-Rato», e ouvimos o sr. Vítor Lopes:

— Actualmente, não temos cintos de segurança. Já vendemos mais de 2000. E temos centenas de pedidos. Há casas, em Lisboa, que ainda os têm, mas custam caro... Os cintos não estão totalmente esgotados. Acontece, por outro lado, que as pessoas guardam estas coisas para a última hora. Tivemos cintos de fabricação portuguesa, cintos com fechos americanos, cintos com fechos japoneses, todos já carimbados.

— Já há fábricas portuguesas a fabricar?

— Diversas unidades fabris do Norte já fazem cintos. Os estrangeiros ficam ao cliente por 200$00 cada. Agora estamos constantemente a receber telefonemas com pedidos de cintos, precisamente porque as pessoas guardam tudo para o fim. Os cintos estrangeiros levam dois a três meses a chegar, precisam do despacho da Alfândega... Hoje ou amanhã, esperamos já ter cintos, mas as fábricas mandam-nos 50 ou 100 unidades, o que não chega para nada. Os cintos, por outro lado, não podem ter preço único, variam entre os 140 e os 200 e tal escudos. Além do mais, já aumentaram na origem.

Pelos vistos, a «lei da oferta e da procura» está a aplicar-se, desta vez, aos cintos de segurança. Mas outro problema surge: o cliente, como é natural, procura o cinto mais barato, «desprezando» os mais caros, ainda existentes em algumas casas. As diferenças de preço, como se prova, são bastante apreciáveis. O suficiente para que haja hesitações, mas arrisca-se à multa.

Uma última pergunta ao sr. Vítor Lopes:

— O que acha dever ser feito para obviar aos inconvenientes da falta de cintos no mercado?

— Só vejo uma solução: prorrogar o prazo por mais um mês, para que tudo se normalize.

O mercado não estava preparado para tanta procura

Tanto quanto pudemos apurar, muitos veículos do Estado ainda não possuem cintos de segurança, o que vem reforçar a conveniência de ser prorrogado o prazo.

Disseram-nos que o atraso se deve a um molde que ainda está a fazer...

Cintos estrangeiros, cintos nacionais, «stoks», ausência de «stocks» — quantos problemas. Ninguém põe em dúvida a conveniência de os carros estarem equipados com cintos, internacionalmente provado, como está, que os mesmos têm muito mais vantagens do que inconvenientes.

O proprietário da casa Unicar, Lda., sr. Carlos Silva, também não tem cintos para vender. Diz-nos:

— Vendemos muitas centenas, ainda ontem tínhamos. Agora, estão esgotados. Às 11 horas vendemos os últimos. Até pessoas da estrada de Benfica se deslocam até cá, na esperança de ainda arranjarem.

E a conversa prossegue:

— O mercado não estava preparado para esta procura. A maior parte dos cintos era de importação. As fábricas não têm matéria-prima para satisfazer as encomendas. O razoável seria prolongar o prazo por mais um mês. Existem muitos problemas, no que respeita a nós, comerciantes, no capítulo das importações. Bem vê: os cintos vendem-se por enquanto, mas, depois, sucede como com o triângulo de sinalização, os carros começam já a vir equipados dos «stands»... Mandávamos vir, por exemplo, 10 000 unidades e, depois, não teríamos, dentro de algum tempo, a quem os vender. Os cintos nacionais ficam mais caros, mas só agora o sabemos... Compreende-se, aliás, que fiquem mais caros, pois houve que fazer moldes e há vários fabricantes... Mas agora só requisitamos nacionais. Pelas razões que apontei, não podemos estar a importar grandes quantidades. O importado vendia-se a 175$00, o nacional vende-se a 200$00. Hoje, apenas numa hora, eu teria vendido 60 cintos de segurança... Mas a produção demora. E, dado que isto complica a vida a toda a gente, devia ser prorrogado o prazo por mais um mês. Quanto a mim, e no que respeita a medidas de segurança rodoviárias, acho que elas

Voltam
gurança
seguinte
ram ma
siva. q
com o t
nhará
dentro

Enfim
essencia
rogação
por mai

MA

MANT
cumprid
prévias
búrbios
Santo A
dias ou
nómica
Previdê
A respe
já adju
rão iníc

Entre
São Dom
so os t
ção de
co, do
aproxim
obras
funcion
la, a
quim C

dê
aos seus filhos
o melhor prémio
...aprender inglês onde se fala inglês

Peça ao seu Agente de Viagens os programas dos Cursos de Férias Multitur. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a língua internacional de hoje — o inglês.

Inglaterra
Anglo Continental School of English
- Cursos em Bournemouth, Londres e Oxford
- Inscrições — ambos os sexos, maiores 16 anos
- Duração — 2, 3 ou 4 semanas
- Partidas regulares, com início 5 Julho
- Preços (tudo incluído) desde 6.939$ *

Irlanda
Marian College (Colégio Marista)
- Cursos em Dublin
- Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos
- Duração — 4 ou 8 semanas
- Partidas — 4 Julho e 1 Agosto
- Preços (tudo incluído) desde 9.400$ *

* *Aproveite as facilidades do sistema Multicrédito*

Cursos de férias
multitur

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

CRÓNICA CINEGÉTICA

Abundância de coelhos em Mação

Segundo um leitor do «Diário de Lisboa» nos esclarece, os coelhos bravos na região de Mação constituem autêntica praga das hortas, vinhas novas, searas com área inferior a um hectare e dos mimos caseiros, cultivados no pedaço de terra amanhado com sacrifício de velhos e velhas, já que os novos emigraram. E a certa altura da sua missiva, aquele leitor, que deseja conservar-se no anonimato, afirma: «*Plantam-se dois ou três centos de couves e umas alfaces; semeiam-se uns feijões para verde e têm-se uns centos de videiras. Pois numa noite ou duas, a terra fica pelada, os terríveis roedores devoraram quanto apanham. E se os bichos daninhos soubessem ler, em poucos meses reproduzir-se-iam aos milhares, pois é proibido caçar numa área com um raio de 300 (aliás 250) metros dos povoados (não vá algum grão de chumbo atingir as pessoas). Mas como se destrocm, então, tão nocivos roedores?*» Este leitor afirma ainda mais o seguinte: «*Em muitas povoações do concelho de Mação poucas pessoas apanharam feijão-verde nas suas hortas (a praça da terra); hortaliças só escapam à voragem cobertas de D. D. T.; ainda há poucos dias uma vinha nova num quintal desta vila — umas mil e tal videiras de uva de mesa — foi completa e totalmente devorada pela caça. Uma calamidade para milhares e milhares de pequenos agricultores — afinal, senhores defensores do monopólio da caça através de coutos nem todos os proprietários estão de acordo nem pelo vosso lado, como apregoais sofisticamente, no sentido de coutar o maior número possível de terrenos — com a protecção à caça de pêlo*».

A carta deste prezado leitor de «Diário de Lisboa» visava uma passagem de um artigo, aqui inserto, da autoria do signatário que preconizava protecção à riqueza cinegética, amparo que de forma alguma se pretende que possa vir a causar danos aos agricultores.

Ora o que é indiscutivelmente certo é que nem em todo o País se verificam estragos causados pela abundância de coelhos, ou mesmo lebres, em terrenos onde o direito de caçar é livre, acontecendo até que, não raro, em muitas e extensas regiões, este roedor escasseia devido à perseguição implacável que lhe movem caçadores legais e furtivos, além de que ainda são manifestamente evidentes os efeitos da mixomatose. E tanto assim é que as Comissões Venatórias procuram, por todas as formas possíveis, salvar este roedor do seu exterminio certo, já repovoando, já interditando a caça em grandes áreas.

Certo é também que os proprietários ou agricultores prejudicados pelos animais de espécies cinegéticas podem atenuar esses danos fazendo uso da faculdade conferida pelo Regulamento da Caça nos seus artigos n.os 108, 104 e 260. Ainda bem recentemente, como aqui foi dito no n.º de 9 deste mês de Junho, o «Diário de Lisboa» tornou conhecidas operações-chacinas de coelhos nos subúrbios de Palmela, apesar de nos encontrarmos em pleno defeso, quando em nosso entender estes animais deveriam ter sido caçados na época própria — de 15 de Outubro a 15 de Janeiro — ou apanhados vivos, caso se verificassem os alegados danos por eles causados nas culturas dos terrenos onde eram sedentários ou próximas só devidos á sua elevada densidade, para repovoamento de terrenos onde escasseasse a espécie ou esteja extinta e as culturas não fossem afectadas.

E assim se protegeria esta espécie venatória. Agora repare-se: o que seria se algum dia a Nação chegasse a ser totalmente coutada como algumas pessoas, atacadas de forte dose de febre couteiral, sonham?

NABAIS DA CUNHA

S. José Operário na Baixa da Banheira

Na Baixa da Banheira decorrerão de 3 a 7 de Julho as Festas a São José Operário, cujo programa, valorizado por atractivos originais, inclui luzidas cerimónias religiosas com solene procissão, desfile de «zés-pereiras» pelas ruas, concertos musicais, exposição de pintura e da Feira do Livro, exibição de «ranchos», provas desportivas, etc. Haverá vistosas ornamentações e iluminações e nos dias das festas girândolas de foguetes e morteiros.

A
OURIVESARIA DA GUIA
FUNDADA EM 1875
RUA DE D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)
comunica aos seus Ex.mos Clientes que, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, o seu estabelecimento encerra aos sábados às 13 horas

I

OCAR
NÇA
tomobilistas

que elas não deviam ser sugeridas, como no caso dos cintos que só põe quem quere, mas, sim, obrigatórias. Não compreendo, por outro lado, que os carros não venham já equipados, de fábrica, com pneus radiais, por exemplo, estando provado que os mesmos aumentam a segurança da condução!

Voltando aos cintos de segurança, cabe ainda pôr a seguinte questão: nos que foram marcados com fita adesiva, que fàcilmente cairá com o tempo, como testemunhará o condutor que está dentro da lei?

Enfim, por enquanto, o essencial parece ser a prorrogação do prazo, pelo menos por mais um mês.

MANTEIGAS CRESCE

MANTEIGAS, 30 — Estão cumpridas as formalidades prévias à construção, nos subúrbios desta vila (sítio de Santo António), de 40 moradias ou fogos de renda económica para beneficiários da Previdência e Casa do Povo. A respectiva empreitada foi já adjudicada e as obras serão iniciadas em breve.

Entretanto, no Bairro de São Domingos estão em curso os trabalhos de construção de um Posto Sismográfico, do mesmo passo que se aproximam da conclusão as obras do apartamento onde funcionará, nesta mesma vila, a Cantina Escolar Joaquim Craveiro Rabaça.

O SAL DA TERRA

de URBANO TAVARES RODRIGUES

JUNHO, 21

Anuncia-se que os guerrilheiros do «Bangla Desh» preparam nova ofensiva. Escorraçados das cidades pelo Exército regular do Paquistão Ocidental, ocuparam alguns enclaves, a favor das inclemências da monção, que alaga as terras e dificulta as manobras das forças convencionais. Porém, ante o avanço destas, os rebeldes lògicamente recuarão. Não haverá frente de batalha, mas luta de guerrilhas, talvez por longo tempo inextinguível, como a chama da liberdade que a anima. Nuns lados, barricada de palavras, noutros barricadas de flores, no Paquistão barricadas de cadáveres. Tão longe ainda das «formas icónicas da era da electricidade», os bengalis vivem a antítese de sempre na marcha da humanidade para o progresso e para a sua plena hominização: «Vale alguma ideia o sacrifício de uma vida humana?» e «Alguma existência se justifica sem a radiação de um ideal pelo qual o indivíduo se disponha a morrer?» Por outras palavras: os estímulos morais empurram decisivamente para diante aqueles a quem as condições económicas podem, ou não, mover à acção.

JUNHO, 28.

O cólera chegará à Europa em breve? A interrogação é mais do que legítima. Julgava-se que as doenças «representativas» da era tecnológica fossem o enfarte, o cancro, a arteriosclorose, decorrentes do frenesim das cidades cogumelos), no que à última se refere, tributo das sociedades de abundância à boa mesa, que noutras épocas era privilégio de meia dúzia. E eis que, afinal, graças ao furor do animal-humano, estava tentado a dizer, do «macaco louco», ressurgem as grandes epidemias da Idade Média. E é de prever que novamente (penso nos mansos arvoredos, frescos de água e sombra, a que se acolheram os nobres contadores do «Deccameron») que novamente a demarcação classista se faça sentir em benefício dos mais aptos a açambarcarem ou a conseguirem, pelo menos, os medicamentos essenciais à imunidade ou à cura da moléstia.

Destarte, muita coisa tendo mudado, as mais gradas injustiças subsistem. Ressalta sobretudo a linha divisória entre o mundo desenvolvido e as terras da pobreza radical, a que não são alheias áreas consideráveis dos países semi-industrializados...

JUNHO, 29.

Verão de cinzas. Melancolia escorrendo das ramadas. As raízes do sonho apodreceram. Ou foram queimadas. Que longe os fogos da aurora! Rememoro o Éluard de «Capital da Dor» (afinal não nos fica assim tão longe).

«Dissipas o dia,
Mostra aos homens as imagens da aparência
Retira aos homens a possibilidade de distracção
É duro como a pedra
A pedra informe
A pedra do movimento e da vista
E o seu brilho é tal que as armaduras e as más [caras estalam
O que a mão agarrou desdenha tomar a forma [da mão
O que foi compreendido já não existe
A ave confundiu-se com o vento
O céu com a sua verdade
O homem com a sua realidade».

«UMA MULHER MORTA COM DELICADEZA» não é uma tragédia nem mata ninguém no palco: o autor, Thomas Heywood (1574-1641), quis simplesmente relatar o que sucede num casamento falhado. Peça raramente representada neste século, foi agora á cena com Joan Plowryght (mulher de «Sir» Laurence Olivier) na protagonista, a adultera sr.ª Anne Frankford

Coronel tirocinado Salvado Pinheiro

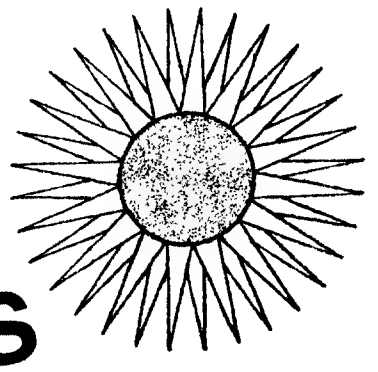
O coronel tirocinado Joaquim de Matos Salvado Pinheiro foi hoje homenageado com um almoço no comando geral da P. S. P.

Presidiu o comandante geral da corporação, tendo estado presente o chefe do Estado Maior do comando geral, 2.º comandante, oficiais comissários etc.

Associação dos Directores de Pessoal

Em assembleia geral, presidida pelo dr. Henrique Santa Clara Gomes, foram aprovados os documentos da gerência do ano findo da Associação Porpelos drs. Raul Caldeira (assembleia geral) e Pedro Cabo Fernandes (direcção) e Acácio Dores (conselho fiscal).

TAMBÉM DURANTE AS FÉRIAS



Sem encargos
Sem dificuldades
Sem cuidados

pague:

água
gás
electricidade
telefone
taxas de rádio
taxas de televisão
prémios de seguros
rendas de casa
quotas do Automóvel Club
quotas de colectividades
assinaturas de jornais
assinaturas de revistas
contribuições da previdência
outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências ou delegações, existentes em todos os concelhos do país, ou directamente na sede do serviço, Rua Aurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

companhia nacional de navegação

RELATÓRIO E CONTAS DE 1970

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

No cumprimento do que preceituam a Lei e os Estatutos, vimos trazer à consideração de Vossas Excelências o Relatório e as Contas referentes ao exercício de 1970.

A frota

A frota da nossa companhia, em 31 de Dezembro de 1970, tinha o valor de inventário de 1 938 143 contos. Os investimentos realizados na frota em 1970 atingiram 216 417 contos, assim discriminados:

	Contos
n/m «Novo Redondo»	88 287
n/m «Porto Amélia»	65 644
n/m «Cassinga» (em construção)	51 718
Investimentos nas unidades existentes	10 769
	216 418

O n/m «Zambézia», navio já completamente amortizado, vendido em 1969, foi entregue em Janeiro aos compradores.

O n/m «Cassinga», graneleiro de 32 200 tdw, que nos deveria ser entregue em Dezembro de 1970, só veio a ser incorporado na nossa frota nos primeiros dias de Janeiro de 1971, pelo que figura no inventário apenas pelo valor das duas prestações pagas ao estaleiro construtor no decurso do ano. Com a entrada ao serviço do «Cassinga», poucos dias após o encerramento das contas, o valor de inventário da frota ultrapassava os dois milhões de contos e o valor líquido de amortizações fixava-se em aproximadamente 792 000 contos.

Em 1970, aproveitou-se a grande reparação a que o n/m «Moçambique» teve de ser sujeito em consequência da colisão com o «Petrol Sade» para proceder ao aumento da sua capacidade de carga em cerca de 1000 toneladas e redução da capacidade de transporte de passageiros. A reconversão dá à unidade melhores perspectivas de rendabilidade no tráfego a que se encontra afecta. O n/m «Angola» sofrerá idêntica reconversão no primeiro semestre de 1971.

Finalmente decidiu-se abater o n/m «Índia», unidade com 21 anos de idade, cuja rendabilidade era já muito precária. A entrega aos compradores teve lugar em Janeiro deste ano.

O declínio acentuado dos fluxos de transporte de passageiros conjugado com a anunciada modificação da política de transportes militares prenunciam, para os próximos anos, o abate das várias unidades mistas ainda existentes na nossa frota.

Outro capital fixo

Iniciou-se em 1970 a construção de um moderno terminal de cargas situado na área que a Companhia Nacional de Navegação, há muitos anos, ocupa entre a 2.ª e 3.ª Secções do Porto de Lisboa. A execução tem sido algo demorada devido a ter sido necessário demolir grande parte das velhas instalações ali existentes onde funcionaram oficinas de reparação naval, escritórios de apoio técnico e armazéns de materiais de consumo.

O novo terminal com uma área de cerca de 3000 m² irá ser inaugurado dentro em breve. Pelo conceito de exploração, pelos métodos que irão ser seguidos, pelo elevado grau de mecanização das operações a efectuar ali ficará a constituir, por algum tempo, o mais avançado terminal de carga geral do Porto de Lisboa.

A exploração

Na continuação da política iniciada em 1969 com a Linha do Norte da Europa/Moçambique estabeleceram-se em 1970 dois novos serviços internacionais: Brasil e Mediterrâneo.

O primeiro, ligando a Metrópole ao Brasil, utilizou navios afretados, em esrviço combinado com a companhia espanhola Ybarra. Tivemos no entanto a possibilidade de, ainda em Dezembro, utilizar o n/m «Braga», afretado à Sociedade Geral, dando assim o primeiro passo para uma futura nacionalização do tráfego.

A linha do Mediterrâneo, ligando Angola aos principais portos do sul do Continente Europeu (Génova, Marselha e Barcelona) foi estudada e planeada no fim do exercício e arrancou em Janeiro de 1971. O serviço oferece conjuntamente com a Sociedade Geral, saídas regulares todos os meses.

Tanto num caso, como no outro, mantivemos estreitos contactos com as respectivas Conferences com vista a obter o reconhecimento, por parte delas, de direitos de tráfego para a CNN.

Na linha Norte da Europa/Moçambique, iniciada em 1969, registou-se um progresso interessante nos carregamentos no percurso Norte/Sul. Não foi, no entanto, possível atingir totalmente os objectivos fixados no sentido Sul/Norte, salvo no que respeita ao transporte de citrinos de Moçambique para os mercados europeus onde já participamos em larga escala graças aos acordos estabelecidos com o organismo sul-africano coordenador das exportações

Na linha do Oriente verificaram-se ligeiras melhorias nos resultados relativamente a 1969 devido à influência das vendas conseguidas em certos tráfegos, nomeadamente no percurso Moçambique/Oriente Além disso participou-se, pela primeira vez, no transporte de juta da Tailândia destinada a indústrias transformadoras de Angola e Moçambique.

No domínio dos afretamentos continuámos em 1970 a efectuar a coordenação dos transportes de frutas de Angola em navios frigoríficos, tendo-se registado neste capítulo, um aumento acentuado do volume das transacções efectuadas. A exploração dos navios foi efectuada conjuntamente com a Companhia Colonial de Navegação e a Sociedade Geral.

Mantiveram-se afretados os n/m «Covilhã» e «Cartaxo» que continuaram a ser utilizados na cabotagem entre os portos de Moçambique e nas ligações regulares que temos mantido entre Angola e Moçambique.

Por seu turno, a nossa actividade de fretamentos militares não experimentou alterações sensíveis relativamente a 1969.

No tráfego nacional a exploração da nossa frota registou aumentos sensíveis, quer para Angola, quer para Moçambique. O aumento foi, no entanto, muito mais acentuado nos percursos Ultramar/Metrópole. Deu-se dessa forma um maior apoio ao escoamento das matérias-primas ultramarinas, sendo de registar, especialmente nos períodos de ponta, o apreciável contributo dos navios da nossa linha internacional no transporte do açúcar e do algodão moçambicanos.

Finalmente, no que respeita ao estrito domínio operacional, continuámos a seguir padrões de rotação cada vez mais acelerados. Deparámos, contudo, com constrangimentos apreciáveis, resultantes, por um lado, da grande saturação observada em numerosos portos da Metrópole e Ultramar e, por outro lado, da inexistência de um esquema de racionalização que permita a melhor coordenação dos itinerários. Neste último aspecto, deve-se acrescentar, a Companhia Nacional de Navegação desempenhou papel primordial ao procurar efectuar negociações com as suas congéneres. Lamentamos, sinceramente, não ter sido possível atingir os resultados esperados.

Organização

Prosseguiram activamente em 1970 as acções tendentes à dinamização da gestão da Empresa, em obediência às mais evoluídas técnicas na matéria.

Progrediu-se consideràvelmente no domínio da gestão por objectivos. Estabelecidas as áreas a objectivar e descritas as funções em termos de autoridade/responsabilidade, vai agora iniciar-se a formulação dos respectivos padrões de actuação («standards of performance»). Espera-se concluir, no decurso deste ano, essa operação.

Constituiu uma inovação em Portugal a bem preparada e sucedida experiência de tripulação polivalente realizada no n/m «Nacala». Além de permitir a redução de efectivos, teve o mérito de abrir caminho ao estabelecimento de formas mais racionais de organização do trabalho a bordo.

Tudo isto, aliado a uma gestão orçamental referida a centros de resultados e centros de custos, veio permitir iniciar em 1970, os estudos para implantação de um sistema informacional para a gestão («Management information systems») cujo «arranque», dentro de algum tempo, tornará possível tirar um rendimento máximo dos recursos técnicos e de gestão existentes, nomeadamente dos computadores que já utilizamos em tarefas de automação administrativa.

Finalizamos este capítulo, indicando que esperamos instalar, até ao fim deste ano, o equipamento necessário para uma exploração «on line» do computador central existente na TELEDATA de que a Companhia Nacional de Navegação é sócia fundadora.

PARTICIPAÇÕES NOUTRAS SOCIEDADES

Soponata

Dentro dos planos de expansão elaborados esta empresa contratou em 1970 a construção de três novas unidades de 135 000 TAB, duas na Suécia e uma no Japão, no valor de cerca de 1 500 000 contos. Os programas de expansão em estudo prevêem a aquisição de mais sete unidades. Os resultados do exercício de 1970 atingiram 43 266 contos.

Transnavi

Esta empresa adquiriu uma segunda unidade — o n/m «Nova Lisboa» — no decurso do exercício de 1970. O seu programa de investimentos previa a aquisição de uma terceira unidade em 1971. Essa aquisição encontra-se pendente de decisão, até completo esclarecimento das questões emergentes do regime de contingentação de importações estabelecidas em Angola e Moçambique em Novembro de 1970, e que afectam particularmente a expansão do mercado de transporte de vinhos para o Ultramar.

Transmineira

Em 2 de Abril de 1970 foi constituída a Transmineira, com o capital social de 10 000 contos. O objectivo desta sociedade é nacionalizar os transportes de minério de ferro exportados para o estrangeiro pela Companhia Mineira do Lobito, que subscreveu 49 % do capital. O Banco de Angola subscreveu 2 % do capital social e a CNN os restantes 49 %. A empresa está activa no mercado para aquisição da sua primeira unidade.

Transfruta

A Transfruta foi constituída em 9 de Abril de 1970 com o capital de 10 000 contos. O seu objecto social é o de armador de navios frigoríficos. A empresa durante o exercício elaborou diversos estudos com vista à aquisição da sua frota frigorífica. Já no decurso do ano corrente veio a adquirir o seu primeiro navio, uma unidade de 206 150 p. c. de capacidade, 18 nós de velocidade e construída em 1966

Navang

Em meados de 1970 a CNN adquiriu uma posição accionista na Cabang, Cabotagem de Angola SARL, com sede em Angola. A empresa era proprietária dos navios «Cabang I» e «Dinge», e tinha em construção nos estaleiros da Sorefame do Lobito mais duas unidades de 870 tdw e 11,5 nós de velocidade

Em 1 de Janeiro de 1971 a designação da firma foi mudada para Navang-Companhia de Navegação Angolana, e o seu capital social será elevado de 20 000 para 30 000 contos dentro em breve.

Companhia Moçambicana de Navegação

Prosseguiram no decurso do exercício as diligências para a constituição desta empresa que acabou por constituir-se em 20 de Janeiro do ano corrente O seu objecto é a actividade de transportes marítimos de cabotagem e longo curso. O capital social é de 9000 contos. A CMN adquiriu, já em 1971, os navios «Chinde» e «Angoche» que eram propriedade da CNN.

Sonatra

Esta empresa, apesar de não ter conseguido ainda atingir o objectivo de possuir quadros de trabalhadores permanentes, tem obtido, dentro das limitações que o quadro institucional e as infra-estruturas portuárias de Lisboa lhe impõem, alguns progressos na racionalização das operações de carga e descarga Em 1970 movimentou um total de 541 867 toneladas de carga (estiva e desestiva) e 194 467 toneladas em operações de tráfego da concessão da A G P L.

Empresa Africana de Cargas e Descargas

Durante o ano de 1970, a CNN adquiriu uma posição no capital desta empresa que opera em Lourenço Marques como estivadora com muito bons resultados.

Navetur - Moçambique

Os resultados desta empresa, que se dedica à actividade de agência de navegação e nos representa em Lourenço Marques e Beira, foram de 1777 contos A sua actividade no campo de agência de viagens revela-se prometedora.

Navetur - Angola

Durante o exercício de 1970 elaboraram-se os estudos conducentes à criação desta nova empresa, em que são societárias a CNN, a SG e a Comfabril. A empresa está previsto que venha a iniciar a sua actividade no primeiro semestre do ano corrente. O seu capital é de 1500 contos e a sua actividade será a de agência de navegação e agência de viagens. A Navetur Angola terá escritórios em Luanda, Lobito e Moçâmedes.

Nortemar

Também no decurso do exercício se elaboraram os estudos para a criação desta empresa de que são societárias a CNN e a SG em partes iguais. O capital social é de 1500 contos. A empresa, que se dedicará ao ramo de agência de navegação, assegura desde 1 de Fevereiro de 1971 a representação da CNN e da SG no Porto.

Navemar

Foi criada esta sociedade que exerce a actividade de agente de navegação em Quelimane O seu capital é de 500 contos dividido em partes iguais entre a CNN e a Boror Comercial, SARL.

(Continua na página seguinte)

companhia nacional de navegação

(Continuação da página anterior)

Samar

São animadoras as perspectivas desta sociedade, criada em Fevereiro do ano passado, para exercer a actividade de agente de navegação, em Nacala. Os resultados do exercício foram de 707 contos.

Promarinha

Além da colaboração em estudos, projectos e outros trabalhos da sua especialidade para as empresas de navegação suas societárias, a empresa aceitou diversos trabalhos para o exterior. O volume de facturação atingido em 1970 foi de 2374 contos.

PRODUTIVIDADE

Atingiu 443 261 contos o montante do valor acrescentado bruto ao custo dos factores no exercício de 1970. A capitação deste valor ascendeu a 208 contos, representando + 10 % em relação ao ano anterior.

SITUAÇAO FINANCEIRA

Em mapas publicados em anexo a este relatório são evidenciados vários elementos de especial interesse quanto à situação financeira da empresa. A eles acrescentar-se-ão aqui algumas outras informações ou comentários com vista à mais perfeita clareza dessa situação.

Assim, em relação a 31 de Dezembro de 1970, podem também apresentar-se os rácios seguintes:

$$\frac{\text{activo disponível + activo realizável}}{\text{passivo a curto prazo}} = 2{,}30$$

$$\frac{\text{activo imobilizado}}{\text{capitais permanentes}} = 0{,}68$$

$$\frac{\text{activo imobilizado}}{\text{activo total}} = 0{,}53$$

O primeiro destes rácios, bem como o que resulta do confronto entre os capitais próprio e alheio, acusam uma baixa relativamente sensível quando confrontados com os do ano anterior; evidentemente, essa descida constitui indicador positivo da política de expansão que a empresa vem prosseguindo.

Na realidade, aquelas variações resultam essencialmente do volume de investimentos realizados ao longo do ano e que atingiu a casa dos 280 000 contos, e da circunstância de uma parte deste montante ter sido coberta com um empréstimo externo, especìficamente destinado a financiar 70 % do custo de aquisição do n/m «Cassinga».

O valor deste empréstimo influencia ainda, noutro sentido, o primeiro dos rácios apresentados na medida em que em 31 de Dezembro, estando aquele já contraído, se representava em disponibilidades, que vieram a ser aplicadas nos primeiros dias de Janeiro.

Ascendia assim no fim do ano a 315 420 contos o total dos débitos de financiamento, dos quais 198 000 contos ao Fundo de Renovação da Marinha Mercante.

É de referir ainda que o «cash flow» gerado no decorrer do exercício ascendeu a 228 mil contos, o que representa um acréscimo de 14 % em relação ao ano anterior.

APLICAÇAO DE RESULTADOS

Propomos que o saldo da Conta de Ganhos e Perdas no montante de 83 775 783$13, que inclui o saldo transitado do exercício anterior seja aplicado da forma seguinte

para Reserva Legal	5 000 000$00
para dividendos	50 000 000$00
para Reserva Especial	28 000 000$00
para conta do exercício seguinte	775 783$13

*

No decorrer do ano em análise, teve a Companhia Nacional de Navegação a subida honra de ter a bordo do seu navio «Príncipe Perfeito», como mui ilustre passageiro, Sua Excelência, o Chefe do Estado, Sr. Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, na Viagem Presidencial a São Tomé e Príncipe, por ocasião das comemorações do 5.º Centenário do Descobrimento daquele Arquipélago.

*

É com grande prazer que cumprimos a tradição de endereçar a Sua Excelência o Ministro da Marinha os nossos respeitosos cumprimentos, agradecendo ao mesmo tempo, o seu muito interesse sempre manifestado pelos problemas da Marinha Mercante.

Para o Senhor Almirante Joaquim dos Santos Oliveira Júnior que desempenhou até 21 de Dezembro de 1970 as funções de Delegado do Governo e para o Senhor Almirante Jaime de Azevedo Monteiro de Barros que o substituiu vai a manifestação do nosso apreço e consideração.

Ao Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante queremos reafirmar, a par de uma vontade firme de colaboração, a esperança na sua acção com vista ao progresso da Marinha Mercante Nacional.

No Conselho Fiscal saudamos o órgão que presta sem regateio, a mais prestimosa colaboração a este Conselho.

Aos senhores carregadores e passageiros que continuaram a honrar-nos com a sua preferência endereçamos os nossos melhores agradecimentos.

Para os nossos agentes e todo o pessoal do mar e terra que colaboram com a Companhia, vai o reconhecimento do esforço e entusiasmo com que participaram na obra comum.

Lisboa, 30 de Abril de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

Albano Rodrigues de Oliveira — Presidente
António José dos Prazeres — Administrador-Delegado
José Gonçalves
João Sales Henriques
Jorge Marques de França Dória Monteiro

ELEMENTOS FINANCEIROS

ELEMENTOS MAIS IMPORTANTES

(U.: milhão de escudos)

	1970	1969
BALANÇO		
ACTIVO IMOBILIZADO		
Frota	647,1	533,8
Imóveis e Equipamentos Terrestres	9,5	7,9
Fundos de Renovação e Actualização da Frota	40,7	139,3
Participações Financeiras	133,9	74,7
Outro Imobilizado	43,8	44,4
	875,0	800.1
CAPITAL CIRCULANTE		
Caixa e Bancos	116,0	161.0
Realizável	527,9	428 5
Valores de Exploração Activos	128,5	106,6
	772.4	696.1
Passivo a Curto Prazo (Incluindo Dividendos propostos)	279,4	217,5
	493,0	478,6
Valores de Exploração Passivos	75,2	94,0
	417.8	384.6
CAPITAIS PERMANENTES	1 292.8	1 184,7
Representados por:		
Capital Social	250,0	250,0
Reservas	770.4	736,7
Capital Próprio	1 020,4	986,7
Empréstimos a Médio e a Longo Prazo	272,4	198,0
	1 292,8	1 184,7
RÁCIOS		
Capital Próprio / Capital Alheio	1.85	2,37
Capital Próprio / Activo Imobilizado	1,17	1,23
Valor Intrínseco por Acção (em escudos)	4 081$70	3 946$80
RESULTADOS		
VENDAS	849,5	758,0
«CASH FLOW» LÍQUIDO	189,0	155,5
LUCRO LÍQUIDO	83.8	75,1
Lucro proposto para Dividendos	50,0	50,0
Lucro retido	33,8	25,1
RÁCIOS		
Dividendos Propostos / Lucro Líquido	0,60	0,66
Por Acção (em escudos):		
«Cash Flow»	756$00	622$00
Lucro Líquido	335$10	300$40
Dividendo Proposto	200$00	200$00
LUCRO LÍQUIDO		
% Capital Próprio	8,5%	7,8%
% Activo Total	7.2%	6,5%
FROTA IMÓVEIS E EQUIPAMENTOS TERRESTRES		
Investimento Líquido	220,1	109,1
Amortizações	105,3	80,3

ORIGEM E APLICAÇÃO DE FUNDOS

(U.: milhão de escudos)

	1970	1969
ORIGEM DE FUNDOS		
AUTO-FINANCIAMENTO		
Amortizações	106 2	81.2
LUCROS		
Resultado líquido da Exploração	93.2	100 2
AUMENTO DOS EMPRÉSTIMOS A MÉDIO E A LONGO PRAZO	93,9	—
DIMINUIÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE		
Passivo a Curto Prazo	73,7	28,2
Disponibilidades	45,0	89,9
Valores de Exploração	—	2.8
Papéis de Crédito	—	8,8
DESINVESTIMENTOS		
Frota, Imóveis e Equipamentos Terrestres	—	1,8
Desafectação do Fundo Renovação da Frota	98,6	105,9
Outro Imobilizado	4,1	—
RECURSOS DIVERSOS		
Lucros na Venda de Activo	4,0	4,9
Rendimentos de Bens ou Valores de Fruição	11,2	10,8
Rendimentos Financeiros	18,9	9.6
Outros	1,2	0.8
	550,0	444,9
APLICAÇÃO DE FUNDOS		
INVESTIMENTOS		
Frota, Imóveis e Equipamentos Terrestres	220.1	109,1
Participações Financeiras	59,2	1,8
Outro Imobilizado	4,5	—
REDUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS A MÉDIO E A LONGO PRAZO	19,5	19,5
AUMENTO DO CAPITAL CIRCULANTE		
Dívidas a Receber	99,1	162,3
Valores de Exploração	40,8	—
Papéis de Crédito	—	19,2
ENCARGOS FINANCEIROS	6,5	7,0
IMPOSTOS PAGOS	47,0	71.6
UTILIZAÇÃO DE PROVISÕES	0,6	0.2
DIVIDENDOS (Do exercício anterior)	49,7	49.8
DIVERSOS	3,0	4,4
	550,0	444 9

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO		1970	1969
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Bancos		116 001 582$51	161 030 815$01
Devedores e Credores	513 473 205$27		414 356 325$51
Menos: Provisão para Créditos de Cobrança Duvidosa	8 241 931$91	505 231 273$36	— 8 858 027$28
Papéis de Crédito	42 136 906$21		41 694 145$35
Menos: Flutuação de Valores	19 501 455$59	22 635 450$62	— 18 700 294$73
		643 868 306$49	589 522 963$86
VALORES DE EXPLORAÇÃO		128 543 289$89	106 569 715$85
IMOBILIZADO			
Frota	1 938 143 408$37		754 678 322$52
Imóveis e Equipamentos Terrestres	24 958 520$67		21 940 852$92
Gastos Plurienais	1 502 924$90		1 202 693$70
Imobilizações não Afectas à Exploração	64 591 393$44		64 518 382$54
	2 029 196 247$38		
Menos: Amortizações	1 328 814 982$10	700 381 265$28	—1 256 158 652$28
Fundo de Renovação da Frota		14 994 616$22	113 530 279$23
Fundo de Actualização da Frota		25 737 163$60	25 737 163$60
Participações Financeiras		133 942 709$00	74 707 655$60
		875 055 754$10	800 156 697$83
TOTAL DO ACTIVO		1 647 467 350$48	1 496 249 377$54

PASSIVO	1970	1969
EXIGÍVEL A CURTO PRAZO		
Devedores e Credores	180 732 707$04	108 357 691$01
Prestações Anuais de Empréstimos a Médio e a Longo Prazo	43 985 980$80	19 500 000$00
Provisão para Impostos	35 670 700$97	47 631 292$33
	220 389 488$81	167 308 983$34
VALORES DE EXPLORAÇÃO	75 220 691$56	94 011 646$03
EXIGÍVEL A MÉDIO E A LONGO PRAZO	272 435 723$00	198 000 000$00
TOTAL DO PASSIVO	577 045 903$37	459 320 629$04
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Capital Social	250 000 000$00	250 000 000$00
Reserva Legal	40 000 000$00	35 000 000$00
Reserva Especial	622 367 255$19	602 367 255$19
Reserva de Reavaliação	74 278 408$79	74 278 408$79
	986 645 663$98	961 645 663$98
Ganhos e Perdas	83 775 783$13	75 083 083$62
	1 070 421 447$11	1 036 728 747$60
TOTAIS	1 647 467 350$48	1 496 249 377$54
EXTRA PATRIMÓNIO		
Títulos Depositados	151 668 000$00	152 653 000$00

GANHOS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

		1970	1969
Receitas de Viagens	840 495 916$80		757 950 180$25
Receitas da Agência de Viagens	9 004 838$10		—
Comissões de Agências de Navios	656 090$80		513 133$40
Prestação de Serviços de Assistência Técnica	9 497 500$00		—
Receitas Diversas de Exploração	9 845 022$16		14 575 997$18
		869 499 367$86	773 039 310$83
Encargos Directos de Viagens	309 002 549$11		279 807 523$76
Remunerações e Outros Encargos c/ Pessoal	192 566 600$70		167 206 928$31
Manutenção Técnica	97 600 591$64		87 814 971$54
Publicidade e Promoção de Vendas	4 166 789$32		2 041 154$78
Encargos Diversos	46 342 309$10		39 385 848$31
Encargos Fiscais e Parafiscais: Pagos no exercício	52 594 591$90		74 520 972$91
Imputado à Conta de Provisão para Impostos	— 46 998 521$40		— 71 574 521$48
Encargos com Pessoal na Inactividade	12 335 767$80		10 621 786$30
Remunerações a Corpos Gerentes	2 430 000$00		1 857 500$00
		670 040 678$17	591 682 164$43
		199 458 689$69	181 357 146$40
Amortizações		106 243 238$12	81 159 314$88
		93 215 451$57	100 197 831$52
Encargos Financeiros		6 450 629$00	7 011 879$00
		86 764 822$57	93 185 952$52

		1970	1969
Rendimentos de Bens ou Valores de Fruição	11 201 008$05		12 030 286$26
Rendimentos Financeiros	18 938 099$18		9 575 778$17
Remunerações por Cargos Sociais em Sociedades	843 153$60		807 153$60
Rendimentos Diversos	4 005 197$07		3 684 686$33
		34 987 457$90	26 097 904$36
		121 752 280$47	119 283 856$88
Encargos de Exercícios Anteriores		3 059 580$96	4 373 484$64
		118 692 699$51	114 910 372$24
Provisão para Impostos		35 000 000$00	40 000 000$00
LUCRO DO EXERCÍCIO		83 692 699$51	74 910 372$24
Saldo do Exercício Anterior		83 083$62	172 711$38
SALDO DA CONTA GANHOS E PERDAS		83 775 783$13	75 083 083$62

O CHEFE DA DIVISÃO DE CONTAS E PATRIMÓNIO

Donato João Lourenço Viçoso

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Albano Rodrigues de Oliveira — Presidente
António José dos Prazeres — Administrador-Delegado
José Gonçalves
João
Jorge Marques de França Dória Monteiro

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

De harmonia com as disposições legais e estatutárias, vem o vosso Conselho Fiscal pronunciar-se sobre o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1970.

Como nos cumpre, examinámos com a necessária regularidade e escrituração, havendo procedido ao exame dos valores que figuram no presente Relatório do Conselho de Administração.

Em cumprimento do que se dispõe no Decreto-Lei n.º 49 381, de 15 de Novembro de 1969, cumpre-nos afirmar que a Contabilidade, o Balanço, a Conta de Ganhos e Perdas e o Relatório da Administração, satisfazem as disposições legais e estatutárias.

Nas verificações a que procedemos, o Conselho de Administração apresentou as provas e os esclarecimentos exigidos.

Por outro lado apraz-nos afirmar que os critérios valorimétricos adoptados estão de acordo com os bons princípios.

O Relatório do Conselho de Administração assinala os actos mais relevantes do ano e mostra bem a situação económica e financeira da Companhia, sendo de notar o conjunto de mapas esclarecedores da referida situação.

Agradecemos ao Conselho de Administração o reconhecimento da cooperação que sempre procuramos dar-lhe.

É com muito gosto que o acompanhamos nas saudações que dirige a Sua Excelência o Ministro da Marinha, ao Ex.mo Delegado do Governo, bem como ao seu ilustre antecessor, e ao Senhor Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante.

Concluindo, propomos:

1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1970, bem como a aplicação do saldo da conta de Ganhos e Perdas, proposta pela Administração;

2.º — Que aproveis um voto de merecido louvor ao Conselho de Administração;

3.º — Que aproveis um voto de agradecimento aos Srs. Carregadores Passageiros e Agentes da Companhia;

4.º — Que aproveis um voto de louvor a todos os funcionários pelo seu esforço em prol da Companhia.

Lisboa, 6 de Maio de 1971.

O CONSELHO FISCAL

Jorge de Melo e Faro (Conde de Monte Real) — Presidente
Octácio Maria de Oliveira
António Eduardo Sequeira Queiroz Martins
António Vasco da Cunha Guimarães
Carlos Manuel Canavarro Cabral Menères

Actualidade internacional

Voltaram a ser publicados os documentos do Pentágono

NOVA YORK, 1 (R.) — O «New York Times» e o «Washington Post», vitoriosos na sua luta legal contra o Governo, reconheçam hoje a publicação dos documentos que este tinha tentado impedir.

O artigo de hoje do «New York Times» ocupa-se das decisões tomadas pelo presidente Kennedy a respeito do Vietnam. Revela que Kennedy, opondo-se embora á pressão para envolver no conflito forças terrestres americanas, tomou decisões que conduziram á escalada política e militar.

Num artigo de fundo intitulado «Um Povo Esclarecido» o jornal considera a decisão do tribunal como «uma espectacular vitória para a liberdade dentro da lei» e diz que ela «reafirma poderosamente o direito do povo a ser informado».

O «Washington Post», por seu turno, começa por dizer que o Governo americano encarava como uma ameaça para a influência americana na Indochina a posição do general De Gaulle a favor da neutralização do Vietnam do Sul.

Os documentos do Pentágono mostram que no período de 1963 / 64 as administrações Kennedy e Johnson chegaram a recear que os Estados Unidos pudessem ser forçados a sair do Vietnam «sem alcançar a vitória» devido á facção pró-francesa de Saigão que se mostrava favorável a um regime neutral capaz de pôr fim á guerra.

Os comandantes militares americanos encaravam a solução neutralista como equivalente a uma tomada do poder pelos comunistas.

Segundo o «Washington Post» a reacção americana ás diligências do general De Gaulle consistiu em aumentar ainda mais a escalada para evitar a todo o custo aquilo que os estrategos do Pentágono consideravam uma humilhação para os Estados Unidos.

O secretário da defesa Robert McNamara, num memorando redigido em Março de 1964, diz que a neutralização, tal como fora proposta por De Gaulle em termos deliberadamente vagos, poderia significar a retirada total da influência e auxílio americano ao Vietnam do Sul.

«Negociar nessa base, sem a rejeitar, significaria simplesmente uma tomada do poder pelos comunistas no Vietnam do Sul».

UM LIVRO

Entretanto, foi anunciado que a série do «New York Times» sobre os documentos do Pentágono, pormenorizando o envolvimento dos Estados Unidos na guerra do Vietnam, será, publicada na forma de um livro dentro de dez dias.

NIXON ELOGIA HOOVER

WASHINGTON, 1 — (A. N. I.) — O presidente Nixon cumulou de louvores o director do F. B. I., Edgar Hoover, e prometeu «que a área de tolerancia na aplicação da lei está a terminar nos Estados Unidos».

Falando perante os graduados pela Academia do F. B. I., Nixon louvou o director Hoover, como «um homem que nunca serviu nenhum partido, e que sempre serviu o país».

«Na grande maioria, o povo norte-americano apoia-o» — disse.

Noutro ponto declarou que os novos graduados regressarão ás suas cidades natais e poderão espalhar a palavra de que o presidente e o ministro da Justiça apoiam os agentes de aplicação da lei nos seus esforços para obter «liberdade do medo e do terrorismo».

«Quando voltarem, digam aos vossos colegas que a época da tolerancia na aplicação da lei está a terminar nos Estados Unidos» — disse Nixon.

O procurador Jim Garrison preso em Nova Orleans

WASHINGTON, 1 — (A. N. I.) — Jim Garrison, o procurador distrital de Nova Orleans, foi preso ontem, juntamente com dois oficiais da Polícia de Nova Orleans e com mais duas pessoas, acusado pelo Governo Federal de suborno, jogo ilegal e obstrução ao cumprimento da lei.

O procurador-geral, John N. Mitchell, anunciou as prisões, declarando que outras cinco pessoas estão a ser procuradas pela Polícia.

Na declaração ajuramentada de 113 folhas, em que se pede a captura de Garrison, este é acusado de receber verbas mensais de 1500 dólares (cerca de 43 contos), conjuntamente com os oficiais da Polícia, para proteger o jogo ilícito com máquinas «caça-níqueis».

O governo declarou que apresenta como provas a gravação de conversações de algumas destas transacções

Garrison esteve envolvido em demoradas investigações numa tentativa para apoiar a sua controvérsia de que mais de uma pessoa esteve envolvida no homicídio do presidente John F. Kennedy e que o plano foi concebido em Nova Orleans.

Jim Carrison

A NATO tenta ganhar tempo na questão de Malta

BRUXELAS, 1 — (R) — A NATO está deliberadamente a menosprezar a questão das suas futuras relações com Malta, a seguir à anunciada expulsão da ilha do seu comandante naval no sul da Europa, almirante Gino Birindelli, segundo afirmaram a noite passada fontes bem informadas desta capital.

O intuito é deixar que a actual atmosfera de tensão passe e dar a Malta tempo para esclarecer as suas intenções.

Além da anunciada expulsão do almirante Birindelli, que se encontra agora em Itália, Malta pediu, também, à Grã-Bretanha para encetar novas negociações quanto aos seus pactos de defesa com esse país.

Um informador da NATO declarou que Malta fora discutida durante a sessão regular de ontem do Conselho da NATO e que não havia planos para debater o problema em futuro imediato.

A POSIÇÃO EM LA VALETA

LA VALETA, 1 — (F. P.) — Numa declaração publicada ontem o governo trabalhista de Malta considera caduco o acordo de defesa anglo-maltês assinado em 1964, quando da independência. A declaração acrescenta que a presença da NATO em Malta não resulta de nenhum acordo contratual e que nas circunstâncias actuais as visitas da Sexta Esquadra Americana não correspondem aosineresses de Malta.

Relativamente ao primeiro ponto, o governo maltês recorda que o acordo com a Inglaterra foi denunciado em 1967 pelo governo nacionalista e só foi substituído por cláusulas verbais.

Em consequência, o governo maltês pensa ter a possibilidade, no âmbito do direito internacional, de denunciar este acordo com uma simples notificação. Acrescenta que Malta teria podido pedir a retirada pura e simplesmente de todas as forças britânicas e que se absteve de o fazer para dar à Grã-Bretanha a possibilidade de fazer novas propostas.

Em vez disso, afirma o governo maltês, a Grã-Bretanha procurou ganhar tempo ao passo que a Imprensa britânica se lançava numa campanha para desconsiderar o governo Mintoff.

No que se refere à posição da NATO, o governo faz notar que esta se instalou na ilha entrando pela porta do acordo de defesa com a Grã-Breanha e a título de simples tolerância.

Finalmente, o governo trabalhista indica que o embaixador americano em Malta apresentou um pedido de autorização em 9 de Julho de 1971 para a Sexta Esquadra americana poder entrar no porto de La Valeta, mas que foi considerado não ser desejável por ora al visita. Foi enviado um exemplar desta declaração ao secretariado do Conselho de Segurança da ONU.

Tempestade no Chile

• 15 mortos

SANTIAGO DO CHILE, 1 — (F. P.) — As violentas tempestades de neve e as chuvas torrenciais que, nas últimas semanas, atingiram várias províncias do Chile, causaram a morte de quinze pessoas. As tempestades deixaram sem abrigo mais de dois mil sinistrados e provocaram danos calculados em nove milhões de dólares — informou, na capital, Jose Tcha ministro chileno do Inter

A MORTE DOS COSMONAUTAS RUSSOS COLOCOU A NASA NA EXPECTATIVA

HOUSTON, 1 (R.) — Os responsáveis pelo programa espacial americano aguardam ansiosamente uma palavra dos técnicos soviéticos sobre as causas da morte dos tripulantes da Soyuz-11 na medida em que o esclarecimento do mistério se reveste de importancia vital para o futuro do programa espacial americano.

Para os soviéticos o esclarecimento da tragédio permitelhes saber qual o atraso que sofrerá o seu programa Salyut até se poderem remediar quaisquer deficiências que venham a ser descobertas, mas para os americanos a resposta poderá significar uma alteração completa do seu programa científico Skylab, que deverá dentro de dois anos seguir-se ao programa lunar Apolo.

Os técnicos e médicos da NASA preferem acreditar que a morte dos cosmonautas foi motivada por qualquer avaria mecanica a bordo da nave e têm relutância em admitir que os três possam ter perecido em consequência da sua prolongada permanência no espaço, vitimados por um ataque cardíaco ou outra perturbação fisiológica.

No entanto, ninguém ainda pode estar certo da resposta ao enigma nem de quais as consequências que ela tratará ao futuro da exploração do espaço pelo homem.

O dr. George Low, vice-director da NASA, declarou em Washington que para já não haverá qualquer alteração de planos para a próxima missão Apolo ou para o projecto Skylab, o qual visa o colocação de três astronautas em órbita durante períodos que poderão ir até 56 dias.

Perante a insistência dos jornalistas admitiu, no entanto, que se podem conceber eventuais modificações Skylab.

O dr. Charles Berry, o chefe dos serviços médicos do programa espacial americano, salientou que, na realidade, os astronautas americanos acusaram ligeiras modificações no organismo após os seus voos espaciais, mas disse que nenhuma dessas modificações parecem suficientes para causar a morte.

Os técnicos americanos inclinam-se mais para a teoria de uma subita falta de ar na cabina da Soyuz-11, quer através de avaria no sistema de respiração artificial, quer devido a uma ruptura com fuga rápida do ar á pressão do interior da nave.

«ESQUADRÃO DA MORTE»

SÃO PAULO, 1 — (F. P.) — Foi ordenada ontem a prisão preventiva de três agentes da Polícia brasileira acusados de fazerem parte do «Esquadrão da Morte» de São Paulo. Segundo a denúncia, esses polícias assassinaram três delinquentes. Dezasseis agentes, incluindo o comissário Sérgio Fleury, foram até agora acusados de participarem na macabra organização clandestina, especialista em execuções sumárias.

A população do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 1 — (A. N. I.) — O Rio de Janeiro tem agora 4 315 746 habitantes, segundo o serviço informativo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 1960, a população desta Cidade-Estado era de 3 307 163 habitantes.

Estas informações resultam do recenseamento de 1 de Setembro de 1970.

Os habitantes das favelas no Rio, são 565 135.

DETIDO EM SÃO DOMINGOS O GENERAL WESSIN

SÃO DOMINGOS, 1 — (F. P.) — Acusado de conspiração, o general Wessin foi preso ontem na sua residência. Apareceu depois na televisão, juntamente com o presidente Balaguer. O presidene fez ouvir uma gravação atribuída ao general Wessin, na qual este anunciava a queda do governo. Os chefes dos Estados Maiores das Forças Armadas assistiam à emissão.

O presidente Balaguer deu um prazo de 24 horas aos chefes das Forças Armadas para julgar Wessin como conspirador

Actualmente reformado, o general Wessin fez parte em 1961 do governo de Juan Bosch. Em 1065 reprimiu a rebelião do coronel Caamano. Exilado durante o governo do dr. Hectar Garcia Gdoy, regressou a São Domingos em 1969 E, em 1970, apresentou-se às eleições presidenciais como candidato democrata contra Balaguer e foi batido. Logo a seguir às eleições, o general Wessin eria declarado que a consulta tinha sido falsificada, o que afirmavo em todos os seus discursos e entrevistas.

JOAQUIM PESTANA DOS SANTOS

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filhos, netos e demais família participam que amanhã dia 2 às 12 horas na Igreja de S. João de Brito (a Alvalade), será rezada missa por alma de seu saudoso marido, pai, avô e parente, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

Prova escrita de História

I

Responda concisamente, sem desenvolvimentos inuteis, ás seguintes perguntas:

1.ª — Fundamental característica da civilização hebraica é a sua originalidade religiosa. Em que consiste essa originalidade?

2.ª — Uma das consequências das conquistas romanas foi o desaparecimento da classe média. Como explica que as conquistas romanas tenham tid essa consequência?

3.ª — A partir do séc. XI dá-se na Europa um surto demográfico. Quais são as causas e as consequências principais desse fenómeno?

4.ª — Uma nova nobreza surge em Portugal, no reinado de D. João I.

Que nova nobreza é essa, e em que circunstancias aparece?

5.ª — Qual o papel dos «estrangeirados» na cultura portuguesa do séc XVIII?

6.ª — Qual é, no séc. XIX, a situação que dá origem ás reivindicações operárias?

II

Desenvolva o seguinte tema, em redacção clara e ordenada segundo as alíneas indicadas:

A Educação da Mocidade em Esparta e em Atenas

a) A educação da mocidade em Espanha.
b) A educação da mocidade em Atenas.
c) Razões do grande contraste entre a educação espartana e ateniense.

SOLUÇÃO

I

1.ª) A originalidade religiosa da civilização hebraica, consistiu na crença em um unico Deus, Iavé ou Jeová que se tinha revelado a Ábraão e a Moisés.

Esta religião, contráriamente á de outras civilizações estudadas propunha uma vida moral de perfeição e de interioridade.

2.ª) O ofício da guerra, que ocupou durante largo tempo o povo romano, no período das conquistas, trouxe como principal consequência social, o desaparecimento da classe média.

Como factores explicativos desse fenómeno poderemos apresentar:

a) O aparecimento dos grandes latifundiários enriquecidos pela posse de novas terras.

b) A importação forçada de produtos agrícolas para Roma, bem como de mão-de-obra escrava, com a qual o médio agricultor não podia concorrer.

c) O abandono da propriedade romana pelos agricultores recrutados para o exército.

d) A impossibilidade desses mesmos agricultores, terminadas as campanhas, retomarem a actividade agrícola sem terem que recorrer á protecção dos grandes senhores, contraindo dívidas.

e) A situação destes homens, pequenos agricultores, que representavam em grande parte a classe média, só permitia por vezes uma alternativa: ou viviam como clientes sob a protecção dos chefes das grandes famílias, ou se integravam na plebe urbana, indo aumentar o numero dos pobres e indigentes.

3.ª) As principais causas do surto demográfico, que se verifica na Europa a partir do séc. XI são: o fim das grandes invasões, a diminuição da guerra privada, o melhor rendimento da agricultura em virtude de novos arroteamentos e do aperfeiçoamento das técnicas agrícolas, nomeadamente a progressiva adopção da charrua em substituição do arado tradicional, tal como a introdução do ferro na confecção de algumas alfaias.

O aumento das fontes de produção, levado a cabo também pelo melhor aproveitamento de fontes de energia natural, com a introdução da azenha, os novos processos de atrelagem dos animais de tracção, com a adopção da coalheira... etc. proporcionaram melhores condições de vida.

Como consequências do aumento demográfico, temos o próprio movimento das cruzadas, que leva populações das zonas de maior densidade populacional da Europa a procurarem riquezas noutras paragens. O movimento urbano e o desenvolvimento comercial da Europa, serão as principais consequências. A fundação de burgos, o estabelecimento de feiras, irão restaurar a animação crescente das grandes vias comerciais do Ocidente Europeu.

4.ª) Com D. João I iniciou-se em Portugal não só uma nova dinastia, como surgiu também uma nova nobreza. Durante a crise política de 1383-85, D. João encontrou na burguesia o principal sustentáculo da sua causa. Uma vez vitorioso não é de admirar que a tenha tentado recompensar pelo esforço despendido. Da velha nobreza, que em virtude da atitude tomada durante a crise, havia emigrado, aproveitará D. João I as terras e os títulos para conceder como mercês aos seus partidários.

5.ª) Os «estrangeirados» é a designação que se dá a um conjunto de homens, que tendo vivido nos grandes meios intelectuais europeus, introduziram em Portugal, no século XVIII, novos conhecimentos e métodos de ensino, de acordo com os progressos científicos registados no tempo. Entre os nomes que mais se destacaram podemos citar Ribeiro Sanches, que foi médico na corte russa, colaborador da Enciclopédia e desenvolveu grande actividade pedogógica. Escreveu as «Cartas sobre a Educação da Mocidade». Jacob de Castro Sarmento que introduziu m Portugal a física de Newton e Luís António Verney autor do «Verdadeiro Método de Estudar», onde criticou os processos pedagógicos do ensino jesuítico, propondo um ensino baseado na experiência.

6.ª) As reivindicações operárias verificadas no século XIX, resultaram das precárias condições de vida criadas no sector da indústria à classe assalariada.

A livre concorrência e a miragem do lucro, por parte do sectores capitalistas, levou a atitudes em relação aos seus servidores, que permitiu nestes a consciencialização da precária situação económica e social que atravessavam. O salário insuficiente, as deficientes condições de trabalho e o desemprego levaram às reivindicações operárias, que se traduziram pelo recurso à greve e outros processos violentos.

II

Tratando-se de um tema de desenvolvimento, não é possível fazer uma correcção objectiva, pois depende dos conhecimentos de cada aluno, da clareza e ordenação desses conhecimentos e do seu poder pessoal de estabelecer relações.

Prova escrita de Inglês

I) Read the whole paper first.

Then read the text again, trying to understand it.

TEXT:

(Patricia and Paul had driven up to Torquay, a seaside resort in Devon. It had been a sudden decision).

Paul shook his head tiredly as he walked down the steps of the hotel and got to the car. «No. This one hasn't any rooms either».

«Oh, de ar», said Patricia, crussing off the name of the hotel from the list in her hand. «I'm beginning to despair. This is the ninth you've tried and it's nearly midnight. Do you think we have to sleep in the car?»

«We might», replied her husband; but let's go on trying for a little longer. How many are there on the list?»

«About a dozen», said Patricia. «I'm thirsty. Couldn't we go to a café or a bar and telephone the rest of them?»

«That's a very good idea», he said. He started up the engine and looked down on the road. «There's a rather nice place over there on the square. Let's go there and have a drink, and then I'll start phoning them. In a big resort lik this, it's impossible to think we can't find anything».

II) Now answer the following questions, trying to use your own words:

1) What had Paul been doing in the hotel before he walked down the steps?

2) Why did Paul shake his head as he got back into the car?

3) How did Patricia feel when she crossed off the name of that hotel from the list?

4) How many hotels had they tried before?

5) What made Patricia think they might have to sleep in the car?

6) Had Paul lost hope of finding a room? Give a reason for your answer.

7) Patricia said they could go to a café or a bar. What for?

8) Paul started up the engine but he soon realized they were not going very far. Why?

9) What was he going to do now?

10) Why was it impossible for him to think they couldn't find anything?

III) Translate the following passage (into «good» Portuguese):

Paul stopped the car in front of the brightly-lit and inviting-looking building they had seen on the square, and the two went tiredly into the friendly atmosphere of the restaurant-café.

They sat down and ordered some tea from the waitress who had approached. After fifteen minutes or so, Paul looked at his watch. «It's getting late», he said, «I think I'd better start phoning if we want to sleep in a bed tonight. You brought the list from the car, didn't you?»

«Yes, here you are» — and she gave it to him.

Paul took it and went to the telephone-booth near the entrance door.

IV) Turn into English:

Paulo telefonou para mais três hotéis sem nenhum êxito e depois teve de parar, porque não tinha mais moedas de «penny». Foi pedir á criada de mesa que lhe desse troco de alguns xelins e continuou a procurar nomes de hotéis na lista. O que estava a seguir era o Hotel Devon. Repetiu a pergunta que já tinha feito tantas vezes:

— Tem um quarto para 2 pessoas?

— Espere um pouco, por favor. Sim, temos um que estava reservado, mas os hóspedes não vieram.

— O meu nme é Simpson. Estou aí dentro de um quarto de hora. Obrigado.

Quando Paulo deu a boa notícia á mulher, ela ficou muito contente. Depois de pagar a conta, o Sr. Simpson perguntou:

— O Hotel Devon é muito longe daqui?

— O Hoted Devon? Mas é mesmo aqui.

— O que é que quer dizer? É nesta praça?

— Não. Quero dizer que os Senhores estão sentados no café do Hotel Devon.

VOCABULARY

English-Portuguese:

Approach — (v.) aproximar; aproximou-se
Atmosphere — (s.) atmosfera, ambiente
Booth — (s.) cabina, tenda
Bright — (adj.) brilhante, vivo, claro
Cross off — (v.) riscar, traçar uma linha sobre
Despair — (v.) desesperar, perder a esperança
List — (s.) lista, rol
Lit — prt. e pp. de to light — iluminar, aacender
Shake — (v.) — *(prt.* shook; *pp.* shaken) — sacudir, agitar, abanar
Square — (s.) praça, largo
Step — (s.) degrau, passo
Sudden - (adj.) repentino, subito
Thirsty — (adj.) sedento, sequioso, com sede
Tired — (adj) cansado, fatigado
Whole — (adj.) inteiro, todo, completo.

Portuguese - English:

Conta — bill
Êxito — success
Hóspede — guest
Repetir — to repeat (weak verb)
Reservar — to reserve, to book (weak verbs)
Troco — change

SOLUÇÃO

Prova escrita de Inglês

II — 1) He had been trying to find a room.

2) He did so, because he had failed again.

3) She felt hopeless and unhappy.

4) They had tried eight before that one.

5) The difficulty of finding a room made her think so.

6) He had not, since he states his conviction that they cannot but find one.

7) She wanted to drink something, as she was very thirsty.

8) He did so, because he immediately saw thmere was some café on the next square...

9) He was going to try the other hotels by phone.

10) It was so because Torquay is a big resort.

III — Paulo parou o carro diante do edifício brilhantemente iluminado e com aspecto convidativo que tinham visto na praça, e os dois penetraram cansados na atmosfera agradável do café-restaurante.

Sentaram-se e pediram chá á criada que se aproximara. Cerca de um quarto de hora depois, Paulo olhou para o relógio. «Está a fazer-se tarde», disse, «creio que é melhor começar a fazer os telefonemas, se queremos dormir hoje numa cama. Trouxeste a lista do carro, não trouxeste?»

«Sim, aqui está» — e entregou-lha.

Paulo pegou nela e dirigiu-se para a cabina telefónica perto da porta de entrada.

IV — Paul phoned three hotels more quite unsuccessfully and then he had to stop, as he had no more penny coins. He asked the waitress to give him the change for some shillings, and he went on looking for hotel names in the list. The next one was Hotel Devon. He repeated the question he had abready asked so often:

— Have you got a double bedroom?

— Just a moment, please. Yes, we have got one, which was booked, but the guests have not come.

— My name is Simpson. I shall be there in fifteen minutes. Thank you.

When Paul imparted the good news to this wife, she was very glad. After paying the bill, mr. Simpson asked:

— Is the Devon Hotel very far from here?

— Devon Hotel? But it is right here.

— What do you mean? Is it in this square?

— No. What I mean is that you are sitting in the café of the Devon Hotel.

A PROVA DO EXAME DA 4.ª CLASSE

Foi a seguinte o *ditado* da prova de lingua portuguesa dos exames da 4.ª classe hoje realizados:

«Inverno estava a findar e os campos atapetados de verdura a vários tons faziam-nos sentir o encanto de viver.

Subitamente avistámos um bando de andorinhas que parecia dizer-nos ao passar sobre as nossas cabeças:

— Já cá estamos! Vem aí a Primavera! Vimos em busca dos nossos lares.

Aquelas simpáticas avezinhas que tinham voado quase continuamente para atingir o nosso Portugal, transmitiam-nos toda a sua alegria e felicidade, pois, ao vê-las, corremos para a escola a anunciar a toda a gente:

— Já vimos as andorinhas! E como são graciosas!

Alguns, incrédulos, riam-se de nós; mas neste momento, um bando sobrevoava a nossa escola, e todos, alegremente, lhes demos as boas vindas.»

O tema da *redacção*, por sua vez, foi o seguinte:

«Descreve um dos passeios que, certamente, já tens dado, quer em companhia do teu professor e condiscípulos, quer com os teus familiares. Lembra-te do que mais gostaste: aonde foi esse passeio, os companheiros, o que nele te despertou maior interesse e tudo o mais de que te recordes.

Dá um título á tua redacção.»

Além da prova de aritmética, os examinados realizaram provas de *desenho* e *trabalhos manuais*, sendo a primeira subordinada ao seguinte tema:

«As andorinhas que voam
pelo espaço ilimitado
sob os beirais do telhado
têm, felizes, seu lar.

Tiveram já os cuidados
de seus pais em ninho amigo,
têm todas um abrigo,
onde se vão acoitar.»

exames para amanhã

ENSINO LICEAL
2.º ciclo 1.ª chamada
(2 de Julho — 6.ª-feira)
Geografia — 9 horas
Desenho à vista — 11 horas

ENSINO TÉCNICO
Cursos industriais
1.ª chamada
Matemática — 9 horas

Curso Geral do Comércio
Inglês — 11 horas

Sá de Miranda
ENSINO PRIMÁRIO E JARDIM INFANTIL
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO - NOCTURNO
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

LICEU
NOCTURNO
Ensino Audio-Visual
EXTERNATO
PAULO DIAS
R. TEN. FERREIRA DURÃO, 37-3.º
65 43 04

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

Prova escrita de Matemática

Leia com atenção os enunciados. Indique todos os cálculos que tiver de efectuar.

I

1 — Mostre que o polinómio em x,

$$x^4 - 3x^3 - 7x^2 + 27x - 18$$

é divisível pelo polinómio

$$x^2 - 3x + 2$$

2 — a) Resolva o sistema em x e y

$$\begin{cases} 3x + 4y = 0 \\ \frac{x}{2} - \frac{y}{3} = 3 \end{cases}$$

b) Determine o número m de modo que a equação em x e y $(m-2)x - 3y = 15$ admita a solução $x = 3$ e $y = 2$.

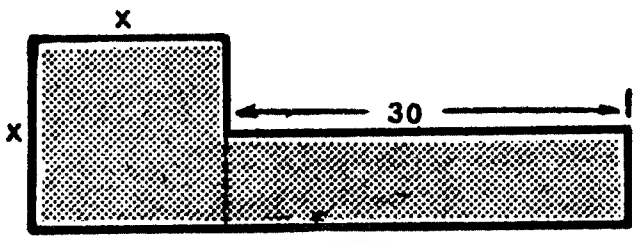


Figura 1

3 — A fig. 1 representa um terreno rectangular, com a área de 324 m2. O terreno compõe-se de dois talhões: um é quadrado; o outro é rectangular. O talhão rectangular tem um lado com o comprimento de 30 m e outro igual a metade do lado do talhão quadrado.

Tomemos como unidade o comprimento de 1 m. Seja x a medida do lado do talhão quadrado.

a) Que significado tem cada uma das expressões

$$x \; ; \; 30 \times \frac{x}{2}$$

a respeito do terreno?

b) Escreva uma equação que permita calcular x, resolva-a e determine o custo de *uma vedação* para o terreno, ao preço de 20$00 por metro.

4 — a) *Justifique:*

«A inequação

$$-\frac{3}{5}(2x - 9) < 0$$

é equivalente á inequação

$$2x - 9 > 0$$»

b) Determine os números inteiros e positivos que são soluções da inequação

$$18 - 4x > 0$$

II

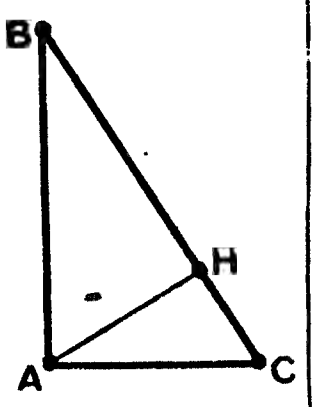


Figura 2

1 — *Estude com cuidado* a fig. 2. O triângulo [ABC] é rectângulo em *A*. O segmento *AH* é a *altura relativa á* hipotenusa, BC. O cateto *AB* e a hipotenusa *BC*, têm, respectivamente, os comprimentos de *8 cm* e de *10 cm*.

a) *Justifique:* o ponto médio da hipotenusa é o centro da circunferência circunscrita ao triângulo.

b) Calcule o comprimento do segmento *BH* e o da altura AH.

2 — *Justifique cada uma das afirmações seguintes:*

a) Dois quadrados quaisquer são polígonos semelhantes;

b) Dois rectângulos podem não ser polígonos semelhantes.

3 — Na fig. 3, α e β são dois planos paralelos e distintos; γ é o plano determinado pela recta r (contida em α) com o ponto p (pertencente a β); a recta s é a intersecção do plano γ com o plano β.

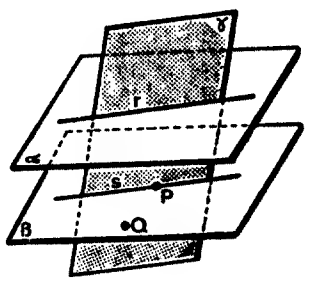


Figura 3

a) Que posição relativa têm, entre si, as rectas r e s? Justifique a resposta.

b) Seja Q um ponto de β. Justifique a seguinte afirmação: «pelo ponto Q passa uma recta do plano β que é paralela á recta r».

c) *Justifique:*

«existe no plano β uma recta que passa pelo ponto p e é perpendicular á recta r».

d) *Justifique:*

«no plano β há infinitas rectas que são perpendiculares á recta r».

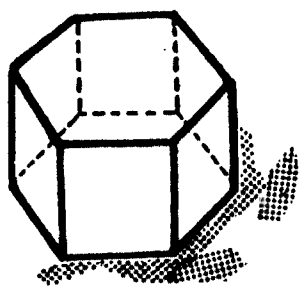


Figura 4

4 — A fig. 4 representa um prisma hexagonal recto; as *bases* e as *faces laterais* são polígonos regulares.

a) O prisma representado é, então, um *prisma regular*, mas não é um *poliedro regular*.

Porquê?

b) Qualquer das bases do prisma tem 96 cm de perímetro.

Calcule o volume do prisma.

SOLUÇÃO

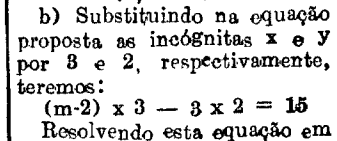
I

1 — Basta mostrar que é zero o resto da divisão do polinómio

$x^4 - 3x^3 - 7x^2 + 27x - 18$

pelo polinómio $x^2 - 3x + 2$

Assim, efectuando a divisão, vem:

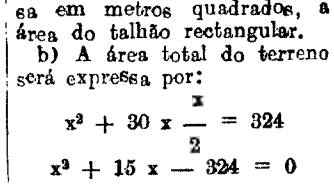


2 — a) Reduzindo o sistema á forma canónica, virá

$$\begin{cases} 3x + 4y = 0 \\ 3x - 2y = 18 \end{cases}$$

Aplicando, por exemplo, o método de redução para eliminar a incógnita x, teremos:

Por substituição deste valor



numa das eguações anteriores, obtém-se

$$x = 4$$

O sistema proposto é equivalente ao sistema

$$\begin{cases} x = 4 \\ y = -3 \end{cases}$$

e, portanto, a solução do sistema será o par ordenado $(4, -3)$.

b) Substituindo na equação proposta as incógnitas x e y por 3 e 2, respectivamente, teremos:

$(m-2) \times 3 - 3 \times 2 = 15$

Resolvendo esta equação em ordem a m virá, sucessivamente:

$$3m - 6 - 6 = 15$$
$$3m = 27$$

ou

$$m = 9$$

3 — a) x^2 representa a área do talhão quadrado, expressa em metros quadrados.

$30 \times \frac{x}{2}$ representa, expressa em metros quadrados, a área do talhão rectangular.

b) A área total do terreno será expressa por:

$$x^2 + 30 \times \frac{x}{2} = 324$$

$$x^2 + 15x - 324 = 0$$

ou

Resolvendo esta equação, virá, sucessivamente:

$$x = \frac{-15 \mp \sqrt{225 + 1296}}{2}$$

$$= \frac{-15 \mp \sqrt{1521}}{2}$$

$$= \frac{-15 \mp 39}{2}$$

e, portanto:

$$x_1 = \frac{-15 + 39}{2} = 12$$

e

$$x_2 = \frac{-15 + 39}{2}$$

$= -27$ (raiz da equação que não é solução do problema).

Como ao problema só interessa a raiz positiva, será

$$x = 12$$

O comprimento da vedação será, em metros, dada pela expressão:

$3 \times 12 + 2 \times 30 + 2 \times 6 = 108$

e o seu custo será, portanto:

$108 \times 20\$00 = 2.160\$00$

4 — a) Porque a segunda inequação resulta da primeira por multiplicação de ambos os membros por $-\frac{5}{3}$, o que, de acordo com o segundo princípio de equivalência das inequações, transforma a inequação dada numa inequação equivalente mas de sentido contrário.

b) $18 - 4x > 0$

Virá sucessivamente:

$$-4x > -18$$
$$x < -\frac{18}{4}$$
$$x < +\frac{9}{2}$$

Os numeros inteiros e positivos que são soluções da inequação, são portanto os elementos do conjuto:

$\{+1, +2, +3, +4\}$

II

1 — a) Como o angulo B A C é recto pode ser inscrito na semicircunferência de diâmetro B C.

Nessas condições, o centro da circunferência que passa pelos pontos A, B e C será o ponto médio de B C.

b) Atendendo a que

$$\frac{\overline{BC}}{\overline{AB}} = \frac{\overline{AB}}{\overline{BH}}$$

tem-se

$$\frac{10}{8} = \frac{8}{\overline{BH}}$$

ou

$$\overline{BH} = 6{,}4 \text{ cm}$$

Para calcular o comprimento da altura A H, ter-se-á

$$\frac{\overline{BH}}{\overline{AH}} = \frac{\overline{AH}}{\overline{HC}}$$

ou

$$\frac{6{,}4}{\overline{AH}} = \frac{\overline{AH}}{3{,}6}$$

e, portanto

$$\overline{AH} = \sqrt{6{,}4 \times 3{,}6} = 4{,}8 \text{ cm}$$

2 — a) Como são polígonos regulares com o mesmo numero de lados, as razões entre dois quaisquer lados correspondentes serão sempre iguais e os angulos correspondetes são também iguais, visto serem angulos rectos em qualquer dos quadrados.

São, portanto, polígonos semelhantes.

b) Porque, embora os angulos de um sejam sempre iguais aos angulos do outro (angulos rectos), pode a razão entre os lados correspondentes não ser igual e portanto não serem polígonos semelhantes.

3 — a) São paralelas.

Porque um plano (neste caso γ) intersecta dois planos paralelos (neste caso α e β) segundo rectas paralelas (neste caso r e s).

b) A recta r é paralela do plano β por ser uma recta do plano α.

Ora a recta r e o ponto Q definem um plano que intersecta o plano β segundo uma recta paralela á recta r (condição necessária de paralelismo de uma recta e um plano).

c) Basta fazer passar por P o plano perpendicular á recta r e determinar a intersecção deste plano com o plano β.

Como a recta r é perpendicular áquele plano, será perpendicular a todas as rectas desse plano e portanto á sua intersecção com o plano β.

d) Basta traçar no plano β rectas paralelas a uma recta perpendicular á recta r

Ora como toda a recta perpendicular a outra é perpendicular a todas que sejam paralelas a esta, por cada ponto do plano β passará uma recta perpendicular á recta r.

4 — a) É um prisma regular porque é um prisma recto e as suas bases são polígonos regulares.

Não é um poliedro regular porque as suas faces não são todas elas polígonos regulares iguais (as faces laterais são quadrados mas as bases são hexágonos embora regulares).

b) Comecemos por calcular:

Aresta da base do prisma

$$a = 96:6 = 16 \text{ cm}$$

Apótema da base

$$ap = \frac{16\sqrt{3}}{2} = 8\sqrt{3} \text{ cm}$$

$$A_b = \frac{1}{2} P \times ap$$

$$A_b = \frac{1}{2} \times 96 \times 8\sqrt{3}$$

$$= 384\sqrt{3} \text{ cm}^2$$

Volume do prisma:

$$V = A_b \times h$$

$$V = 384\sqrt{3} \times 16$$

$$V = 6144\sqrt{3} \text{ cm}^3$$

Saragoça.

Externato Sebastião da Gama
INFANTIL PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO — LICEU
(5.º e 7.º completos)
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telefs. 822776/823531
(Frente à Cervejaria Portugália)

CURSOS DE FÉRIAS
cial
CENTRO DE LINGUAS
FRANCES
INGLES
ALEMÃO
AVENIDA DA REPÚBLICA, 14 — TELEFONE 533733

Liceu-Institutos
CICLO PREPARATÓRIO
Cursos práticos de dactilografia c/ diploma
ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraiso, 28 — Telef 865904
EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Edith Cavel, 8 (ao Chile) — Telef. 820221
EXTERNATO ALVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica) — Telef. 706974
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

EXTERNATOS
● LEAL CONSELHEIRO — MASCULINO
R. do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 326957
● NOVO RUMO — FEMININO
P. Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — T. 36 14 26
ENSINO LICEAL E PREPARATÓRIO
CURSO DE FÉRIAS
(EXAMES SETEMBRO)

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CURSOS DE VERÃO
CRISFAL
3.º CICLO — 2.ª ÉPOCA
AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 - 76 96 20

EXTERNATO DE ALVALADE
PRIMARIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
Telef. 771965
Rua Isidro Viana, 12
LISBOA
Campo Pequeno

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 43 da 10.ª época

Açores — xx1 x2x 111 1111; Beira Baixa — 11x x11 xx2 1121; Comércio de Portimão — 111 111 111 1111; Correio dos Açores — 111 111 112 1111; Correio de Coimbra — 111 x11 112 1111; Correio do Vouga — 111 111 112 1111; Ecos do Desporto — 11x 111 x12 1111; Jornal das Aves — 112 111 x1x 1121; Jornal da Lixa — 111 x12 112 1111; Jornal de Sintra — 111 x11 212 1111; Linhas de Elvas — 11x 111 1x2 1111; Maria da Fonte — 111 212 11x 1111; Notícias de Chaves — 11x x1x x12 21x1; Notícias de Felgueiras — 111 x11 x12 1111; Povo Algarvio — 111 11x 11x 1111; A Rabeca — 11x 111 122 1111; Rádio Altitude — 111 111 111 11x1; Renovação — 111 111 112 1111; O Templário — 111 111 x12 1111; Terra Alta — 111 112 x12 1121; Jornal do Barreiro — 1xx 11x 212 1x11; Jornal de Viseu — 111 111 111 1111; Passatempo J. J. — 111 111 11x xx21; Desportivo das Beiras — 11x 11x 21x 12x2; A Ilha — 11x x22 11x 1111; Estrela da Manhã — 11x x1x x1x 1111; Notícias do Douro — 1x1 112 112 121x; Notícias de Guimarães — 11x x11 212 1x11; O Norte Desportivo — 11x x11 1x2 1111; Mundo Desportivo — x11 1x2 1112 1x11.

Bondazinho — 112 x12 122 12xx; Brado Africano — xx2 xx1 112 111x; Cidade 71 — x21 112 x11 1111; Domingo Alegre — 112 111 212 11x1 — Jornal Desportivo — 11x 211 1x2 1121; Passatempo — 11x x12 212 1111; Roteiro Sonoro — 21x x12 211 x112; Terceiro Programa — x21 x11 112 111x; Vamos Jogar no Totobola — 1x2 111 x12 1121; Republica — 112 111 212 2121; Peça Que Não Maça — 111 211 x12 1111; Notícias de Évora — 111 x11 x12 11x1; O Apostolado — 1x1 11x x12 1121; O Comércio — 111 x11 212 1111; Diário (Luanda) — 11x 1xx 112 1111; A Nossa Chave — 111 111 x12 1111; Notícias do Totobola — 111 1x1 x12 1x11; Actualidade Desportiva — 212 111 x1x 11x1; Mosaico — 111 112 112 1111; A Ordem — 111 111 1x1 21x1; O Primeiro de Janeiro — 111 1x1 112 1111; Programa Sem Nome — 111 111 112 1111; Rádio Clube do Norte — 112 111 112 x1x1; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Estudio 64 — 111 111 x2x x1xx; Placard Desportivo — 111 111 x12 x121; Rádio Sports — 111 111 112 1121; Resenha Desportiva — 1x1 111 x12 112x; Manchete Desportiva — 1x1 111 x12 1111; A Lição do Menino Quim — 121 211 21x 11x1; Penalti — 11x x11 112 1111.

Cavalgada do Ritmo — 111 11x 11x 11xx; O Comércio do Porto — 11x xx1 xxx 1111; Distrito de Setubal — 211 2x1 21x 21x1; Eco de Estremoz — 111 11x x12 1111; Ecos de Cacia — 111 121 x12 1111; Imagens Piedenses — 11x 112 1x2 1x21; Litoral — 1x1 111 11x 111x; Rádio Oceano — 111 x1x x12 1111; Revista de Som — 121 121 x21 1111; O Telégrafo — 111 x11 1x2 1111; Voz de Lamego — 112 111 x12 1111; Boletim Desportivo (ENR) — 111 111 1x2 x111; Colina Sagrada — 111 11x x21 1x21; O Comércio de Leixões — 111 x11 11x 1111; De Tudo Um Pouco (ENR) — 111 1x1 11x 1x11; As 10 Espere Por Nos — 2x1 212 xx1 1x21; Diário de Coimbra — 11x 211 21x 1111; Folha do Domingo — 111 x11 x12 1111; Dos Fracos Não Reza a História — x11 x1x 1x2 11x1; Momento de Totobola (ENR) — 111 111 1x2 11x1; Diário do Porto (ENR) — 111 111 112 1111; Auto-Rádio — 111 111 x2x x1xx; Campeão Português — 111 111 2x2 x12x; Repórter do Dia (ENR) — 111 x11 11x 1111; Repórter do Dia (Angola) — 11x 121 112 1x11; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 11x 1111; A Voz Desportiva — 11x 11x 112 1111; A Voz do Domingo — 111 111 112 1111; A Voz dos Ridículos — 11x 1x1 112 1111; O Jornal da Graça (ENR) — 121 11x 12x x1x1

CONCURSO N.º 43

10.ª ÉPOCA

N.º	JOGOS	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1.	Varzim-Famalicão	81	6	4	10	1	1
2.	Guimarães-Braga	76	10	5	10	1	1
3.	Espinho-Salgueiros	60	22	9	8	3	1
4.	Boavista-Leixões	58	26	7	8	3	1
5.	Tirsense-Penafiel	77	9	5	10	1	1
6.	U. Lamas-U Coimbra	63	15	13	8	2	2
7.	T. Novas-Tramagal	48	30	13	6	4	2
8.	Marinhense-U. Leiria	71	13	7	9	2	1
9.	Torriense-Atlético	11	21	59	1	3	8
10.	Peniche-Sintrense	78	9	4	10	1	1
11.	Montijo-Luso	78	10	3	10	1	1
12.	Barreirense-Belenenses	58	17	16	8	2	2
13.	Olhanense-Seixal	79	10	2	10	1	1

E a «chave» lógica será: 111 111 112 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

ANDEBOL

A Associação Desportiva de Oeiras, realiza na próxima sexta-feira, no seu rinque, um festival que se destina á divulgação da modalidade, com o seguinte programa: Ás 20 e 30, encontro de miniandebol entre duas equipas do clube. Ás 21 e 30, Santa Catarina (campeão da 3.ª Divisão)-Oeiras. Ás 22 e 45, Benfica-Belenenses. Serão disputadas

FESTA TENISTA

Realiza-se no próximo dia 3 de Julho, pelas 15 horas, no Estádio Nacional, a festa de fim de ano do Centro de Iniciação de Ténis iniciativa do Ministério da Educação Nacional, que comemora o 5.º ano da sua existência.

Ao longo destes cinco anos várias centenas de jovens (rapazes e raparigas dos 7 aos 17 anos) se têm dedicado à iniciação e prática desta modalidade.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Varzim-Famalicão	1
Guimarães-Braga	1
Espinho-Salgueiros	1
Boavista-Leixões	X
Tirsense-Penafiel	1
U. Lamas-U. Coimbra	1
T. Novas-Tramagal	1
Marinhense-U. Leiria	1
Torriense-Atlético	2
Peniche-Sintrense	1
Montijo-Luso	1
Barreirense-Belenen.	X
Olhanense-Seixal	1

DESPORTO

«VILA REAL» COMEÇA AMANHÃ

Aumenta a expectativa pelo Circuito Transmontano

Como todos os anos acontece, enorme expectativa rodeia a realização do XVIII Circuito Internacional de Vila Real, que amanhã se inicia na capital transmontana. Como se sabe, trata-se do maior e mais importante conjunto de provas de velocidade metropolitanas e nele estão inscritos, não só a quase totalidade dos pilotos de todos as categorias, como se anuncia um conjunto de nomes e máquinas de certa classe no plano internacional.

Amanhã, o programa é preenchido com treinos para os carros de Turismo de Série (Grupo 1) das 16.15 ás 17 horas; treinos de Turismo Especial (Grupo 2) das 17.30, ás 18.15; treinos para carros de Grande Turismo de Série, Especial, Desporto Protótipos, das 18.45 ás 19.45.

No sábado, depois dos treinos da Fórmula V — Fórmula Ford (15.30/16.15) e dos GT, Desporto e Protótipos (16.35/17.20) realizam-se as duas primeiras corridas: Turismo de Série (20 voltas, num total de 138.5 km) ás 17.45 e Turismo Especial (20 voltas, na mesma distância) ás 19.15.

Finalmente, no domingo, haverá as duas mais importantes provas: Fórmula V — Fórmula Ford (20 voltas, naquela distância) ás 15.45, e GT, Desporto e Protótipos (35 voltas, num total de 242 875 km), ás 17.30.

ALGUMAS NOVIDADES

Embora «as coisas» só se saibam em Vila Real quando se lá chega... a verdade é que talvez já se possam divulgar umas quantas notícias sem grande perigo de errar...

Assim, Mário de Figueiredo consta que alinhará com um BMW Schnitzer (adquirido a Mário Araujo Cabral) que, em Angola, alcançou várias vitórias.

Por sua vez, Ernesto Neves tripulará um Lotus 62, vindo especialmente de Inglaterra. O carro foi-lhe entregue na 3.ª-feira. O seu Lotus 47 será pilotado por Portela Morais.

Como já é «quase do conhecimento geral», Amério Nunes comprou o Porche Carrera 6 de Filipe Nogueira. Depois de sujeitar o carro a uma demorada e dispendiosa revisão, Nunes correrá, com ele, no domingo.

Carlos Santos, que se encontra inscrito com um Carrera 6, poderá vir a dispor de um Porche 908.

O «TEAM MOTOR»

Um dos maiores cartazes de Vila Real 71 é, sem dúvida, a participação do «Team Motor», uma equipa constituída por Carlos Azevedo (o português, ultimamente, tem feito extraordinárias corridas na Grã-Bretanha) e pelo inglês Dike Catlow. Estes dois jovens vieram a Vila Real (já lá se encontram desde 3.ª feira) com o patrocínio do Jornal «Motor», de quem têm recebido apoio para as suas competições no Reino Unido. Tripulando dois Palliser - Ford-Rowlonel eles serão uns temíveis adversários dos «nossos» Ernesto Neves, Melville, Santos Mendonça e outros, na corrirda de Fórmula Ford. Do despique que se irá gerar, naturalmente que lucrarão todos os que gostam de boas corridas de automóveis. Para o publico nortenho, há, ainda, o «brinde» de poder ser o «seu» Carlos Azevedo (ele é do Porto!) correndo depois dos seus sucessos nos circuitos ingleses...

Enfim, como dizíamos, há expectativa. Esperamos que ela não seja iludida.

AGOSTINHO:
43.º NO «TOUR»

Depois da etapa de ontem da «Volta à França» a classificação geral da corrida é a seguinte:

1.º, Merckx, 19 h, 43 m e 14 s; 2.º, Van Springel, a 21 s; 3.º, Vlaeminck, a 32; 4.º, Gosta Peterson, a 37; 5.º, «ex-aequo» — Tabak, Paoloni; Zoetemelk, a 42; 8.º Motta, a 44; 9.º «ex-aequo» — Tomás Petterson; Van Impe; Delisle; Raymond; Thevenet; Mortensen; Ocaña, a 47; 43.º, «ex-aequo» — Perin, a 10 m e 19 s; Crepaldi, Lopez Carril, Mascaró, Subero Martelozzo, Joaquim Agostinho, Daunat, Labourdette, Leporte, Schleck.

Assim, à partida de Marche en Famenne o português Agostinho é o 13.º classificado.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Torneio Popular de Basquetebol do Barreiro: União B-C. Cultural do Luso, 107-24; S. F. A. Lavradiense-Os Aceiras, 58-69; União A-Académica B, v.-f. e.

Margarida Pinto Basto de Medeiros e Almeida

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família cumpre o doloroso dever de participar que no passado dia 25 foi Deus servido chamá-la à Sua Divina Presença, tendo-se realizado o funeral no dia 26, para o cemitério dos Prazeres.

Amanhã, sexta-feira, dia 2, será celebrada, pelas 13 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa, na Rua Camilo Castelo Branco, missa pelo seu eterno descanso.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO
CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 37.º sorteio trimestral realizado em 30/6/1971

— prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados —

1 — 1.º prémio: 100.000$ — certificado n.º 209 556

2 — 2.º prémios: 30.000$ cada — certificados n.ºs 224 360 e 357 059

3 — 3.º prémios: 20.000$ cada — certificados n.ºs 108 253 274 170 e 355 407

10 — 4.º prémios: 5.000$ cada — certificados n.ºs 141 323 194 641 204 317 226 036 249 740 237 165 367 374 372 935 378 608 e 385 854

60 — 5.º prémios: 1.000 cada — certificados n.ºs 4 257 64 494 94 969 133 696 145 204 151 538 151 786 156 101 160 933 163 125 167 551 169 730 173 864 180 607 182 515 185 652 185 811 187 333 190 698 190 869 192 865 196 454 198 453 202 287 202 487 204 514 207 939 208 056 212 602 215 095 218 115 221 048 232 158 237 216 246 263 250 320 255 245 259 630 264 381 269 609 302 843 310 833 312 467 315 469 319 869 321 363 323 629 325 043 327 402 328 865 331 548 333 507 336 208 337 943 340 890 342 684 345 682 347 673 350 511 e 352 449.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000$, 21.000$, 14.000$, 3.500$ e 700, respectivamente.

O próximo sorteio, realiza-se em 30 de Setembro de 1971.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 30 de Junho de 1971.

O DIRECTOR-GERAL
J. Sollari Allegro

Dona Maria de Lurdes Almeida Cruz Teixeira de Aguiar

FALECEU

Luís Freitas Teixeira de Aguiar, Francisco da Cruz de Freitas Teixeira de Aguiar, Maria de Lurdes Pereira Teixeira de Aguiar netos, irmãs e mais família, participam que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença, a sua saudosa mulher, mãe, sogra, avó, irmã e parente.

Amanhã ás 9 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral ás 9,30 horas, para Jazigo de família no Cemitério da Conchada (Coimbra)

AGÊNCIA BARATA

RESCALDO DA «TAÇA»: SIMÕES CASTIGADO COM QUATRO JOGOS

A Federação Portuguesa de Futebol aplicou os seguintes castigos:

FUTEBOLISTAS — Simões (Benfica), 4 jogos; Madeira Tomás (Salgueiros), 4 jogos; Jesus Redol (Benfica), 2 jogos; Manuel Barbosa (Boavista), 1 jogo, Luis Pereira (Lamas) e Martins (Riopele), repreendidos por escrito.

Também foram repreendidos por escrito o dirigente Augusto Brandão (do Tirsense) e o Futebol Clube do Porto.

GARRINCHA IREINADOR? — Ele, pelo menos, diz que sim. Que recebeu um convite do Red-Star para jogar dois anos em Paris e que vai aproveitar a oferta porque quer tirar (em França) um curso de treinador

Assembleia Geral no Benfica

Todos de acordo

Poucos sócios do Benfica (não chegariam a três centenas) acorreram ontem ao Pavilhão do Estádio da Luz a apreciar o Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal do Sport Lisboa e Benfica do ano de 1970.

Justino Pinheiro Machado, presidente da assembleia geral, ladeado pelos drs. Eduardo Moser e Sommer Ribeiro, orientou os trabalhos.

Primeira intervenção: Manuel Almeida Oliveira propõe que seja erigido um monumento á memória do prof. Lima Basto, benfiquista prestigioso e inesquecível. Congratulou-se também pela nomeação do eng.º José Maria Seguro um dos autores do projecto do Estádio do Benfica, para o cargo de director do Gabinete de Planeamento do Misistério das Obras Publicas.

Entrou-se a seguir na ordem dos trabalhos. Pinheiro Machado deu então a conhecer á assembleia uma proposta da direcção, na qual se indicava o associado Manuel Silva Moura, para sócio de mérito, o que viria ser aprovado por unanimidade.

Depois, foi lida uma carta do comendador Adolfo Vieira de Brito, acerca da aplicação de uma avultada verba em princípio destinada á construção de piscinas, pelo mesmo oferecida, e que passaria a poder ser utilizada na conta de terrenos para a futura Cidade Desportiva.

O presidente da mesa esclareceu competir, á assembleia geral autorizar essa transferência.

Alvaro Gigante tomou depois a palavra para apreciar demoradamente (três quartos de hora) o Relatório e Contas. Focou a diminuição do numero de sócios, referiu-se aos pesados encargos suportados pelo clube devido á manutenção de diversas modalidades, nomeadamente o ciclismo, e que o aumento de atletas, indicado no Relatório, deve-se ao elevado numero de praticantes de campismo. Alongou-se o orador quando Pinheiro Machado lhe chamou a atenção:

— Está a falar há 40 minutos

O dr Pedro Cabrita, antigo treinador e jogador de râguebi do clube, proferiu a seguir uma curiosa exposição, acabando por propor a criação de uma comissão encarregada de organizar cursos de formação, com a duração de dois ou três meses, de dirigentes de comissões.

Coube então ao sócio Botelho da Costa sugerir a nomeação de João Palma (22 anos ao serviço do ténis de mesa e do basquetebol) como sócio de mérito, (aprovação por unanimidade).

E ficou-se por aqui, no que respeita á discussão do Relatório, posteriormente aprovado por unanimidade, o mesmo sucedendo em relação ao Parecer do Conselho Fiscal e á concessão e galardões.

Votos de saudação e agradecimento, de louvor e agradecimento, de louvor de saudação e de pesar.

Esbotada a ordem dos trabalhos entrou-se na meia hora destinada á discussão de assuntos diversos.

Jaime Catarino Duarte pediu á direcção esclarecimentos sobre a actividade do atletismo do clube.

O dr. Borges Coutinho respondeu informando ter o presidente da C. M. L. oferecido 3 ou 4 hectares de terreno, cuja entrega se fará dentro de dias, procedendo-se nessa altura á execução da primeira fase das obras no campo de treinos, que terá uma pista de atletismo.

Botelho da Costa voltou ao microfone para aludir a problemas relacionados com o ténis de mesa, dizendo ser o Benfica um clube presidencialista, pois contava com 39 presidentes e vice-presidentes.

O dirigente Leite Inácio replicou a uma observação do orador antecendente, afirmando serem as melhores as relações entre o Benfica e o Ateneu Comercial de Lisboa.

Por fim, Justino Pinheiro Machado anunciou ter chegado ao termo o seu mandato, pelo que abandonaria as funções que ocupou até agora notícia que deu motivo a uma calorosa manifestação de carinho por parte dos presentes.

ATLETISMO NO BENFICA

A secção de atletismo do Benfica realiza, no Campo Grande, no próximo domingo (ás 10 horas) e quarta-feira (ás 21 e 30 horas), torneios de captação destinados a rapazes e raparigas, dos 10 aos 20 anos, que queiram praticar a modalidade.

Domingo, ás 10 horas: 60, 150 e 1000 metros, altura, vara e dardo (para rapazes até 15 anos); 80, 700 e 2000 metros altura, vara e dardo (para rapazes a partir dos 16 anos); 60, 600 metros, comprimento e peso (para raparigas).

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio de Encerramento (Taça Paiva e Silva): Oriental - Belenenses, ás 22, em Chelas; e Ateneu-Almada, ás 22, no Encarnação.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da I Divisão: Oeiras-Benfica, ás 22 e 15, em Oeiras

TÉNIS — Taça Geza Torok, no Clube de Ténis do Estoril, ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores: Progresso Clube - Académica da Amadora, Lisbonense-Económicos e Paço do Lumiar-Musical 3 de Agosto, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria: Alekhine-Benfica e C. D. U. L.-Ateneu, ás 21, nos tabuleiros dos primeiros.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O TORNEIO DE BADAJOZ

DO PRESTÍGIO AO PROVEITO

Terminou o Torneio Ibérico e pode dizer-se que a principal novidade que nos trouxe foi a vitória, pela primeira vez, de uma equipa não latina.

Mais ainda: de uma equipa não portuguesa.

Na verdade, as turmas portuguesas que se tinham deslocado a Badajoz, em anos transactos, para tomar parte na competição, tinham deixado naquela cidade um cartaz que, infelizmente, o Sporting não soube ou não pôde confirmar em pleno.

É altura de se dizer que isso sucedeu por culpa própria, pois torna-se necessário que os clubes ponderem devidamente nas suas participações em torneios deste género, salvaguardando desde logo não só a recompensa financeira mas também o seu próprio prestígio

Este foi o erro principal de o Sporting ter aceite o convite para estar presente no torneio, esquecendo que o clube poderia ser finalista da «Taça de Portugal» e que, portanto, as datas viriam colidir com essa mesma final.

Assim, o Sporting perdeu muito do prestígio que tinha em Badajoz e vê-se agora a braços com a organização que (com certa razão) não quer pagar o «cachet» préviamente estabelecido.

Tudo isto não invalida a vitória justíssima do Estrela Vermelha, que jogando contra a reserva (ou não) dos «Leões» seria muito provávelmente sempre o finalista, tal o poderio táctico, físico e, até, técnico, que os jugoslavos apresentaram. Com um meio-campo sensacional, os jugoslavos têm em Acimovic e Dzaich os seus jogadores mais evoluídos: o último obteve na final um golo extraordinário e que ele merecia como ninguém.

O Real Madrid voltou a obrigar a prolongamento numa final e se o facto é de assinalar, o caso é que voltou a perder mais uma vez. Pareceu-nos uma equipa a quem falta um «fora de série» para se impor, pois continua a ter em Amâncio o melhor jogador. Na final, se não fosse a grande exibição do seu guarda-redes (Garcia Remon) estamos em crer que teria saído de «El Vivero» vergada por uma pesada derrota.

Terminaremos falando do Granada, que veio para cumprir calendário, pois não mostrou nem capacidade nem força para fazer mais do que isso. As arbitragens estiveram a cargo de juízes espanhois, que apostaram em dar «festival de caseirismo», não tendo mostrado categoria para comparecerem em torneio desta envergadura.

Uma palavra para Joaquim Rocha, o luso-brasileiro que fez a sua estreia no Sporting. Para já tem muita facilidade de pontapé e muita força. Parece-nos, contudo, que está ainda um pouco «verde» e que só o tempo e novas apresentações poderão dar uma ideia exacta daquilo que vale.

Referências individuais para Djaich (o melhor jogador do torneio), Dujkovic (o guarda-redes jugoslavo), Acimovic, Garcia Remon, Zoco, Laranjeira e Dani.

A organização do Ayuntamiento esteve impecável, ressalvando as instalações para os jornalistas: impróprias para uso de mais de 2 pesoas ...

CARNEIRO JACINTO

A equipa do Estrela Vermelha, indiscutível vencedor do torneio. No domingo, á tarde, ganhou a «Taça da Jugoslávia». A noite, viajou para Belgrado. Na segunda-feira andou de avião: de Belgrado para Roma (de manhã), de Roma para Madrid e daqui para Sevilha (á tarde). Fez o percurso de Sevilha para Badajoz em autocarro: os seus jogadores equiparam-se em viagem, pois só chegaram ao Estádio «El Vivero» trinta minutos antes de alinharem perante o Sporting — a quem derrotaram por 6-1...

PRONTO A VESTIR

ADÃO CAMISEIROS

A CASA QUINTÃO
30, RUA IVENS, 34
Especializada em Tapetes e Alcatifas
Participa aos seus Clientes e Fornecedores que durante os meses de JULHO, AGOSTO e SETEMBRO encerra os seus estabelecimentos aos SÁBADOS.

PRONTO A VESTIR
Fatos leves, Casacos e calças de linho, Vestuário para campo e praia e as ultimas novidades em malhas, camisas e calções de banho
VERÍSSIMOS
Av. Guerra Junqueiro, 8-C
— Telef. 72 73 35 —

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. José Ricardo Bento

Faleceu em Lisboa o sr. dr José Ricardo Bento, de 61 anos, licenciado pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras

O extinto ingressou na Direcção-Geral da Contabilidade Publica em 27 de Setembro de 1930, tendo ascendido á categoria de chefe de repartição em 20 de Fevereiro de 1961. Desde 2 de Março do mesmo ano, representava aquela Direcção-Geral junto do conselho de administração do Porto de Lisboa.

Conselheiro dr. Armando do Amaral Cabral

Faleceu o sr. conselheiro dr. Armando do Amaral Cabral, de 82 anos, natural de Oliveira do Hospital, viuvo, pai do sr. António Manuel Ribeiro do Amaral Cabral e sogro da sr.ª D Maria Teresa Pais de Faria Cabral Metello do Amaral Cabral. O funeral, a cargo de A Funerária da Boa Hora, de Ferreirinha & Palminha, Ld.ª, da Calçada da Boa Hora, 145-147, realiza-se amanhã, ás 8 horas, da igreja de Fátima para jazigo de família no cemitério de Oliveira do Hospital.

FUNERAIS

Dr. Licínio dos Santos

Ficou sepultado, no cemitério de Benfica, o corpo do sr. dr. Licínio dos Santos, de 87 anos, membro da Ordem dos Velhos Jornalistas Brasileiros, que vinha a Portugal passar três meses de férias, mas que por ter sido acometido por doença subita a bordo, recolheu ao Hospital da C. U. F., onde faleceu.

SUFRAGIOS

D. Margarida Pinto Basto de Medeiros e Almeida

Por expressa vontade da extinta, só agora é tornado publico o falecimento da sr.ª D. Margarida Pinto Basto de Medeiros e Almeida, esposa do industrial e benemérito sr. António de Medeiros e Almeida, presidente da Fundação Salazar. O infausto acontecimento ocorreu no passado dia 25. A extinta praticou, durante a vida, inumeros actos de grande generosidade e benemerência.

O seu funeral realizou-se no passado sábado para o cemitério dos Prazeres, e amanhã, ás 13 horas, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Camilo Castelo Branco, será celebrada missa de 7.º dia.

Ao sr. António de Medeiros e Almeida apresentamos condolências.

Joaquim Maria Ventura

Passa amanhã o primeiro aniversário do falecimento do sr. Joaquim Maria Ventura. Pelo seu eterno descanso, haverá misso de sufrágio, mandada celebrar pela família, na igreja dos Jerónimos, ás 9 e 30.

D. Manuel II

A semelhança dos anos anteriores, o conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança manda celebrar, amanhã, ás 12 horas, no Panteão da Dinastia de Bragança, em S. Vicente de Fora, missa por alma de D. Manuel II, comemorando o 39.º aniversário do seu falecimento.

Será celebrante o cónego José Correia de Sá (Asseca).

Militares falecidos no Ultramar

LUANDA, 1 — (A. N. I. e L.) — Faleceram em Angola, por acidente de viação o soldado José da Silva, natural de Lamego, filho de João da Silva e de Augusta Teixeira, e por desastre, o soldado Manuel António da Mata Santos, natural de Viana do Castelo, filho de João António dos Santos e de Maria Augusta da Mata, e o primeiro-cabo Armando Lopes Araujo natural de Guiães, Vila Real, filho de Arnaldo Marcelino Araujo e de Vitória Conceição Lopes.

LOURENÇO MARQUES, 1 — (A. N. I. e L.) — Morreram em Moçambique, devido a desastres de viação, o primeiro-cabo José da Fonseca Couto, natural de S. Pedro da Cova, filho de Herculano do Couto e de Ana Neves da Fonseca, e o soldado Alberto da Silva Teixeira, natural de Gondomar, filho de Joaquim Teixeira e de Jesuina Ferreira Silva.

Luso Eléctrica

HORÁRIO DE VERÃO

COMUNICAMOS que todos os nossos serviços encerram aos sábados nos meses de Julho, Agosto e Setembro, tendo nesses meses o seguinte horário:

LISBOA	PORTO
9 às 12,30 h.	9 às 12,30 h.
14 às 18,30 h.	14,30 às 19 h.

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA PORTO

†

Alexandre de Ascensão Cardoso

FALECEU

Sua mulher, filhos, sogros e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento em Londres e que os seus restos mortais se encontrarão depositados na Igreja de S. João de Brito a partir das 17 horas de amanhã, realizando-se o funeral no Sábado, ás 11 horas, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA MAGNO
Tel-f. 534167

†

Alexandre de Ascensão Cardoso

FALECEU

LUBRICAR — ORGANIZAÇÕES REUNIDAS DE AUTOMOBILISMO, LDA. — Participa o falecimento em Londres do seu sócio-gerente, Ex.mo Snr. Alexandre de Ascensão Cardoso e que os seus restos mortais se encostrarão depositados na Igreja de S. João de Brito a partir das 17 horas de amanhã, realizando-se o funeral no Sábado, ás 11 horas, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	455$	455$	—
Consolidado 3%	470$	—	470$
Consolidado 3 1/4%	583$	—	—
Centenários 4%	1.344$	—	1.344$
Obrigações Tesouro 5%	—	—	805$
Externo 3 Série	—	—	—
Externo 3 Série B	—	—	—
Externo 3 Série C	—	—	—
Externo 3 Série D	—	700$	—
Caixa Económica 3 Série	—	160$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P L 5% 56	—	—	—
A P L 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	810$	—
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U P 6%	—	930$	935$
C U P 6% 68	—	—	—
Gás Electr 4% 48	840$	830$	850$
Gás Electr 4 1/2% 51	—	865$	870$
Gás Electr 5% 54	—	855$	—
Gás Electr 5% 58	—	800$	—
Gás Electr 5% 59	—	800$	—
Gás Electr 5% 62	—	950$	—
Gás Electr 5% 64	—	950$	—
Gás Electr 5% 65	—	—	—
Gás Electr 5% 67	—	975$	980$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Lavadio 5%	—	740$	—
H E Cávado 6%	—	940$	—
H E Douro 5%	—	—	—
H E Douro 6%	—	940$	—
H E Norte Port 5%	—	—	860$
H E S Estreito 6%	—	910$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	920$	—	940$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	960$	—
Moçambique 5%	650$	650$	700$
Nac Electr 5%	—	750$	760$
Nitratos 5%	—	—	750$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimicc 5%	—	840$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	840$
Siderurgia 5% 2.ª	—	720$	730$
Siderurgia 5% 3.ª	—	720$	730$
Siderurgia 5% 4.ª	730$	725$	—
Sonete 5%	—	800$	—
T A P 4%	—	890$	—
Termoelect Port 5%	—	—	760$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	88$	92$5
U E P 4 1/2%	—	88$	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	720$
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Borar	—	120$	—
Buzi	—	71$	72$
Cabinda	—	195$	198$
Diamantes Angola	2.030$	2.020$	2.040$
M E Revue	—	615$	650$
Inc de Príncipe	520$	500$	552$
Moçambique	—	182$	—
Sonete A	—	395$	410$
Sonete B	—	410$	413$
Zambézia	65$	69$	66$
Diversos			
Cidla	—	6.800$	—
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	—	—
Cor Navegação	—	1.465$	—
C U P	1.400$	1.390$	1.400$
Ema Alianço	—	—	—
Nac Navegação	—	3 700$	—
Petroquimicc	1.150$	1.140$	1.170$
Port e Colónias	970$	960$	980$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	—	1.100$	1.200$
Port Tabacos	588$	585$	588$
Sacor	3.820$	3.820$	3.900$
Siderurgia Nac	2.440$	2.430$	2.445$
Sacor	—	3.280$	3.300$
Tabacos de Portugal	—	1.490$	—
Tabaqueira	—	6.000$	6 150$
U C Azote	625$	620$	630$
Agua Electr Gás			
Aguas Lisboa P	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	415$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.106$	1.106$	1.107$
C P Electricidade A	1.085$	080$	1.085$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beira	—	1.630$	1.635$
Gás Electr	372$	372$	374$5
H E Alto Alentejo	—	176$5	77$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estreio	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	190$	190$	190$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$6	251$
F I D E S	—	127$7	131$5

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47[illegible] ALAPI P

ACÇÕES Banco			
Agricultura	2.2230$	2220$	2.240$
Alentejo	1.140$	1.140$	1.145$
Angola	4.300$	4.400$	—
Burnay	—	—	—
Crédo Predial	—	7.300$	7.400$
E Santo	6.570$	6.560$	6.580$
E Santo A	—	—	—
Fonsecas e B	—	—	27.500$
Fomento	2.850$	2.830$	2.900$
L S Açores P	—	—	—
L S Açores A	—	—	—
P Atlântico P	6.460$	6.460$	6.480$
Portugal A	—	3.600$	—
Portugal P	—	4.100$	4.200$
Totta Alianço	6.950$	6.950$	6.960$
Ultramarino A	4.200$	4.200$	4.240$
Ultramarino P	4 520$	4.510$	4.530$
Seguros			
Alentejo	—	135$	—
Douro	—	2450$	—
Mundial	985$	982$	990$
Sagres	—	3.000$	3.600$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	—	770$
Ag Casseaue	685$	682$	690$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	24/6/71	30/6/71	1/7/71
GERAL	150,1	150,4	150,3
METROPOL	147,1	146,9	146,8
ULTRAM.	172,5	175,7	175,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	7$95	8$30
América		
— Dollars de 1 a 4	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 e 000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Austria — Schilling	$14	$ 9
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$00	5$20
Canadá — Dólar	27$50	28$00
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,7	$42,2
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papeis de crédito
Tel 231278

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Rua Braamcamp, 9, 2.º

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA 7.ª SECÇÃO DE ACTIVIDADE «INDÚSTRIA DE CERÂMICA E VIDRO»

e Cimentos (Produtores e Fabricantes de Produtos de base Cimento)

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º, do n.º 2 do artigo 59.º e do § unico do artigo 32.º dos Estatutos deste Sindicato, convocamos os sócios integrados nesta Secção, a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 13 de Julho de 1971, ás 21 horas, na Rua do Alecrim, 46, 1.º, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e votação do Relatório da Comissão Directiva, relativo ao ano de 1970.

Esclarecemos que, se á hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer numero.

Lisboa, 20 de Junho de 1971

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

SECÇÃO PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE CONTAS

CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do § unico do art.º 57.º e do n.º 2 do art.º 59.º dos Estatutos, convocam-se, pela presente, todos os sócios integrados na Secção Profissional dos Técnicos de Contas, a reunirem-se em Assembleia-Geral Extraordinária pelas 21.30 horas, de 15 do corrente, na sede do Sindicato, sita na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Tomar conhecimento da evolução dos trabalhos levados a efeito pela Comissão nomeada em Assembleia Geral de Fevereiro findo, para estudos do enquadramento contratual dos Técnicos de Contas;
2. Nomeação de um Grupo de Trabalho para estudo do anteprojecto de Regulamentação dos Técnicos de Contabilidade e apresentação de uma contra-proposta, se tal se justificar.

Se á hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios convocados, a reunião efectuar-se-á meia hora depois com qualquer numero de presenças, conforme prevê o art.º 33.º dos Estatutos.

Lisboa, 1-7-71. A COMISSÃO DIRECTIVA

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
A mais popular actriz da actualidade
Romy Schneider em
QUEM?
com **Maurice Ronet** e **Simone Bach.** Realiz.: **Léonard Keigel**
Em complemento, o documentário **MOVIEMANIA** de Francisco Saalfeld

SATÉLITE
(Adultos) Tel 562882
Às 15.30, 18.30 e 21.45
19.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com **Michel Piccoli** e **Romy Schneider**
Situado no edifício do Monumental

POLITEAMA
(M. 10 anos) Tel 476305
HOJE, ÀS 21,30 h — Col.)
Em continuação de estreia o excepcional documentário
ANGOLA NA GUERRA E NO PROGRESSO
Realização do Tenente **Quirino Simões**
Hoje, às 18,30 (Sessão clássica) com o filme **DEUS COMO TE AMO.** **(M. 10 anos)**

ODEON
(M. 10 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 6.ª SEMANA E ÚLTIMA
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Robert e Irma Lozano
— Eastmancolor —

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
2.ª SEMANA DE ÊXITO
As 18.30 e 21.45
Marlon Brando, Richard Boone e Rita Moreno num filme de excepcional interesse
A NOITE DO ÚLTIMO DIA
A história de um rapto demasiado fácil e perigoso...
Panavision e Technicolor

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) às 17, e 21,30 h.
COLUNA DE CINZAS
Todo o drama da luta pela sobrevivência travada em plena Guerra do Vietnam

IMPÉRIO
Tel. 555134/5
Grupo C — Interdito a menores de 14 anos
Às 15,15 e 21,30 h
Alto suspense!
O PRÉMIO
Paul Neuman, Elke Somer, Edward G. Robinson
(Panavision e Metrocolor)

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A obra-prima de **Carlos Saura**
EM TRÊS UM É DEMAIS
(Strese és tres, tres)
com **Geraldine Chaplin**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias em versão original
Version originalle
Original version
Às 15 h.
O CRIADO
(The Servant)
de **Joseph Losey**
c/**Birk Bogarde** e **Sarah Miles**
O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD
Às 21 h.:
O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD
O CRIADO

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
Henry Fonda, Claudia Cardinale e Charles Bronson, numa sensacional e empolgante aventura!
ACONTECEU... NO OESTE
(Penavision e Technicolor)
Versão integral dd discutido filme de **Sérgio Leone**
A Av. Frei Miguel Contreiras

BERNA
(1.ª 10 anos) Tel. 776098
2.ª SEMANA
Às 18.30 e 21.45
Alan Ladd, Jean Arthur, Van Heflin e Jack Palance, no filme **que ninguém mais esqueceu!**
SHANE
Technicolor
Um clássico do «western»
(A Av. Marquês de Tomar)

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
HOJE às 21,30:
ESTREIA
O NINHO DAS VÍBORAS
com **Rock Hudson** e **Sylva Koscina**
Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições
CRIME NO BOSQUE
(Adultos)

ESTÚDIO 444
Tel. 779095
Grupo B — Não é permitida a assistência a menores de 10 anos
8.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
O MENINO SELVAGEM
O maravilhoso filme de **François Truffaut.**

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
Às 15.30 e 21.45
Uma Eva dos nossos dias, perante um Adão á moda antiga!
UM DOMINGO EM NOVA-YORK
com **Jane Fonda** e **Rod Taylor**
Metrocolor

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Atenção a partir de agora este Espectáculo pertence ao grupo C — (Não é permitida a assistência de menores de 10 anos).
Às 15.15 e 21.30
Jim Brown e Lee Van Cleff
O TESOURO DE EL CONDOR
70 m/m — Colorido

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
OS INSACIÁVEIS
com **Alan Ladd** e **Carrol Baker**

LIDO
(M. 17 anos) Às 21.30 h.
Um filme de aventuras e muita acção!
PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO
com a escultural artista **Raquel Welch**

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.15 18.15 e 21.30
Um filme que não é um filme qualquer ..
Kyle Johson e Estelle Evans num filme de **Gordon Parks**
NOVAS SEMENTES
(The Learning Tree)
Panavision Technicolor

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias em versão original
Version originalle
Original version
Hoje, ás 15 h.:
O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD
(L'année Dernière à Marienbad)
c/**Delphine Seyvrig** e **Georgio Albertazzi**
O CRIADO
Às 21 h.:
O CRIADO
O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD

TIVOL
(M. 17 anos) Tel. 50593
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 noite
Curt Jurgens, Alan Ada, Jacqueline Bisset e **Brad Dillman**
A VALSA DO MEDO
Metrocolor

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
4 Sessões diárias, às 14.15 16.30 18.45 e 21,45
HISTÓRIA DE UMA RAPARIGA LOIRA
Um filme de George Lautner

LUMIAR
Não é permitida a assistência a menores de 10 anos
UM HOMEM A QUEM CHAMARAM CAVALO
Às 21 horas
UM INGÉNUO DIABÓLICO

IMPERIAL
Tel. 45923
Grupo B — (M. 10 anos)
Às 21 h.
O MORTO ERA OUTRO

APOLO 70
CINEMA ESTÚDIO
Av Júlio Dinis
(M 1[illegible] anos) Tel. 763319
6.ª SEMANA
Às 14.30 16.45 e 21.45
O VALE DO FUGITIVO
Scope Technicolor
Robert Redford e Katharine Ross
Às 19 horas:
A FLOR A BEIRA DO PANTANO
de **Sidney Pomack**
com **Natalie Wood** e **Robert Redford** **(Adultos)**

RÓ[illegible]
Grupo B **(M. 10 anos)**
Às 15 e 21 horas
ZÍNGARA
O ASSUNTO ERA ROSAS

[illegible]
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
GALILEU
c/ Martin Jhen

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos)

A B C — Às 21 e 45: «A senhora minha tia» (14 anos)

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O preço de 5 jogadores» (12 anos).

CINEARTE — Às 21: «Os botenicks» (10 anos).

PARIS — Às 21: «Canhões para Cordoba» (17 anos)

IDEAL — Às 21: «Tempo dos lobos» (17 anos).

JARDIM — Às 21: «Maria Isabel» (10 anos).

SALÃO LISBOA — Às 21: «Os Homens da Bonanza» (10 anos).

Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA - CINE — Às 21 e 30: «Dr.... Vamos a isto» (17 anos).

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Mademoselle Manfrin» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Coluna de Cinzas» (17 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «John e Mary» (17 anos). ESPLANADA — Às 21: «Mata-me depressa que tenho frio» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Aqueles dias contigo» (17 anos).

Outra Banda

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A Perversa» (17 anos)

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «E Deus criou a mulher» e «O Corrasco de Londres» (17 anos)

MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «O Presidente do Glorioso Futebol Clube» (17 anos)

Linha de Sintra

ALMADA — INGRIVEL — Às 21 e 15: «O ofício de matar» (17 anos).

PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Batalha Naval» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO—Às 21 e 30: «O mandarim da bata branca» (12 anos)

COLISEU — Às 21 e 30: «Julio César» (12 anos)

ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O homem sinistro» (17 anos).

TRINDADE — Às 21 e 30: «Lua de mel com urtigas» (17 anos).

BATALHA — Às 21 e 30: «Tom Jones» (17 anos)

ESTUDIO—Às 21 e 30 «Paixão» (17 anos)

OLIMPIA — Às 21 e 30: «Saias acima!» (17 anos).

CARLOS ALBERTO—Às 21 e 30: «Os cavalos também se abatem» e «O comissário Maigret em Pigalle» (17 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A maluquinha de Arroios» (17 anos)

CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «Que belo patife» (17 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Confissão» (8-10 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Jerry, enfermeiro sem diploma» (12 anos)

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Fuga para a liberdade» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — **Mendes Gomes,** Calçada da Ajuda, 222 (tel 638256) ✻ **Tapada,** Calçada da Tapada, 83-A (tel 634721)

ALCÂNTARA — **Este Nogueira,** R de Alcântara, 5-A (tel 637563)

ALFAMA—**Cruz de Malta,** Largo do Chafariz de Dentro, 36 (tel 866126)

ALMIRANTE REIS—**Lusa** Avenida Almirante Reis, 99-A (tel 41269)

ALTO DE S. JOÃO — **Dalton,** Av Mouzinho de Albuquerque 7 (telefone 84357)

ALVALADE — **Nova Iorque,** Av Estados Unidos da América, 40-B (tel 760658) ✻ **Líbia,** Av do Igreja 4-B (tel 717681) ✻ **Celta,** Rua Moura Girão 3-B (te 7 062[illegible]) ✻ **Marbel,** Avenida de Roma 131-A (tel 776235)

AMOREIRAS — **Amoreiras,** Praça das Águas Livres, 8-D (telef 68[illegible]515)

ANJOS — **Magalhães,** Av Almirante Reis, 4-D (tel 49479)

ARCO DO CEGO — **Providência,** Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324)

AREEIRO — **Lusitânia** — Avenida de Roma, 8-A (te 725443) ✻ **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço 6-B (tel 7 033[illegible])

AVENIDA DA LIBERDADE — **Morais Sarmento,** Rua de Santa Marta, 5 ao Tivoli (telef 46490)

AVENIDAS NOVAS — **Lungenit,** Avenida da Republica, 55 (tel 772 32) ✻ **Oliveira Viegas** — Rua Viriato, 29-A (Tel 48966 e 553601) ✻ **Só do Bandeira,** Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (tel 54672)

BAIRRO ACTORES — **Lusa** Av Almirante Reis, 99-A (telf 41269)

BAIRRO ALTO — **Andrade,** Rua do Alecrim, 125 (tels 823446-370685)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira,** Praça das Casas Novas lote 66 (tel 3[illegible]0172)

BAIRRO DA LIBERDADE — **Zenal,** Rua A, 82 (T 651840)

BAIXA — **Simões Pires,** Rua do Prata, 115 (**Telefone** 362350)

BELÉM —**Botânica,** Rua da Junqueira, 38 (Telefone 638 32)

BENFICA —**Macedo,** Estrada do Poço do Chão 69-C (tel 103697) ✻ **Benfiluz,** Estrada de Benfica 444 (tel 782606)

CAMPOLIDE —**Nova,** R de Campolide 297-C (tel 687475) ✻ **Ronil,** Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (telefone 683438)

CAMPO DE OURIQUE—**Findor,** Rua D Maria Pia, 514 (tel 687949) ✻ **Linalde,** Rua Ferreira Borges 30 (te 660955)

CAMPO DE SANTANA — **Peninsular,** Campo dos Mártires da Pátria, 117 (te 553308)

CASTELO — **Santa Luzia,** Rua do Saudade, 2-A (tel 86983[illegible])

CHIADO — **Andrade,** Rua do Alecrim, 125 (telefone 323446)

CONDE BARÃO — **Marcos do Nascimento,** Calçada Marquês de Abrantes 36-A (tel 664238)

ENTRECAMPOS — **Nova Iorque,** Av Estados Unidos da América, 40-B (tel 760658)

ESTEFÂNEA — **Fonseca,** Largo de D Estefânea, 4 (tel 54808) ✻ **Romana Baptista,** Rua Passos Manuel 6-0 (tel 50593)

GRAÇA —**Almeida Dias,** Largo da Graça, 38-A (tel 862909) ✻ **Higiénica,** Rua Heliodoro Salgado, 20-A (tel 84436[illegible])

ESTRADA DA DAMAIA — **Progresso,** Estrada A-da-Maia, 64-C (telefone 102226)

ESTRELA — **Linalde,** R Ferreira Borges 30 (telefone 660955)

GRILO — **Madre de Deus,** Rua da Margem, 5-B (te 382470)

JUNQUEIRA — **Botânica,** Rua da Junqueira 38 (tel 638[illegible]32)

LAPA — **Alb.** Rua de Santana, 156 (tel 663562) ✻ **Moderna,** R Garcia da Orta 24 (tel 663[illegible]7)

LUMIAR — **Patuleia,** R do Lumiar, 22 (telefone 790332) ✻ **Douro,** Avenida das Linhas de Torres 93-A (tel 79[illegible]3[illegible])

OLIVAIS — **Simão,** Rua Cidade de Cabinda 6-A (junto á piscina) (telefone 3 058[illegible])

PEDROUÇOS — **Higilux,** Rua de Pedrouços, 52 (telefone 6[illegible]0280)

PENHA DE FRANÇA — **Higiénica,** Rua Heliodoro Salgado 20-C (t 84436[illegible]) ✻ **Zema,** R General Justiniano Padrel, 21 (ó Calçado dos Barbadinhos) telefone 832580)

SANTA MARTA — **Morais Sarmento,** Rua de Santa Marta, 5 (ao Tivoli) (tel 46490)

PICHELEIRA — **Marluz** — Calçada da Picheleira, 40 B (t 720703-728395)

S SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Oliveira Viegas** Rua do Viriato, 29-A (tel 48966-553601)

SETE RIOS — **Canto** Estrada das Laranjeiras, 202-B (te 780841)

SOCORRO — **Ferrão,** R da Mouraria, 2 (telefone 860464)

Linha de Cascais

ALGÉS — **Miraflores** — R António Granjo, 2 (tel 213161)

CAXIAS — **Nova** — R Bernardim Ribeiro, -A (te 242839)

PAÇO DE ARCOS—**Trindade Brás** — Rua Costa Pinto, 86 (tel 2432034

OEIRAS — **Godinho** — R Cândido dos Reis, 98 (tel 2430090)

PAREDE — **Alsir** — B das Caixas de Previdência, Bloco A (tel 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL— S Pedro (tel 263052)

ESTORIL — **Marques dos Santos** — R. Ferreira, J A., 15 (tel 260[illegible]6)

CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (tel 280078) ✻ **A. Costa** — R. Freitas 24-C (tel 280[illegible]4)

Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av Marquês de Pombal, Lote 9 (tel 934589) ✻ **Campos** — R **Elias** Garcia, 185 (tel 930072) ✻ **Clabel** —R António Sardinha, 23 (tel 93855[illegible]).

DAMAIA — **Confiança** —Est Militar Lote D (Telefone 9710231).

QUELUZ — **Zeller,** Rua da Republica, 83 (Telefone 950045) ✻ **Correia,** L do Mercado, 3 (Tel 950905)

CACEM — **Garcia** — Av dos Missionários, 2 (Telef 294[illegible]8)

MEM MARTINS — **Quimia** — Est Mem Martins 285 (Tel 29[illegible]00[illegible]2)

CAXIAS — **Nova** — R Bernardim Ribeiro, -A (te 242839)

S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim.** (Tel 980456)

SINTRA — **Misericórdia** — L Dr Gregório de Almeida 2 (tel 980391).

COLARES — **Colares** — Abreia — (Tel 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** Jorge 5 (Tel 234[illegible]00)

ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (tel 224250)

ALMADA — **Castro Rodrigues** — R Capitão Leitão, 21-A (Tel 270078)

BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est Nacional, 221-B (Telefone 224141)

BARREIRO — **Santa Marta** — R do Lavradio 17-A (tel 2272141)

COVA DA PIEDADE — **Atlantico** — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365)

MOITA — **União Moitense** — Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)

MONTIJO — **Giraldes,** R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008)

SESIMBRA — **Lopes** — R Cândido dos Reis, 67 (tel 229028).

SETUBAL — **Oliveira** — L da Misericórdia (Telefone 22488)

SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja 5 (telef 2218580)

POR[illegible]C

Alberto Ferreira, Rua da Estação 00 (Tel 5[illegible]302) ✻ **Antunes,** Rua do Bonardim, 485 (Tel 27936) **Campo Alegre,** Rua do Campo Alegre, 123 (Telefone 62245 ✻ **Fátima,** R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel 65406 ✻ **Ferreira da Silva,** Rua Mártir da Liberdade 50 Tel 24023) ✻ **Marques Mendonça,** Rua do Ameal, 45[illegible] (T 47[illegible]8) ✻ **Pereiró,** Rua da Preciosa, 35 (Tel 68[illegible]027) ✻ **S. Jerónimo,** Rua de Santos Pousada, 622 (Telefone 54526 ✻ **S. Lázaro,** Av. Rodrigues de Freitas, 297 (Tel 27043) ✻ **Sarabanda** L dos Lóios, 36 (Tel 2[illegible]70[illegible]) ✻ **Saúde,** Av. Comb G Guerra, 689 (Telefone 40376) ✻ **Sousa Soares,** Rua de Santa Catarina, 4 (Tel 22[illegible]45) ✻ **Vitória,** R. S. R do Lamego, 156 (Tel. 52225) ✻ **Gondarém,** Rua de Gondarém 360-Foz.

COIMBRA

Silva Soares—Rua Mouzinho de Albuquerque (tel. 26554) ✻ **Vilaça** — Rua Ferreira Borges (t. 22043) ✻ **Cruz e Costa** — Rua Dr. António de Vasconcelos (tel 22715)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Foi um servente de pedreiro que matou o desenhador da T.A.P.

A Polícia Judiciária identificou e prendeu após diversas diligências, o autor da agressão á facada na pessoa do desenhador da TAP João Augusto Caldas, residente na Rua D. Carlos de Mascarenhas, e que fora encontrado ferido á navalhada na Rua D. Pedro V, por um motorista de táxi, nas circunstancias que referimos, vindo a falecer no Hospital de S. José pouco tempo depois de ali ter dado entrada.

O matador é Agostinho de Sousa Ribeiro de 19 anos, servente de pedreiro, natural de Gondalães, Sandes, e residente na Portela da Ajuda, em Carnaxide. Segundo confissão sua ao inspector dr. Eduardo Baptista e aos agentes Duarte Silva, Marques, Monteiro e Pinhão, a cena passou-se da seguinte maneira: cerca da meia noite do passado dia 26, a vítima, que estivera no arraial de S. Pedro de Alcantara a beber, encontrou em dada altura o Agostinho, que estava acompanhado de outro individuo cuja identidade a Polícia procura descobrir. Aproveitando-se do estado de João Caldas, o amigo do Agostinho resolveu distraí-lo e roubar-lhe a carteira, deixando-o em seguida.

Duas horas depois o desenhador da T. A. P., que passou a andar pelas ruas do Bairro Alto, encontrou o Agostinho que reconheceu, e passou a agredir e a insultar, acusando-o, ao mesmo tempo, do furto da carteira. Momentos depois, quando a vítima se encontrava de costas, o Agostinho Ribeiro vibrou-lhe uma navalhada que o deitou por terra, afastando-se em seguida do local — Rua da Atalaia, esquina para a Travessa da Cara— onde a vítima veio a ser encontrada.

Morto por asfixia

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal o corpo do sr. Benigno Trindade, de 62 anos, ajudante de motorista, residente no Casalinho da Ajuda, 2, 2.º esq., que pôs termo á vida por asfixia nos lavabos de uma enfermaria do Hospital de S. José

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco; havia neblina ou bruma em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 38°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 13°.6.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 21°; Penhas Douradas, 22°; Coimbra, 27°; Portalegre, 27°; Lisboa e Faro, 24°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — No atmosfera: 21°,5; na água do mar, 17

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Continuação do tempo quente, com céu pouco nublado ou limpo; vento fraco a moderado dos quadrantes de Noroeste; possibilidade de formação de neblina matinal e de ocorrência de bruma durante a tarde.

Amanhã
Nascer ás 6 e 15
Ocaso ás 21 e 6

Dia 8 Dia 15 Dia 22 Dia 30

MARES:

PREIA-MAR — **Hoje:** 10 e 46 (3,1 m); 22 e 55 (3,2 m). **Dia 2:** 11 e 37 (3,1 m); 23 e 57 (3,1 m). **Dia 3:** 12 e 31 (3,2 m)
BAIXA-MAR — **Hoje:** 3 e 41 (1,7 m); 16 e 12 (1,8 m). **Dia 2:** 4 e 46 (1,7 m); 17 e 17 (1,8 m). **Dia 3:** 5 e 38 (1,7 m); 18 e 15 (1,7 m).

«Diário de Lisboa»

Os srs dr. Manuel José Homem de Mello e Fialho de Oliveira, que há dias assumiram, respectivamente, as funções de director e subdirector de «A Capital», tiveram a amabilidade de vir ao «Diário de Lisboa» apresentar cumprimentos ao nosso director, dr. António Pedro Ruella Ramos.

Agradecemos a gentileza.

Atropelamento mortal

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal por ter chegado já morto ao Hospital de Santa Maria José Delgado, de 65 anos, pintor, residente no Marco do Terreirinho, 15-1.º, que fora atropelado por um automóvel no Campo Grande.

Nova agência do Banco Português do Atlântico

PÓVOA DE VARZIM, 1 — Depois de totalmente remodeladas, abriram ao público, na Praça do Almada, as instalações da agência do Banco Português do Atlântico, a qual, durante algum tempo, devido ás obras de beneficiação e ampliação que lhe foram impostas, funcionou provisóriamente noutro local.

A LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS	
39972 —	8 000 000$
3593 —	1 000 000$
38827 —	400 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO	
39971 —	11 800$
39973 —	11 800$

PRÉMIOS DE 20 CONTOS

3015 10937 13347 14041 17092 22665 22948 23627 24351 26033 27703 29233

PRÉMIOS DE 1000$00 (CENTENAS)

3501 a 3600; 38801 a 38900 e 39901 a 40000

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 202 ou 972, são contemplados com 2100$00, em cada bilhete. Os terminados em 093, 153, 218, 323, 414, 493, 505 e 829, são premiados com 1500$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 2, têm direito a 600$00, também em cada bilhete.

De vez em quando

Veio de trás dos Montes um grupo de gente grada que lá nasceu e por lá se ficou. Juntaram-se-lhe aqui duas duzias de pessoas que lá nasceram, mas cujas aspirações não se confinaram ao mourejar quase sem esperança em terras madrastas. Todos, foram ao ministro da Educação agradecer-lhe disposições tendentes a solucionar problemas respeitantes ao fomento do ensino no distrito de Bragança. Os problemas — muitos — foram novamente equacionados. As soluções — morosas naturalmente — de novo as apontou o prof. Veiga Simão, que não olvidou a necessidade de aquecer as escolas daquela zona do País. O ministro é serrano, sabe como morde na pele o dente impio dos frios agrestes, quase tão dolorosos como a intolerancia e a incompreensão dos homens que nunca souberam (ou quiseram) moldar a alma ao calor das autênticas virtudes humanas. Houve palavras, muitas e bonitas, nas quais se insere o desejo expresso pelo ministro de se conseguir «um Portugal cada vez mais progressivo, mais rico, mais actual e mais humano». Aqui está como os problemas de Trás-os-Montes se generalizam a todo o País. Já era tempo, porém, de passarmos das discussões na generalidade ás actuações na especialidade.

V. D.

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

2.º PRÉMIO — 3593

1000 contos

Vendido pelo Feliz

CAMBISTA TESTA

Não exite, jogue no Testa e terá Festa!

74, RUA DO ARSENAL, 78
LISBOA-2

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE ÀS 22 HORAS

O ACONTECIMENTO DO ANO

DAMASO GONZÁLEZ
JOSÉ LUÍS PARADA

Duas primeiras figuras de Espanha na primeira praça do País
4 - TOIROS DE PORTO ALTO - 4
Cavaleiros: JOSÉ NÚNCIO e LUÍS MIGUEL DA VEIGA
FORCADOS AMADORES DO ALENTEJO
e 4 toiros de D. Maria Ana Passanha

O embaixador dos E. U, A. visitou a Feira de Barcelos

PORTO, 1 — No prosseguimento da sua visita ao Norte do País, que hoje termina, o embaixador da América do Norte, em Lisboa Ridgwai B. Knight, deslocou-se esta manhã a Barcelos onde visitou a respectiva feira e apresentou cumprimentos ao presidente da municipalidade, dr. Vasco António de Faria.

O diplomata americano veio, depois, para esta cidade, tendo visitado o instituto de vinho do Porto, após o que almoçou na residência do cônsul americano, com as autoridades e individualidades portuenses.

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

Foi vendido hoje aos balcões da

CASA DA SORTE

LOTARIA DAS FÉRIAS GRANDES

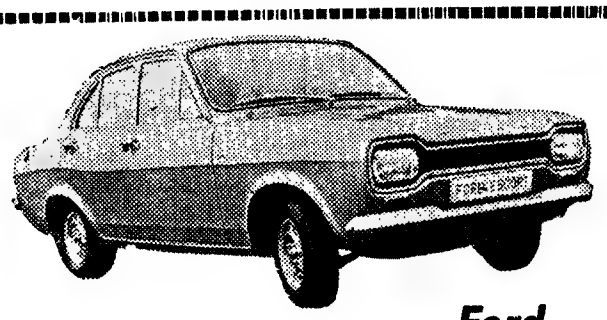
38.827 — 3.º PRÉMIO

400 CONTOS

Mais um bilhete com a MARCA e o CARIMBO da

CASA DA SORTE

A casa onde há sorte e prémios para todos



FORD ESCORT
O PEQUENO GRANDE CARRO
2 ou 4 PORTAS E ESTATE CAR

CONCESSIONÁRIOS Ford

STAND MODERNO
RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)
Telef. 71 10 65 (10 linhas)
Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A
em LISBOA e nos concelhos de: CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

DÜRER de Nuremberga

Por André Chastel

O HERÓI do «Doutor Fausto», de Thomas Mann, compõe a sua primeira grande obra — que ele deseja poderosa, destruidora e demoníaca — baseada nas quinze gravuras do Apocalipse de Dürer: Apocalypis cum figuris. **É o arrojo do artista, a sua aptidão para defrontar o sumamente caótico e terrível que tantos escritores e pensadores alemães admiraram em Dürer, encontrando nele um encorajamento profundo. Nietzche vê Schopenhauer como** Ritter **(Cavaleiro) impávido da famosa gravura de 1513, de que o romantismo havia já feito um símbolo privilegiado. O próprio Goethe, embora observando em Dürer um lado um pouco acanhado e minucioso em demasia, nota que é preciso ver o mundo «com a sua virilidade e a sua firmeza».**

Não é apenas o grande artista nacional de um país que neste domínio não conta com muitos casos excepcionais que se celebra este ano, mas uma espécie de herói nacional, uma figura exaltante e completa, intimamente compreendida e meditada — e também fatalmente reinterpretada ou solicitada a cada nova situação do mundo germânico.

NA CAPITAL franconiana, quase idênticamente reconstruída de modo a reencontrar o modelo das casas antigas — entre as quais a de Dürer — ao pé do castelo imperial, foi realizado um esforço considerável para apresentar «Dürer e o seu tempo» com um conjunto complexo e revelador de documentos, gravuras e quadros.

Por outro lado, uma exposição de «arte alemã do tempo de Dürer» está anun-

(Cont. na pág. 2)

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

668 ■ 1 DE JULHO ■ 1971

QUANDO o grande macacão esmurra a peitaça em ribombar de vitória sobre os demais mostrengos do princípio do mundo, as pessoas estalam a rir. É um riso não de todo alarve. É um riso de medo tão profundo que não passa pela consciência, pela falsa segurança da lógica, pelas margens de um comportamento social condicionado; é um riso contra a imaginação, o maravilhoso, a infância; um riso que funciona como válvula de escape, um riso que se quer «esperto», um riso «superior» a tais e tão evidentes «palhaçadas», um riso que **equilibra** quem ri, logo um riso que pressupõe a instabilidade, o abismo, o perigo das zonas desconhecidas.

Por Vítor Silva Tavares

Mas nem todas as pessoas se riem (ou se riem *assim*), no entanto sensíveis ao humor (ingénuo?, voluntário?) que a espaços se desprende, espreita e se contrapõe a esta tragédia, esta fragorosa orquestração mítica, esta épica de amor e morte que é o King Kong: a leitura (informada, «culta») dos elementos em jogo impede-lhes o riso escapatório mas limita de certo modo a entrega ao sonho desmedido, a plena fusão com o *outro lado do espelho* (também chamado *o país das maravilhas*) onde só é possível o estado inicial da disponibilidade, se quiserem a integração absoluta na alegria (na responsabilidade livremente assumida) do humus poético, aqui aparelhado com todos os truques, todas as manigancias de mágica de Luna-Parque, de combóio fantasma, de câmara dos horrores. É então um riso «civilizado».

Ora entre o riso da instabilidade psicológica (mais o que isto diz da deficiente estruturação cultural e social) e a sapiente compostura ditada por uma informação rica demais para não ser de privilégio (ainda de classe) há espaço bastante para a saúde filosófica (sentimental também, por que não?) do mergulho na espantação, no «faz-de-conta», no melhor de nós não corrompido, cínico ou vivaço.

É esse o espaço da reinvenção: como se um menino soubesse o como e o porquê das coisas.

A IDADE DE ADMIRAR

DIAS depois de o gorila Kong ter morrido por amor de sua amada — ou por respeito a si próprio (sim: esta fantasmagoria fílmica é muito mais que as trucagens visuais fabricadas nos estudios da RKO), o realizador X — um tipo do cinema-outro por quem tenho a melhor vigilancia de que sou capaz — rabulou-me (quero crer) que o King Kong OK mas que reticências era pena ele o não ter visto na idade própria, há uns anos, na adolescência traduzi aparvalhada ou acrítica ainda. A entrar no jogo, também eu diria o mesmo — se isto da infancia ou do estado absorvente da adolescência demarcassem calendário rígido... e logo perdido para sempre. «*Leva muitos anos a tornar-mo-nos jovens*», disse mais ou menos assim um tal Pablo Picasso, muitíssimo mais jovem que eu, palavra de honra e ai de mim. E não pode deixar de ser verdade: se vi o King Kong em miúdo de calção e bilas no bolso, vi-o por certo na minha estúpida (traduzo e sublinho: *não deliberada)* ignorância, quando ainda não sabia o mínimo de mim para saber dos outros e das coisas o bastante para a admiração responsável. Agora aos 33 e de costas para uma «cultura» que sinto ultrapassar-me (ou reduzir-me?) gosto mais e melhor do Kong, o macacão prediluviano que seduzido por uma loura «civilizada» morre por ela no alto do Empire State Building vítima da metralha de ferocíssimos mosquitos chamados aeroplanos. Agora sim, aprendendo (gostosamente) a distanciar-me daquilo que me faz velho (entre o mais, a pressão da tal «cultura» — que é ainda uma forma e falsa da minha sobrevivência económica e do meu «papel» social), estou mais apto a amar o King Kong — e nas tintas (creiam-me) para o que isto possa ter de deletério. «*Admirar* — disse em tempos Almada Negreiros — *é pôr-se fora de si inteiro*». Torno a concordar: não tanto pelo «fora de si» como pelo «fora de si *inteiro*». Neste *inteiro* reside o fundamental. Não se chega lá na idade do bilas, digam o que disserem os passadistas do que nem houve assim (e falo com algum conhecimento de causa, eu que tive a rua por universidade). Também com isto não quero dizer que o King Kong não devesse ter tido sua função encantatória na idade dos Salgaris e Tarzan de Hogarth-o-Planturoso. Sempre teria ficado sedimento proveitoso nas imaginações mais criativas. Mas são eles (Salgaris, Hogarths & Cia), coisas nos melhores casos destinadas á morte lenta, «mitos» temporalmente compartimentados e portanto forçosamente passageiros, ainda que a

(Cont. na pág. 6)

King Kong: épica de amor e morte

DÜRER

(Cont. da pág. 1)

ciada para o fim de Setembro em Dresde, na Alemanha de Leste; deve ela reunir uma quantidade de obras do século XVI recolhidas na Europa Oriental e será, por tal facto, de certo modo complementar da exp. de Nuremberga.

A estas duas manifestações de grande alcance junta-se uma imensidade de exposições de gravuras e desenhos pelo mundo inteiro, tendo o sinal sido dado na América (em Abril-Junho) por uma reunião notável das obras gráficas de Dürer no museu nacional de Washington; outras vão seguir-se em Inglaterra, em França, por todo o lado onde existem gabinetes de estampas bem fornecidos de gravuras alemãs do século XVI. E é o que dá talvez ao ano Dürer a sua coloração mais interessante: a dispersão das manifestações responde ao facto de que a obra de um gravador está naturalmente votada a ser dispersa e, logo, por toda a parte conhecida, se não familiar.

Daí um certo carácter universal, acentuado pelo facto de Dürer ser precisamente o primeiro artista a ter feito da gravura um instrumento de comunicação completo e generoso. Albrecht de Nuremberg é para nós e acima de tudo o mestre prestigioso do novo *medium*, essencial á Renascença, que transformou inteiramente as vias da cultura.

UM UNIVERSO

Há pois quinhentos anos — meio milénio — nasceu, exactamente em 21 de Maio de 1471, o segundo filho de um modesto ourives de origem hungara, fixado desde há alguns anos em Nuremberga. Existem informações sobre a família, os movimentos e os trabalhos do jovem artista como não existem sobre mais nenhum outro. Um dos grandes méritos da exposição do Germanisches Museum é o de ter reagrupado, apresentado, comentado cuidadosamente as peças preciosas: registos, cartas, crónica familiar de 1524, em que as informações se acumulam, e de ter podido reunir em duas salas os principais autoretratos do artista: o rosto ansioso do desenho de 1492, o retrato com cardo (Louvre), o retrato elegante de 1448 (Prado) a imagem frontal, fascinante, de 1500 (Munique), juntamente com alguns desenhos em que se reconhecem, com razão ou sem ela, os longos caracóis louros e os traços regulares do belo Albrecht. Introdução cativante, como é natural fornecida pelo próprio artista. Numa época em que existem tantos mestres anónimos, Dürer apresenta-se com autoridade, constrói sob os nossos olhos a sua biografia fixa os traços do pai, da mãe, da esposa Agnés — em Santa Ana —, do seu mestre Wolgemut, interroga-se e sonha diante de nós. Tem, como se diz, uma presença pouco comum.

A ausência dos retábulos dos anos 1506-1511, conservados em Viena e em Praga, juntamente com a de um bom numero de madonas e dos retratos tardios

Dürer: Armas familiares

conservados em Viena e em Berlim, não permitem conduzir as demonstrações desejadas em torno dos quadros; mas todos aqueles que puderam ser integrados na exposição, *A Madona com cravo* (Munique), o retábulo Paumgartner, tão imponente com os seus dois guerreiros laterais, figuras de santos tratadas em retratos (Munique), beneficiam de um acompanhamento eficaz. Porque tudo foi engenhosamente articulado em volta dos grandes temas de inspiração e dos prolongamentos culturais e religiosos da produção do artista.

VERTIGEM

Esta peregrinação extraordinária — e deliberadamente sobrecarregada — deixa lugar ao sonho. Há uma vertigem ou, para retomar o termo caro a Goethe e a Thomas Mann, algo de «demoníaco» na virilidade da época, na louca energia de Dürer. Ele é tão ávido de captar todas as novidades, de aprender todos os possíveis que parece quase «naïf». Possui visivelmente um fundo de honestidade, de integridade, de infinita boa vontade que o arrasta e se transforma em inquietude no próprio seio do virtuosismo. Porque se trata de um virtuoso consciente de o ser. Quando, após os exercícios de juventude que são a participação no Terence de Bâle (1442) e a *Nave dos Loucos* (1444), se chega ao *Apocalipse* de 1498 e depois à *Vida da Virgem* (1504) — fizeram a sua reputação — a largueza da concepção e a variedade das soluções reforçam tal convicção. A imagem adquire uma espécie de necessidade íntima, não sendo mais de esquecer a balança agitada ao vento pelo segundo dos cavaleiros do retábulo *Paumgartner* nem a coluna grave do templo que enquadra o casamento de Maria. Os meios estão sempre á altura do ponto de partida adoptado. E como afinal Dürer é acima de tudo um produtor de imaginária religiosa, trabalhando para uma sociedade bem definida, devemos notar com admiração que ele nunca deixou de renovar — nem se ousa dizer: aperfeiçoar — o tratamento dos temas mais tradicionais. Ele próprio o disse no grande tratado a que se consagrou nos últimos anos: «Inumeráveis são as ideias que chegam aos artistas, e os seus espíritos estão cheios de figuras...»

A comparação com os contemporâneos é bem eloquente. Dürer deve pouco a Wolgemut, mais a Schongauer e ao mestre alsaciano do «Hausbuch», mas manifesta uma certa impaciência a respeito dos pintores alemães, a quem censura a falta de disciplina e de organização. E, com efeito, apoia-se de preferência nos antigos flamengos ou nos italianos que pode conhecer para dar á forma uma boa base e á composição esta firmeza no imaginário que sempre nos surpreende.

Entregue obstinadamente ao trabalho, Dürer tudo transpõe na área da sua experiência quotidiana: os objectos, os rostos familiares tornam-se signos de alcance geral.

Aparentemente encerrado num mundo estreito, extrai do que vê — utensílios domésticos, camponeses na feira, o aparelhamento de um lansquenete... — qualquer coisa de valioso. Ele sabe, por exemplo, que o total da alma humana se reparte em quatro temperamentos, e nunca deixa de encontrar esse equilíbrio para além de cada modelo, quer se trate de animais simbólicos no Eden, de homens no banho ou dos quatro apóstolos.

A sua galeria de retratos é extraordinária, porque todos os personagens são definidos sob o seu aspecto mais eloquente e mais forte: assim o inesgotável autoretrato de 1500 e o magnífico retrato fulvo e dourado de 1524 (Prado), onde Dürer adopta a maneira veneziana para um rosto duro que nunca se viu em Veneza; mas aí estão, precisamente, as analogias de que ele nas faz tomar consciência.

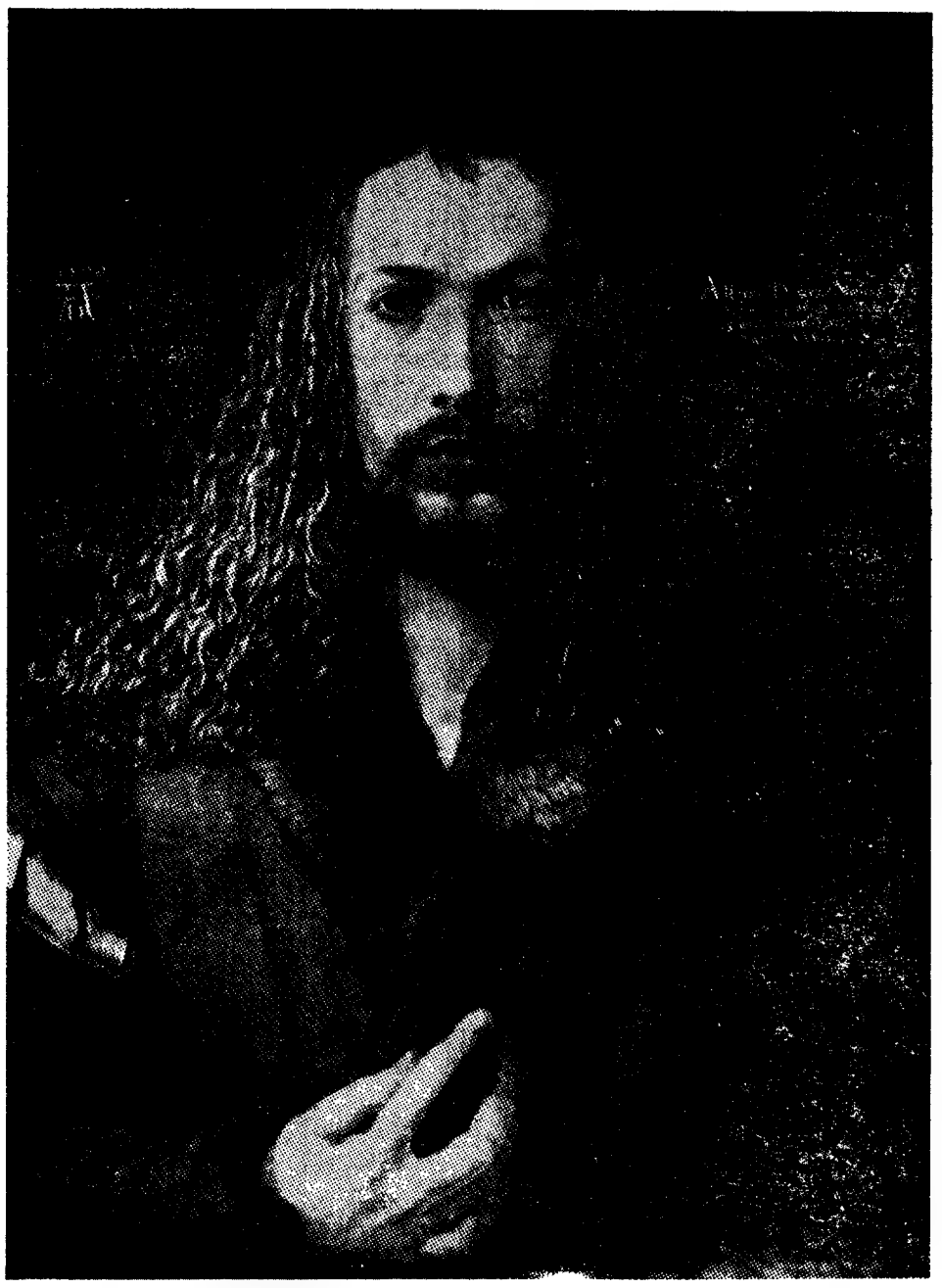
Existe na solidez profissional, na regularidade laboriosa deste artista muito preocupado em «vender arte», qualquer coisa que o aparenta ao espírito da burguesia alemã, então em pleno desenvolvimento. Mas a sociologia necessita aqui de ser um pouco mais subtil, porque não foi a burguesia alemã que se interessou pelo seu génio. Se ele recebeu provas de estima foi do imperador Maximiliano e do duque Frederico de Saxe, que aliás não tinham por aí além os meios para o cobrir de ouro, como ele o teria desejado. Nas suas cartas tão vivazes enviadas de Veneza a Pirckheimer, Dürer solta a famosa exclamação: «*Aqui, sou um senhor; aí, um parasita (isto é: um nada de nada)*».

Em Veneza, os pintores invejam-no, mas ele tem um publico de admiradores; em Nuremberga, os pintores e os artífices admiram-no, mas ele nada é aos olhos dos notáveis e dos negociantes. As armas (Türporta) que compõe em 1523 são o sonho de uma dignidade que lhe conferem. Ele só será verdadeiramente tratado com todas as honras na Flandres, no decurso de uma viagem que realizará em 1520-1521 para tratar de confirmar, junto de Carlos V, a pensão concedida em 1512 pelo avô deste.

O mais patético não reside nisto. Dürer tinha o sentimento de criar a linguagem visual moderna necessária á arte alemã, tal como Lutero iria dar, com a Bíblia de 1522, uma forma durável á expressão alemã.

A escola de Dürer já não conta. O canto coral e a leitura da Bíblia vão substituir todas estas imagens de santos e madonas. Tudo muda de registo com a musica e a palavra: a Alemanha terá Bach, e não Rubens. O paradoxo da história é que a imagética düreriana era fácilmente aceite como modelo pelo Concílio de Trento. Tomada na ambiguidade do Norte e do Sul, de Roma e da Reforma, a figura de Dürer sobe em valor porque marca *simultaneamente* o princípio e o fim de uma época imensa, e revela-lhe a tensão através dos seus próprios meios: a imagem gráfica e as formas complexas que contribuíram para a criar.

ANDRÉ CHASTEL



Albrecht Dürer: «Auto-retrato» (1500) — inesgotável

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Dürer: gravura sobre cobre (1497)

AUGUSTO ABELAIRA
OS DESERTORES
3ª EDIÇÃO
"É QUIÇÁ A PRIMEIRA VEZ QUE EM PORTUGAL SE UTILIZA O ROMANCE CEM POR CENTO COMO MEIO DE EXPRESSÃO."
João Gaspar Simões
colecção AUTORES PORTUGUESES
40$00
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 AMADORA

BRASIL: NOVO PÚBLICO PARA A LITERATURA PORTUGUESA

Entrevista com Nelly Novaes Coelho

NELLY NOVAES COELHO, professora titular de Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília e doutorada em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, onde é professora-assistente, encontra-se presentemente em Portugal a fim de ultimar as pesquisas para a Livre Docência que defenderá na Universidade de São Paulo, no próximo ano. O estágio de três meses entre nós, possível graças a uma Bolsa de Estudos concedida pela Fundação Gulbenkian, permitiu um breve encontro com aquela nossa ilustre colaboradora. Eis a entrevista — oportuna, a muitos títulos — que nos concedeu

Nelly Novaes Coelho: a literatura portuguesa interessa ao brasileiro

— *A que atribui a maior divulgação da literatura brasileira, aqui, em Portugal, do que, no Brasil, a da literatura portuguesa?*

N. N. C. — É evidente que assunto tão complexo, e com tantos aspectos diferentes que mereceriam uma análise ponderada, não pode ser esgotado numa simples entrevista. Em todo o caso, deixando de lado a controvertida questão das possíveis falhas das iniciativas editoriais, há um aspecto que me parece ter sido fundamental nessa inegável diferença entre a receptividade da literatura brasileira aqui em Portugal e a da portuguesa no Brasil.

A meu ver, o ponto de partida decisivo para a aceitação ampla que aqui teve a nossa literatura foi uma questão de linguagem. Foi a crise de transição que surgiu na Literatura Portuguesa, a partir de meados da década de 30 e que se define no Neo-Realismo de 40 em diante. Transição que, afinal, apanhou, mais cedo ou mais tarde, as literaturas de todas as nações, e que no Brasil correspondeu ao verdadeiro encontro com a nossa nacionalidade, principalmente linguística. Encontro que começara com a explosão modernista de 22 e que se define basicamente pela renovação da linguagem.

Jorge Amado: estilo oral

Enfim, o que importa apontar aqui, para a questão proposta, é que o escritor brasileiro, naquele momento, descobre uma nova linguagem, embebida no falar espontâneo do dia-a-dia, e enfim divorciada do português elástico que lhe servira de modelo até então (a despeito da presença, já evidente há muito tempo, de uma sensibilidade nitidamente brasileira, como por exemplo, em Machado de Assis).

Parece-nos, pois, fora de dúvida que foi esse sangue novo (combatido acerbamente pelos puristas) que atraiu de imediato os escritores portugueses, abrindo-nos as portas de Portugal. É o estilo oral, espontâneo, vivo e poético, descoberto pelos poetas modernistas de 22 e pelos «regionalistas» de 30 (principalmente Jorge Amado), que desvenda á literatura portuguesa uma nova maneira de dizer. Um dizer mais oral do que escrito, onde a rígida e opulenta sintaxe portuguesa é rompida; onde os antigos períodos longos, sinuosos, verbalistas passam para orações curtas, nervosas, pitorescas; onde surgem com abundância as frases nominais; as alterações léxicas; etc. A um novo sentir de povo novo, ou a uma nova psicologia, corresponde uma nova linguagem: e isto foi importante para o encontro dos novos caminhos da literatura portuguesa.

Evidentemente a «descoberta» não era especificamente nossa: a literatura norte-americana estava conhecendo na ocasião um Dos Passos, um Hemingway, um Faulkner... que inegàvelmente devem ter tido grande influência na renovação literária do Portugal dos anos 40. Entretanto, a julgar pelas obras iniciais (veja-se, por ex., *Gaibéus*, de Redol ou *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes) a sugestão do novo dizer que então se impunha á literatura portuguesa chegou «via Brasil». Aliás, os escritores nunca fizeram mistério disso.

Foi, portanto, a atracção pelo novo que fez com que escritores e críticos portugueses se voltassem para a nossa literatura. (Veja-se, a propósito, a divulgação promovida, no período de 36/40, por Gaspar Simões). E evidentemente isso dá frutos até hoje. Está aí, a meu ver, uma das principais razões da maior presença do livro brasileiro nas livrarias portuguesas, do que o inverso.

— *Acredita, entretanto, que a literatura portuguesa possa despertar interesse no público brasileiro?*

N. N. C. — É curioso, essa é uma das perguntas que com mais frequência me tem sido feita, desde que aqui cheguei. Atribuo essa preocupação ás notícias que aqui devem circular acerca do desconhecimento que, em geral, o público brasileiro tem da Literatura Portuguesa. E, sendo assim, julga-se que ela não apresenta interesse nenhum para nós, principalmente devido ás enormes diferenças de ritmo de vida que marcam as duas nações. Porém, a verdade é que interessa.

Procurando ser concisa nas razões, direi inicialmente que os limites da palavra «público» precisam de ser traçados. Ao falar em público brasileiro não me refiro, óbviamente, ao «Grande público», á massa; porque, realmente, essa não se interessa por literatura nenhuma (seja de que nação for...). Não porque seja analfabeta, — não é o caso da maioria... — mas porque pertence ao mundo de hoje, á «civilização da imagem», e só se interessa, realmente, pelo cinema, pela TV, ou pelas narrativas «em quadrinhos».

Machado de Assis: sensibilidade brasileira

Falo, pois, do público mais restrito que conserva o gosto pela leitura. E falo, principalmente, do público estudantil. Portanto, dentro da realidade actual, para esse público específico, a literatura portuguesa interessa e de maneiras diversas:

Alves Redol: sugestão do novo dizer

1.º Com relação á «literatura de passado», interessa na medida em que a literatura brasileira, desde as origens até o início deste século não pode ser compreendida em seus valores, características gerais, qualidades ou deficiências, sem um conhecimento seguro da literatura portuguesa que lhe serviu de «modelo» ou de guia.

2.º Com relação á «literatura do presente», interessa na medida em que ela apresenta uma produção literária de alto nível criador, que testemunha a crise de transformação por que está passando não só a arte do nosso século, mas a própria civilização. E mais, porque a Literatura Portuguesa desvenda certas faces dessa crise, extremamente importantes e significativas, e que não aparecem com igual dimensão na Literatura Brasileira. Como também esta por seu lado, oferece uma criação literária de alto nível que muito e muito tem a oferecer aos portugueses. E quantos aqui conhecem o que se faz hoje no Brasil? Creio que muito poucos.

3.º E, acima de tudo, a Literatura Portuguesa (ou mais amplamente a cultura portuguesa) interessa ao brasileiro porque ela é a voz das origens. É a voz da nossa célula-mater. É através de Portugal que o Brasil pode sentir suas raízes no tempo e sentir-se também integrado na civilização ocidental. Somos um povo novo, quase sem tradições (e que não se preocupa muito com isso...). Entretanto acredito que essa ligação com o passado longínquo faz-nos falta; e é concretamente através da nação que nos plantou na América que nos sentimos participantes dos tempos que existiram antes de nós. Sentimos que além de sermos um povo que está construindo futuro, nossa caminhada começou no passado, pelos passos de outros que nos antecederam. E isso, já grande parte do público universitário sabe e sente... Na verdade, acredito que é com o tempo os outros o saberão também; não exteriormente mas no sangue...

— *Mas se é tão escasso o livro português nas livrarias do Brasil, como acha que esse conhecimento ou esse sentimento poderá tornar-se realidade?*

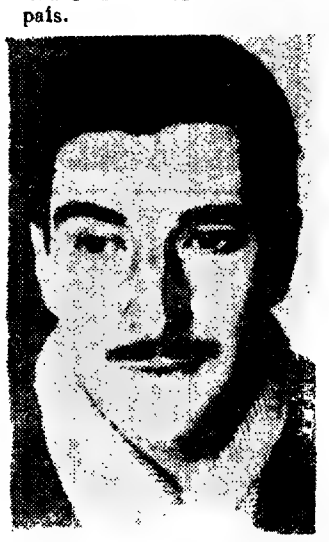
N. N. C. — Aí está, efectivamente, um dos pontos cruciais do problema das relações luso-brasileiras: a quase ausência do livro português nas livrarias brasileiras. E é esse também um dos motivos de minha vinda a Portugal, além do motivo fundamental (ultimar as pesquisas para o término de minha tese de Livre Docência). Como julgo que este é um assunto que interessa de perto ao público português, permita-me que o exponha com certos pormenores que poderão parecer supérfluos, mas que não o são.

Inicialmente, parece-me importante que se saiba que acaba de entrar em vigor em São Paulo (publicação no «Diário Oficial do Est. S. Paulo» de 27-2-71) o novo programa para o ensino do Português, para os 3 últimos anos do Curso Secundário, segundo o qual as literaturas brasileira e portuguesa deverão ser dadas em conjunto. (Por exemplo, «A ficção brasileira e portuguesa» na 2.ª série e «A poesia portuguesa e brasileira» na 3.ª). Os estudos deverão ser feitos através de textos seleccionados numa antologia. Completa o curso a leitura extraclasse de pelo menos quatro obras: duas brasileiras e *duas portuguesas*.

E aqui chegamos ao ponto que nos interessa:

Com essa nova programação, é claro que um novo e grande público se abre para a literatura portuguesa. Com relação á literatura do passado, não há problema grave, pois existem muitas e muitas edições á disposição. Mas, com relação á contemporânea? Onde encontrá-la em número suficiente? ou a preço acessível ao aluno? É o grande problema que se coloca.

Saltando por cima de todas as intermináveis discussões que esse assunto tem provocado nos últimos anos, acredito que há uma única solução (e que aliás já está sendo pensada por vários editores com quem entrei em contacto). Que editoras portuguesas, organizadas em torno a uma distribuidora, e subvencionadas ou não por uma instituição (como, por exemplo, a Fundação Gulbenkian), queiram enfrentar o risco de editar para o Brasil, pelo menos dez autores portugueses modernos, por ano, em edições formato «livro de bolso», que saiam a preço baixo e possam ser adquiridas pelo público estudantil, que é afinal o maior público consumidor de livros de todo o país.



Soeiro Pereira Gomes: «via Brasil»

No momento em que isso acontecer, então estará automàticamente criado o público que se faz necessário para a literatura de Portugal. Fora disso as relações culturais luso-brasileiras continuarão a ser apenas tema de Congressos...

Espero que nos próximos cinco anos tenhamos uma alteração substancial nesta situação que já há tanto se arrasta... Tudo indica que sim...

A VANTAGEM DE FALAR CLARO

Por José Vaz Pereira

UMA AVALANCHE

«SHANE» foi recebido, no momento da sua estreia, como «o maior dos Westerns». Estava-se em 1953 e em 1951 Stevens adaptara e cinematizara Dreiser duma maneira fulgurante, ao realizar «Um Lugar ao Sol» (A Place in the Sun). O romance de Dreiser aparecia carregado de determinação e de sentido social, a técnica de filmagem e de montagem atingia elevado nível. Montgomery Clift criava uma espantosa personagem e os encadeados em que as imagens se fundiam umas nas outras coexistindo numa magia vacilante cortavam a respiração pela emotividade avassaladora de sua beleza e pela suprema majestade com que interligavam os planos. O filme obteve um prémio de Academia (nessa altura ainda não tão desprestigiado como nos nossos dias), consagrou Stevens como um dos realizadores mais sólidos de Hollywood e provocou uma avalanche entusiástica de comentários, críticas e ensaios.

Compreende-se, pois a espectativa que rodeou a apresentação de *Shane*, somente dois anos depois. Stevens aventurava-se na pradaria mais vasta mas também mais catastrófica do cinema americano: o Oeste. Muitos autores a tinham experimentado e muitos haviam tombado, como inexperientes vaqueiros, da sela. Só a gente que filmava uma cavalgada com o á-vontade, a naturalidade e o *savoir-faire* desinteressado de quem fuma um cigarro triunfava em cheio: os Hawks, os Fords, os Walsh, um homem menos conhecido chamado Boetticher.

E, ao mesmo tempo, como grandes senhores, estabeleciam padrões difíceis de ultrapassar. O «western» era o seu terreno, o seu domínio. Em 1952 Hawks apresentava «Céu Aberto» (The Big Sky), em 1950 Ford voltava a brilhar com Wagsnmaster. Os mestres mantinham-se em forma filmando sempre de novo a Oeste.

O sucesso de *Shane* foi perfeitamente comparável ao de «Um Lugar ao Sol». Muito boa gente esperava uma escorregadela de Stevens. O resultado foi um western que vinha para «ficar» na história do cinema. Críticos como Agee, nos Estados Unidos e Penelope Houston, no Reino Unido, afirmavam que *Shane*, longe de desiludir, corporizava toda a arte e toda a força da realização num dos filmes do Oeste mais logrados de todos os tempos. E Dilys Powell, escrevendo no «Sunday Times» de Londres, sintetizava os méritos da obra da seguinte maneira: «O que faz *Shane* ser um filme tão bom é a combinação de simplicidade e calor de sentimento com a grandeza da composição». E, no enquadramento da acção de «*western*» no seu cenário, Stevens revelar-se-ia igualmente tão dominador como um talento que, neste aspecto, despontava com inegável vitalidade: Anthony Mann.

EU NÃO ESPERAVA ENCONTRAR VEDAÇÕES AQUI!

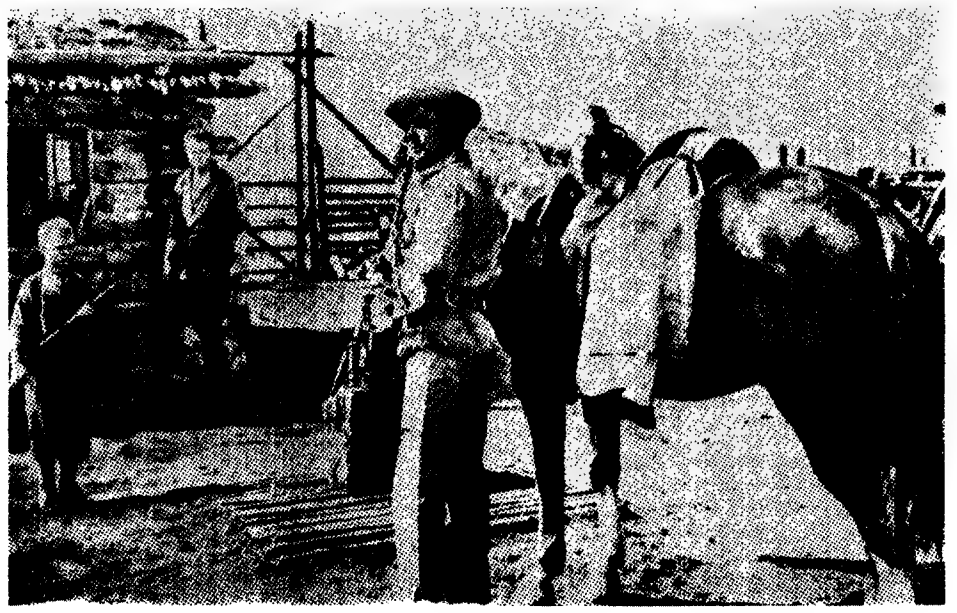
O que faz então, em última análise, a potência e a longevidade de *Shane*, filme que se vê hoje como há dezoito anos? A resposta é simples e reside apenas nisto: a preocupação, escrupulosamente observada da primeira à derradeira imagem, de não deixar nada ao acaso. Por outras palvras, o *western* de Stevens é de tal maneira profissional que quase roça a obra-prima. Profissionalismo que não se identifica sómente com a técnica mas também com o talento que faz ir à técnica «mais além» ..

Um filme, ao contrário de outras manifestações literárias ou artísticas, exige um processo laboratorial complexo e utiliza um equipamento e uma maquinaria que só podem ser postos a trabalhar por gente do ofício. Não existe o papel para compor, a esferográfica e o bloco-notas para escrever, a tela, as tintas e os pincéis para pintar. São muitas operações que vêm a constituir uma unidade final e é sempre difícil controlar com a mesma segurança coisas tão diversas como o som, a cor e a montagem, por exemplo.

Shane é um filme que leva até ao limite esta responsabilidade dentro da divisão de trabalho e da unidade final da equipa — tão necessárias ao cinema mesmo para as tarefas mais modestas. Um crítico inglês comentou que Stevens não iniciava nenhuma película sem ter o desejo de fazer obra de antologia e pensamos que a interpretação é excessivamente especulativa. Stevens não *acaba* nenhum filme sem ter a certeza que tudo está o melhor possível — o que é um bocado diferente.

E o melhor possível não se refere só à execução.. Reporta-se também à concepção curiosa dum *western* construído a partir dos olhos duma criança com tendência a idealizar, a exaltar (e também a ser decepcionada) pelos actos, atitudes e proezas dos adultos. O pequeno Joey faz de Shane um campeão e um ídolo sem se aperceber da melancolia fatalista do personagem. Mesmo quando no bar, o atirador entra para a confrontação final com os Rykers é o miúdo que testemunha ou na cena de pancadaria em que ele cicia a Shane: «Eles são muitos». No tiroteio é como o mundo dos adultos tivesse explodido e quando a pólvora se dissipa, Shane fica sòzinho no meio de homens maus mortos. E o pistoleiro solitário esclarece o pequeno acerca do companheiro de profissão tombado segundos antes: «Era Wilson, meu filho. Era muito rápido a puxar do revólver.»

E, neste epitáfio seco, vai toda a dimensão crepuscular dos homens que alugam a sua arma e vêem o próximo fim dos seus dias. Quando perguntam a


«Shane»: *para ficar na história do cinema*

Folhetim-artístico de José-Augusto França

«BOOM» OU «BOOMERANG»

na valorização da arte

O TÍTULO não é meu mas do Rui Mário Gonçalves num trocadilho que lhe veio, ao analisar-se, na quinta-feira passada, no Centro Nacional de Cultura, «o recente «boom» na valorização dos objectos de artes plásticas» em «mesa-redonda» que me convidaram a «moderar» e que concluiu uma série em que foram discutidos problemas das «engrenagens da vida artística da cidade» — as «páginas literárias», a «extinção do Festival Gulbenkian de música» e o «futuro do teatro nacional».

Folhetim reportagem e algo mais vai ser este — e logo começarei por contar as pessoas presentes: 27, contando comigo. Quem? Cinco críticos de arte, dois artistas, um marchand, dois coleccionadores, nenhum jornalista. Conclusões? Pessimistas, fê-las José Sasportes que programou as sessões; realistas, prefiro eu. Interessar ou não interessar uma coisa, haver ou não interessados, tanto faz sociológicamente porque é sempre significativo e elucidativo. O que é preciso é saber o que se passa e procurar saber porquê se passa assim — seja o assim positivo ou negativo. Em certos sectores, a vida cultural portuguesa é negativa: pois que ganhe consciência disso, dessa consciência tirando melhora possível e necessária...

A falta dos artistas e dos marchands revela a fragilidade do mercado, o seu empirismo, a sua marginalidade cultural, por um lado, e económica, por outro. A falta dos jornalistas define a falta de atenção que se presta a um fenómeno extremamente curioso que está modificando os costumes da arte portuguesa, imutáveis durante séculos.

Nenhuma queixa, porém — mas não se queixem também os ausentes...

Fez-se (ou fiz) história do «mercado» em Portugal (em Lisboa) — desde a galeria UP (do Tom, que, esse, esteve presente a testemunhar) até á Stop e á «de Março» e ao Pórtico e á Divulgação — e ás actuais, das quais a mais antiga é a 111 (e o seu proprietário, Manuel de Brito, foi o único a trazer o seu apoio à sessão), e com as quais o mercado se transformou, mais «boom» menos «boom».

NINGUÉM duvida que os preços aumentaram consideràvelmente de há três-quatro anos para cá: aumentaram de 6 a 15 vezes, pode calcular-se. Como?

Creio eu que: na visita de certo coleccionador a casa de Almada Negreiros em Março de 1967; na morte de Eduardo Viana; no novo ritmo impresso no inexistente mercado pela Galeria São Mamede (que tinha atrás de si uma prática de comércio rico de antiguidades); no absurdo leilão do retrato de Fernando Pessoa; na «descoberta de Vieira da Silva.

A especificidade de cada um dos casos alargou-se normativamente — ou alastrou, com a certa ingenuidade que classifica as coisas culturais em Portugal e que vem duma falta de estruturas próprias. De repente — houve a arte! E a experiência metódica dos mercados estabelecidos «lá fora» foi traduzida, como dizia e diz o Eça, em calão...

Mas, «porquê» foi possível este «como»? José Sasportes insistiu na pergunta — e foi um coleccionador presente que explicou plausívelmente que ele fora preparado por um trabalho lento de certos críticos de arte desde finais de 40, ao nível da «terceira geração». A crítica só age á distância, disse também Rui Mário Gonçalves — e diz o povo que água mole em pedra dura, etc. A dureza da cabeça dos nossos coleccionadores de antiguidades todas (da Companhia das Índias) pôde ser penetrada pela água da crítica, supor-se-á. E também uma nova geração de coleccionadores — gente que hoje tem quarenta e tantos anos — pode livrar-se do ridículo do gosto da anterior. Essa, aliás, a idade do outro coleccionador presente, que foi o maior animador da discussão. Por outro lado, há que atender ao prestígio da Fundação Gulbenkian que, entre 1957 e 1961, optou pelos «modernos».

MAS a consequência deste «porquê» e deste «como»?

De modo algum cultural, insistiu o arq.º Carlos Duarte, a ver as galerias desertas. Isto do lado do publico. Não estou de acordo, embora sem grandes ilusões — e parece-me necessário situar a proliferação de galerias também no plano duma informação alargada em livros de arte e revistas, embora estrangeiros. Há melhores artistas hoje que há 25 anos?

Não — mas são mais numerosos entre os bons, acho eu.

«Shane»: *um western construído a partir dos olhos duma criança*

Shane onde é que ele vai, ele responde «para um lugar onde nunca estive.»

Falamos de concepção a propósito do filme ver subjectivamente, muitas vezes, «visto» através da criança. Mas não é só um problema de escrever o argumento — trata-se também, para a fusão ser completa, duma maneira de fazer os enquadramentos. Enquanto o mundo familiar do pequeno Joey é visto plàcidamente, o exterior, as montanhas, os rios, os prados, os bichos, Shane, os vilões — são sempre filmados duma maneira exaltante ou com frémito de descoberta maravilhada embora sem chocar com um tom tenso, sóbrio, aqui e ali monossilábico que invade todo o filme como a disciplinar uma gesta. Veja-se, por exemplo, o plano em que Joey «pressente» que alguém está para chegar. Um cervo levanta a cabeça e, enquadrado entre os seus chifres, a criança vê, na linha azul em que o horizonte se confunde com as montanhas, o ponto negro dum cavaleiro. Joey desata a correr para dentro de casa para avisar o pai. As sequências seguintes ilustram a rudeza de Starrett (o camponês) e o fascínio de Joey pela chegada da nova personagem que, ao atravessar o vale e as terras dos colonos, têm uma frase elucidativa:

«Eu não esperava encontrar vedações aqui.»

(Cont. na pág. 6)

E esses artistas? Rui Mário Gonçalves sublinhou que, hoje em dia, falam muito mais de cotações que de estética, e creio ser acertada a observação. Entre eles estabelece-se uma compita de preços — ajudada pelo princípio burguês que o mais caro é melhor. E Rui Mário lembrou a história dum quadro que, por 15 contos, ninguém, durante mais de um ano, comprou numa galeria e que, subitamente marcado a 80, logo teve quem o levasse por 60...

Que outras consequências se podem prever? Se a «alta» é devida (como afirmou Manuel de Brito) á própria dinâmica inflacionista da vida económica portuguesa — até que ponto ela acompanhará essa dinâmica, ou como poderá ela reagir a uma recessão subita? Numa quebra monetária de 50%, os quadros de 50 contos passarão a 100 — ou cairão a 20, pelo medo generalizável em desejo de realizar fundos? Que convicção norteia os compradores que compõem, afinal, uma colecção como se compusessem uma carteira de títulos? «Boom» ou «boomerang»?...

Este o problema principal do futuro — próximo ou distante. Se for distante, pode ser que se afirmem as bases do mercado e se estabeleça o seu empirismo; se for próximo, os santos, da pintura (São Columbano ou Sant'Amada) nos valham...

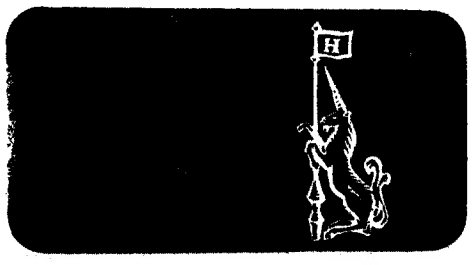
NESTES termos (e pondo entre parênteses, de propósito, a observação de Salette Tavares sobre a impossibilidade de um orçamento médio adquirir hoje pintura; e também a de Tom, aludindo a um prefácio recente de exposição que atacava platónicamente o burguês comprador das obras do mesmo expositor) — nestes termos de bolsa, parece necessário pôr ordem e bom senso nas coisas.

Creio eu que: 1) trazendo para o mercado nacional obras estrangeiras que, por comparação, confirmem cotações e 2) levar para o estrangeiro obras portuguesas, ali as impondo.

A primeira coisa começa a fazer-se modestamente, mas com certeza se desenvolverá. Um recente leilão no Porto (e a repetir em Lisboa) pode ser sinal disso. A segunda é mais difícil e depende duma política cultural mais genérica que até agora só tem feito «gaifes» por falta de conhecimento das vias eficientes. *Mas é o caminho «sine qua non» — económica e culturalmente considerado.*

Talvez os pintores X, Y e Z, de boa qualidade, passem a valer menos internacionalmente do que valem no País — mas valerão com certeza melhor...

... Os pintores ausentes desta reunião. «Calados como ratos, contentes de, enfim, roerem um bom queijo burguês», alguém disse. E outrem poderia ter respondido, em idêntica referência zoológica, que «aqui há com certeza gato»...



Prontuário das Letras

Frei Servando, Bolívar e outros

As assombrosas peregrinações do religioso latino-americano frei Servando Teresa de Mier são o fio condutor de «O mundo alucinante», narrativa do cubano Reynaldo Arenas que as Publicações Dom Quixote escolheram para abrir a sua nova colecção Galáxia. Arenas (28 anos, antigo funcionário do I.N.R.A. e de uma biblioteca itinerante, segundo informação de J. M. Caballero Bonald na antologia *«Narrativa cubana de la Revolución»*) viu este romance á semelhança da obra de estreia, *«Celestino antes del alba»*, distinguido pelo júri da União de Escritores e Artistas de Cuba. Distinguido mas não publicado na sua ilha: terá sido á edição mexicana que a D. Quixote recorreu.

Entre outras coisas também um hino á América, *«O mundo alucinante»* despede o protagonista de um sítio para o outro, fazendo-o percorrer meio mundo (Lisboa incluída: «as pessoas cruzam-se em silêncio, e mesmo que se conheçam não se cumprimentam; e nem no Chiado, onde está o maior comércio, ouvi uma só voz») e concluir pela superioridade vital do Novo Mundo, essa longínqua terra que, na boca de Madame de Staël (afinal uma personagem do livro) «brevemente há-de existir».

Muito curiosas são as folhas do diário parisiense de frei Servando, onde Madame de Staël priva com o barão Humboldt, Benjamim Constant e Simón Bolívar. O futuro revolucionário apresenta-se como «outro jovem muito arrogante, rebelde e orgulhoso (...), amante de Fanny e de quase todas as damas do salão». Não surge por acaso: é que o *«O mundo alucinante»* tenta ser uma epopeia à distância, na linha de *«Las alturas de Macchu Picchu»* de Pablo Neruda, embora com espírito e leitura totalmente diversos. Acrescente-se que o estilo de Arenas, fulgurante, tem em Álejo Carpentier e García Márquez duas referências próximas e bebe a destreza da ironia em Voltaire e (arriscamos também) Jonathan Swift.

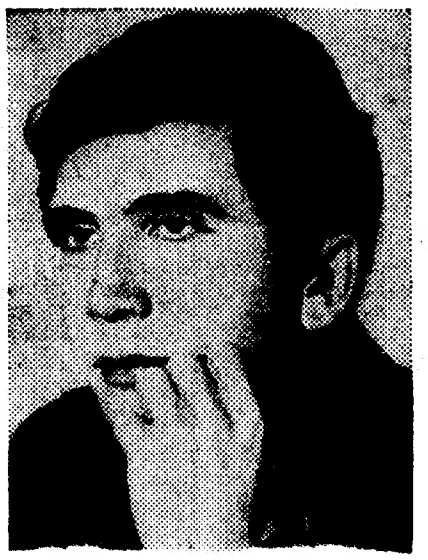
Para ler entretanto há o pequeno caderno das Iniciativas Editorias sobre o desenvolvimento do caso Padilla: «Cuba é estalinista?»

(Pontos de Vista, n.º 2). Heberto Padilla, detido a 20 de Março deste ano por actividaeds ditas contra-revolucionárias, fez quinze dias depois uma clamorosa autocrítica em que se acusou de «erros grosseiros» e chama a K. S. Karol e ao prof. René Dumont «agentes indiscutíveis da C.I.A.». Extractos da autocrítica do poeta, e bem assim textos de Fidel Castro, Carpentier, Luigi Nono e Charles Bettelheim, além de recortes de imprensa, compõem o folheto

Leitura e crítica

Qualquer texto cobre sempre (tapa, camufla) uma ideologia; a literatura é um campo privilegiado da ideologia. Eis a trave-mestra de *«A leitura e a crítica»*, de Nelson de Matos, recente lançamento da Editorial Estampa, que ainda há pouco nos dera um importante trabalho teórico de Pierre Macherey.

Nelson de Matos faz o ponto de uma situação (actividade teórica deficiente) e propõe para ela uma saída (um método de leitura que seja «uma nova escrita que, além de trazer implícita a sua própria crítica, tente clarificar as relações fundamentais em que os textos se envolvem e são envolvidos»). O jovem estudioso, colaborador regular do S. L. e revelado primeiro como romancista — *«Noite recuperada»*, *«Giestas da memória»* —, apoia-se numa perspectiva materialista, para por outro lado, denunciar os «processos de ocultação do modo de produção dos textos». Catorze notas de leitura, algumas com dimensão já ensaística (sobre Régio, sobre Carlos de Oliveira) preenchem a segunda parte deste volume destinado a marcar uma data no panorama da chamada Nova Crítica.



Reynaldo Arenas: fulgurante

Pronto para ler

ROSZAK, Theodore — Professor do California State College e bom conhecedor dos movimentos heteronorte-americanos do pós-guerra. A Dom Quixote traduziu-lhe *«Para uma contracultura»*, aliás em versão excelente, invulgar no nosso meio, de Jorge Rosa. É uma das autênticas *novidades* da semana.

LAMAS, Maria — Figura central de *«Mulheres contra homens?»*, novo Caderno D. Quixote (n.º 37). Outros nomes: Valeria Solanas (célebre autora do manifesto S. C. U. M.), Roxanne Dunbar, Betty Friedan, Kate Millett, Maurice Girodias

CADERNOS DO SÉCULO — Dois títulos novos nesta série da Editorial O Século: *«Juventude e relações humanas»* e *«A China e o Ocidente»*. A escolha dos textos é bastante cuidada, avultando no primeiro volume as intervenções de René Maheu, Edgar Morin, Jean Rousselot e Anthony Sampson, e no segundo as de Josué de Castro, Edgar Snow, Mao Tsé Tung e Victor Fay. O preço mantém-se baixo (15$00), o que diz do alcance da iniciativa.

Vildrac e Éluard

Faleceu em Saint-Tropez, na passada sexta-feira, o poeta, ensaísta, romancista e dramaturgo francês Charles Vildrac, que contava 89 anos de idade. Estreado em 1901 com uma sátira ao versilibrismo, acabou por condenar o verso tradicional e preconizar o emprego de um novo verso, fundado na assonância, na aliteração e nas «constantes rítmicas». A sua propensão para a poesia narrativa de acentos simples amoldou-se perfeitamente aos temas da generosidade e da esperança colectiva que foram o forte deste poeta de segunda linha.

Sobre Vildrac haveria ainda a dizer que influenciou de modo nítido o jovem Paul Éluard dos anos vinte. Pouco subsiste dessa influência quando Éluard lança os *«Poemas políticos»*, os mesmos que Carlos Griffo traduziu agora para a Editorial Presença. De qualquer forma aqui ficam ligados, como manda a justiça, os nomes dos dois poetas.

A vantagem de falar claro

(Cont. da pág. 5)

O FIM DA FRONTEIRA LIVRE

Curiosamente e ao nível da ideia a fazer progredir o *script* acham-se muitos dos temas que hoje outros realizadores desenvolveram — o choque das classes sociais na marcha para o Oeste, a crise dos grandes rancheiros em luta com camponeses tenazes, o declínio do pistoleiro e a sua inadaptabilidade a uma sociedade diferente, o fim da era das «fronteiras livres.»

Isso explica o facto dos Rykers não serem bandidos a não ser no papel que a História da colonização do Oeste lhes reserva. Pioneiros demasiado agarrados à sua lenda e à sua terra são um par de velhos de cabelos brancos e rostos terríveis, com feições moldadas como rios e montanhas. Os Rykers nada têm de criminosos ultrasádicos dos «westens» contemporâneos. São homens que pensam em termos de grande propriedade e de gado, que pensam que chegaram primeiro e que os outros, os camponeses, os ligados à casa (homesteads) e à pequena quinta não têm direito às terras que registaram em seu nome. São os homens que conquistaram a tiro a terra aos índios e que tiveram a ingenuidade de supor que nenhuma outra classe ou grupo social os viria substituir. Como diz o chefe do clan: «Eu até gosto de Starrett. Mas é ele ou eu.»

«Shane»: *simplicidade, sentimento, grandeza*

Por outro lado, é notório que Shane pertence a época dos Rykers que vai passar, se bem que no meio da turbulência, da justiça privada e sumária e de muitas mortes. Mas que já está cansado dessa era sem, no entanto, conseguir integrar-se na era dos Starretts que se limita a principiar e que vai fechar o ciclo da colonização pré-industrial do Oeste. Shane segue a maldição dos atiradores solitários: sem finalidade na vida, sem lar, sem família, sem raiz.

Claro que tem uma auréola, uma imagem romântica e, através da admiração de Joey por Shane, Stevens mostra claramente a espantosa facilidade com que o mito surge. Shane não é como Wilson (Jack Palance) um anjo da morte que faz os próprios cães fugirem quando abre uma porta. Shane é de poucas falas e maneiras discretas e fora o *glamour* dum fato de antílope, um cinturão largo (hoje outra vez tão na moda) e um revólver com cabo de madre-pérola passaria por um homem apagado. A «diferença» está na rapidez dum relâmpago que utiliza para sacar a arma — mesmo ao ruído duma palha a mexer-se, ao estalar dum ramo. Compreende-se que essa fulgurância não é só uma questão de técnica, é uma razão de sobrevivência.

Aliás, Shane é um homem que terá vivido de salários num universo que luta fundamentalmente pela propriedade. Não nos esqueçamos: apesar do rigor do seu esquema, *Shane* é um filme feito por um americano médio para outros americanos médios. O sentimento de posse e de propriedade está tão patente nos rancheiros como nos camponeses. E o comércio local, ponta de lança das classes que estão para vir, apoia com neutralidade colaborante, os direitos de gente como Starrett às terras. Independentemente do trabalho agrícola e do amor às suas propriedades, os camponeses fazem do dia de ida à loja uma ocasião de festa e o pai de Joey chega a folhear, no armazém, essa outra Bíblia da classe média americana: o catálogo da *Sears, Roebuck & Co.* ao tempo e ainda hoje a maior organização de vendas pelo correio de todo o mundo. E não é só a propriedade que obcecionna os colonos, é também a lei e a ordem «A lei — queixam-se eles — está a três dias a cavalo daqui!»

Terra, propriedade, comércio, lei, família são os valores que motivam os camponeses ao passo que a desbravadores e a rancheiros não interessa a lei. A lei são eles.

Terá havido vantagem em o filme, no entanto, não especular com estes dados de facto. Mais vale pô-los com toda a sua clareza e toda a sua naturalidade do que uma interpretaçãozinha barata, fácil e bem pensante. Como burguês, Stevens simplificou muito as coisas não fazendo obra de liberal com má consciência. Isto mesmo que a divinização da propriedade pelo americano médio ofusque um pouco o romantismo da saga do Oeste. Tendo alguém perguntado a Stevens o que era afinal o tão decantado «sonho americano», o realizador respondeu simplesmente:

— «Procurar dinheiro e posição» (to seek money and position). Falar claro sempre adianta.

JOSÉ VAZ PEREIRA

NOVIDADES LITERÁRIAS DA
FUTURA
JOVENS NOVA FRONTEIRA
Autores diversos
VORONEJ
NELLA BIELSKY
e hoje
AS GARRAFAS NOS OLHOS
DE
LOYS MASSON
o notável autor de
«O Notário dos Negros»
Distribuidor:
EDUARDO R. FERREIRA, LDA.
Av. Luís Bivar, 85-C

King Kong: revolta da natureza face à civilização urbana.

King Kong

(Cont. da pág. 1)

tempos «ressuscitados» saudosisticamente para consumo de multidões ávidas de alimento sofisticado, ao nível das sensações como das masturbações intelectivas. Será o caso do King Kong? Para muita gente, pois sem dúvida. E não lhe negando essa função (quiçá essa utilidade na vida robotizada que nos é dado viver), sempre acrescento que a peregrinação da descomunal criatura (roteiro martirizado que parte da selva pré-histórica para terminar na selva de cimento armado) ganha outra relevância, tem outras leituras significativas, mexe com outros mitos de alcance maior.

Á ESCALA DO HOMEM

Não tenho vindo a falar do filme como narrativa autónoma. Já certamente deram por isso. A respeito gostaria de frisar: quanto apreciei o momento em que o personagem-realizador de cinema ensaia com a vedeta o filme que ainda não há (nem haverá) e que ele irá perseguir até ao martírio de uns tantos homens, ao pânico nas ruas de Nova Iorque, à morte do macacão e ao epitáfio legendário. Aqui, o filme propriamente dito mostra a sua engrenagem e portanto autocrítica-se. Estando perante o espectáculo de um espectáculo, medimos este por virtude daquele. E eis como se ergue um espectáculo colossal e destinado a sucesso de bilheteira fornecendo-se elementos para a crítica dos espectáculos colossais e que têm por objectivo o sucesso de bilheteira. Tal justaposição, com todas as suas relações de ambiguidade, confere à obra de Schoedsak e Merian C. Cooper um interesse suplementar e uma insuspeitada originalidade.

Mas falemos antes da selva imaginária (é tudo estúdio?, é tudo espelho?), lugar geométrico onde vão confluir o «barbarismo» e a «civilização». Naquele, reina como divindade o grande Kong, que, sendo bicho medonho, respeita a fronteira erguida pelo bicho homem não se sabe quando mas vê-se para quê: aos homens o que é dos homens, etc. Para os indígenas, Kong é a encarnação das forças portentosas da natureza — incluindo a força erótica, esse grande motor vital. Daí lhe serem ofertadas algumas vítimas fêmeas, tributo compensador: a divindade saciada não interfere nos negócios da tribo. E assim se estabelece um equilíbrio de relação naquele lugar selvagem. Chega entretanto (e armada com máquina de filmar, espingardas e bombas) a «civilização», que vem em busca do espectáculo para efeitos de lucro. Quando a expedição comandada pelo cineasta toma contacto com o Kong, este é tido não já como *um deus* mas como o *Monstro* (levara consigo a *Bela* loura, raptada pelos indígenas que tinham visto na coloração capilar da jovem um elemento de agrado certo para a gorila! divindade), monstro que é preciso perseguir e depois «recuperar» para gáudio da gente civilizada e proveito dos seus apresadores. Escusado será dizer que o *Monstro* se deixa seduzir pela *Bela*, símbolo da fragilidade — e da novidade erótica. O amor (delicadíssimo para um bicho tão feroz e gigantesco: mas não é Kong um deus?) levá-lo-á à perdição: arrastado para fora do seu reino, perde a dignidade divina, transforma-se (é transformado) num bobo hediondo, e, por fim, quebradas as grilhetas, na besta feroz que traz a revolta da natureza á civilização urbana, semeando o pavor, espalhando a destruição e a morte entre aqueles «homens maus» que nada sabem da paixão e da pureza. Será liquidado, evidentemente, e a rapariga loura poderá enfim abraçar o rapaz louro — gesto quase mesquinho ante a grandeza trágica do corpo de Kong esmagado no asfalto, olho perdido num algures feito de ar livre.

King Kong é isto: um filme que transfigura um animal num herói trágico — e reduz os homens a animais menores. Aquele é capaz de amor e, como um deus, despreza a morte que não valha o amor e a liberdade. Quanto aos homens...

Mas amar o King Kong é já amar alguma coisa que põe o humano á exacta escala do humano. Se não estou falando dos mitos maiores (amor, liberdade, poesia) que devemos merecer, então é melhor pôr aqui o ponto final.

VÍTOR SILVA TAVARES

veja os incomparáveis na SIDIAL!
Sunbeam Avenger 1250.
Sunbeam Avenger 1500 Super.
Venha vê-los!
Escolha o seu carro
e leve-o consigo —
a entrega é imediata!
CHRYSLER SIMCA SUNBEAM
CONCESSIONARIO CHRYSLER DE PORTUGAL
SIDIAL!
Av. de Roma - 15 B - Lisboa
Tel. 76 70 41

ad hoc

UM LIVRO SURPREENDENTE

«A Casa dos Mil Andares», de Jan Weiss, é sem dúvida um dos mais surpreendentes livros publicados ùltimamente entre nós. Mergulhando num estranho universo de ficção científica e prosseguindo a leitura como se de um livro policial se tratasse, breve somos envolvidos pela magia poética que se desprende da narrativa. Resultado: estamos perante um *vertiginoso* romance surrealista, esplendorosamente onírico, e simultâneamente em face de uma utopia crudelíssima que deixa reflectir, como num espelho poliédrico, as mazelas da nossa civilização mercantilista e agressiva.

Esplêndidamente traduzido (por Ernesto Sampaio) e apresentado, pena é que o volume não traga a mínima indicação sobre o autor. Para o facto chamamos a atenção da casa editora (Estampa).

LITERATURA PUBLICITÁRIA

«A bica na Velha Brasileira. Sartre. Lido. Anotado. Discutido. O ligeiro-intenso murmúrio das outras vozes nas outras mesas. A opressão da cidade concentrada numa só sala. A quase imperceptível sensação de que viver dá demasiado trabalho. Um cigarro. Gesto automático. Um... (marca do cigarro). Gesto atento. O contacto do filtro nos lábios. A chama. O sabor. Profundamente inspirado. A grande evasão. ...(marca do cigarro). A vida não é melhor? Talvez. Mas é outra».

Nesta prosa sincopada anda escritor. Cheira-nos. E culto. Filosófico. Existencial. Moderno.

Queremos mais anúncios destes. Assim. Nos jornais. Se possível nas páginas literárias. Dão outro brilho. Outro verniz. Outra evasão.

OUTRAS TERRAS, OUTRO ROSTO

Na curta nota biobibliográfica que acompanha o mais recente livro de Herberto Helder, «Vocação Animal» (n.º 19 dos «Cadernos de Poesia» da Dom Quixote), diz-se que o autor *«deixou de escrever em 1968»*. É pena e nem queremos acreditar. Mas, a não ser «bluff» surrealista, teremos de concluir que Herberto Helder deixou, sim, de escrever poesia (ou prosa poética), dado que o talentoso ex-escritor trabalha actualmente como redactor em Luanda na revista «Notícia», onde se estreou assinando uma reportagem sobre as inundações do Lobito. Trocando a literatura pelo jornalismo (luandense), H. H. fornece um novo dado para a sempre imprevisível apresentação do seu rosto.

V. S. T.

A armadilha

(Cont. da pág. 8)

com saborosa lentidão o laço da sua armadilha. Amante das *letras*, conhecedor do seu espírito e do seu simbolismo, fizera-as desta vez em material maleável e actualíssimo. Ironizando a sua própria experiência de cenógrafo e figurinista, acabou por trazer para a sala quatro manequins de carne e osso, vestidos com essa espuma colorida, *popularizada*, *boutiquizada*, talhada em forma de letras. As raparigas faziam um esforço profissional verdadeiramente heróico dentro desses fatos marcianos, esclarecedoramente incómodos, que mal

ocultavam uma sugerida nudez. Não era uma sessão de *streap-tease* nem uma passagem de modelos. As marcianas estavam ali para estimular a imaginação das pessoas imobilizadas, refazendo admirávelmente a memória escaldante dos nossos feiticismos. Os ditos e as cumplicidades redobraram, os atrevimentos pareceram a todos de um jovialidade encantadora, os fotógrafos adquiriram capacidades acrobáticas e a mania dos ângulos difíceis, os modelos beberam *whisky*, fumaram, pousaram e conviveram como se tivessem acabado de subir as escadas, e toda a gente pareceu ter perdido a sua incómoda ponta de reaccionarismo, passando a admitir o espectáculo, procurando por vezes desajeitadamente participar nele, regressando a uma adolescência perdida e arrasando de uma penada os tabus, como num lance espectacular de *bowling*.

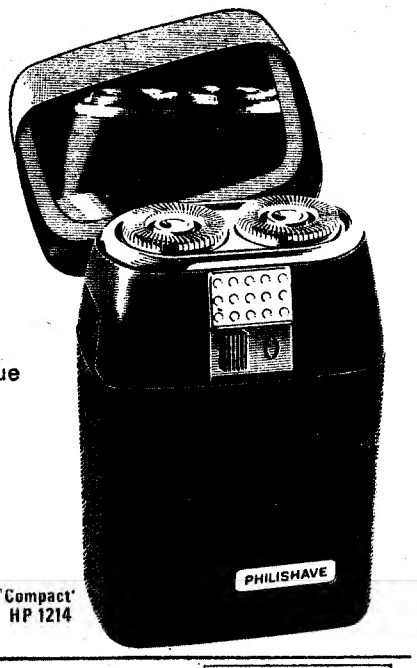
COMENTÁRIO

Ao contrário da sua anterior «exposição» na Galeria Judite Dacruz, em que o *programa* nos pareceu mais ambíguo e menor a sua operacionalidade, desta vez João Vieira dispôs com toda a clareza as peças do seu jogo e os dados da sua armadilha, optando propositadamente por uma série de elementos que coincidem com os da nossa experiência no mundo urbano. Desde os materiais, á utilização de projecções e á presença de *modelos*, tudo se recupera a partir de uma realidade que nos rodeia e que experimentamos, de um mundo de consumos e de frivolidades onde o nosso comportamento se tece e se reflecte. Para além disso, João Vieira não procurou confundir a sua iniciativa com as tintas graves de qualquer especulação intelectual. Retirando-se ostensivamente dessa estratégia, prevendo um jogo em que por força o público teria de cair, o pintor criou as condições de envolvimento mínimas, feitas de uma ironia ao mesmo tempo sofisticada e grosseira, para que as pessoas se sentissem mobilizadas, forjando a sua própria participação, inventando comportamentos, desarmando-se e revelando-se. A qualidade dos resultados, a *estética* dos comportamentos possíveis, o seu próprio significado social, teriam necessàriamente de decorrer da capacidade de acção dos intervenientes. Na situação criada, os resultados seriam sempre reveladores de uma forma de ser, de uma atitude cultural de um comportamento em sociedade — seriam sempre desmistificação do que fosse desmistificável ou simplesmente mistificação, tecida pelo público, em torno das suas próprias insuficiências e pretensões. A fragilidade e a frivolidade alienantes de tudo o que se viu resultaram do bom funcionamento da armadilha. João Vieira divertiu-se ao provocar certas formas de acção, armadilhando um *terreno* onde as pessoas subita e irremediàvelmente *se revelaram*.

ROCHA DE SOUSA

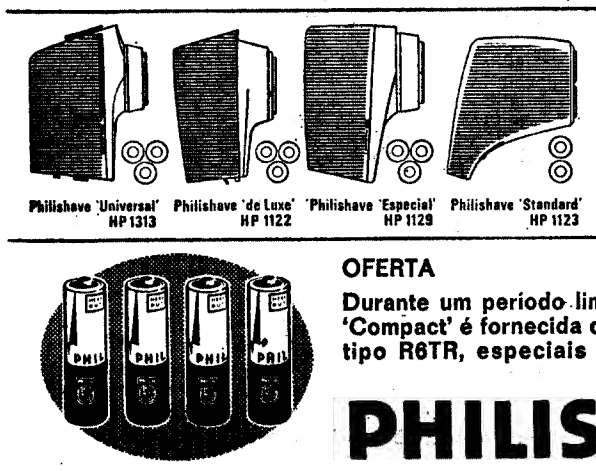
«Modelo vivo», de João Vieira

APENAS
295$00
...E ESTÁ NO SEU BOLSO!



A Philishave 'Compact', agora equipada com cabeças 90 SUPER, é a mais pequena máquina de barbear do mundo de funcionamento autónomo por pilhas. Indispensável ao homem que vive intensamente e ao jovem que progride com o seu tempo. A Philishave 'Compact' cabe no bolso e não pesa na bolsa.

Philishave 'Compact' HP 1214



Philishave 'Universal' HP 1313 · Philishave 'de Luxe' HP 1122 · Philishave 'Especial' HP 1129 · Philishave 'Standard' HP 1123

TODOS OS MODELOS DA PHILISHAVE ESTÃO EQUIPADOS COM CABEÇAS 90 SUPER

OFERTA

Durante um período limitado, a Philishave 'Compact' é fornecida com 4 pilhas Philips, tipo R6TR, especiais para força motriz.

PHILISHAVE

ETF-EV 1A

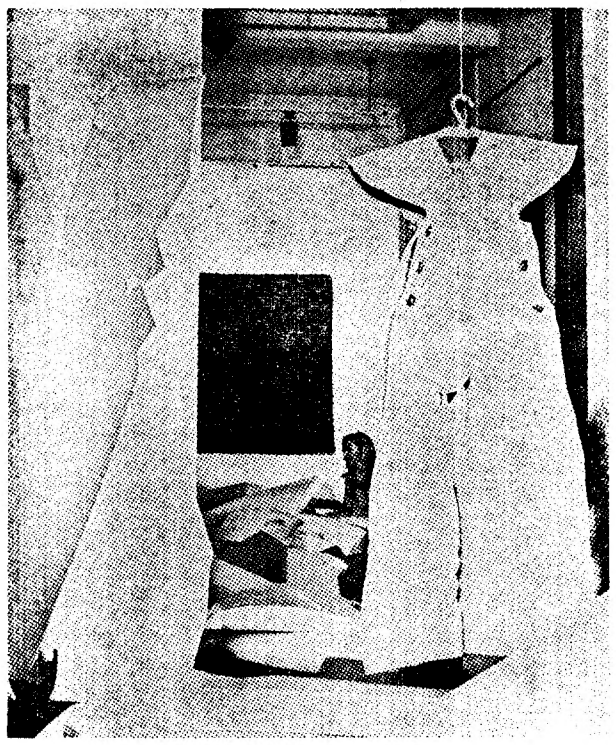
UM "BRINQUEDO" E...
...UM PIQUE-NIQUE A BORDO!

Com aproximadamente 9 kgs. e com descarga debaixo de água de gases e água de arrefecimento o *EVINRUDE 1½ HP* é o mais leve, silencioso, económico e resistente outboard. Usado para pescarias nos profundos lagos e baías, é também indicado para pique-niques na água. Junto ao bornal do pescador ou ao cesto do pique-nique é um autêntico brinquedo. Mas... ...ele pode arrancar 100 vezes o seu peso!...

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94



«Expansões», de João Vieira: um mundo de símbolos e detritos sofisticados, risonho, maníaco, desinibido, um pouco science fiction *e* boutique *cosmopolita e magazinesca.*

A ARMADILHA

Por Rocha de Sousa

Para revelar a beleza da matéria a minha intervenção foi mínima: marquei-a com as estruturas mais significativas de que os homens se apoderaram. Assim apareceram estes pães expansivamente artísticos, esta armadilha-leito de letras, este convite à festa e à descoberta.

JOÃO VIEIRA

DE UMA ESPÉCIE de restos, que o eram de facto mesmo fingidamente, João Vieira fez explodir a sua festa Materiais: uma qualquer espécie de espuma sintética própria para colchões, *popmente* colorida, projecções luminosas dinamizadas pelo som, e o próprio corpo humano, desde os *modelos* ração da armadilha. Esse o esquema, a sua ironia: porque tudo de início parecia destinar-se a um passeio meditado e cuidadoso no andar, a uma fruição demorada e gostosa do requintado ambiente de luzes e cores, tão simpático na sua provocação bem comportada. As pessoas pisavam, de início, abstracto das imagens projectadas, que se alteravam em inesperadas composições ao capricho dos gritinhos e das tosses. Tosses já cheias de cumplicidade á medida que as senhoras e os cavalheiros descobriam infantilmente a linearidade inocente do jogo, o prazer de criar sem grande responsabilidade alterações decorativas no espaço real (e virtual) que a todos envolvia. João Vieira também lá estava, divertindo-se na maroteira das cumplicidades reveladas, e/e também peça real do jogo que propunha, *modelo e personagem*, refazendo na circunstância o que já premeditara nos dias anteriores. rio com a sua doce pontinha de *non-sense*, anti-arte, envolvimento efémero, peça exemplar para os nossos mimetismos e cosmopolitismos, capricho da cultura e ao mesmo tempo exploração irónica da nossa permanente e por vezes secreta necessidade de acção. Assistia-se então a um espectáculo insólito, sedutor e ridículo: ao espanto e ao gesto hesitante dos que chegavam, praticando com reservada minúcia, em equilíbrio instável, os itinerários ainda disponíveis, juntavam-se os cachos de figuras sentadas, sabichonas e satisfeitas, um pouco em pose, displicentemente, à espera de que o seu sentido de participação fosse reconhecido e projectado.

Nem todos os trajos de *première*, próprios para ver de pé e laboriosamente os objectos de arte, se reconheciam adequados à circunstância, mas a desinibição chegava depressa — ou era depressa imposta, estimulada por algumas vozes de comando que despontavam aqui e acolá. As senhoras retardatárias, cumprindo a melhor tradição lisboeta, ficavam um pouco suspensas da sua própria estupefacção quando assomavam à porta e adquiriam a breve trecho um andar incerto e grotesco procurando arrastar as máxis elegantes ao longo de corredores invisíveis que sobejavam entre as cabeças baixas e deleitadas. Alguns senhores levavam tudo muito a sério, como se estivessem na igreja, e observavam solenemente os efeitos ópticos no improvisado cicloroma. Meninas perfumadas, desinibidas e urbanas, aparentando ainda uma recente passagem pelo mundo das *teen-agers*, gazeleavam pelo chão, expondo-se com aséptica modernidade, dizendo por vezes em voz alta aquela sua revoluçãozinha nocturna. Fotógrafos improvisados, competindo com os profissionais da TV e a sua bateria de hólofotes, recordando com a maior elegância a febril actividade da personagem de «Blow-Up», apontavam impulsivas câmaras aos rostos distantes ou próximos das «teen-agers» em reboliço, caçando de passagem instantâneos do ambiente quase opaco, desta subtil convivência de contrários. Faltava o vinho tinto, talvez perigoso dado o seu intenso poder corante, mas havia *whisky* um pouco por toda a parte, mais para decorar do que para refrescar, bebido com movimentos lassos, colectivizando as consciências.

Pacientemente, João Vieira esperava a altura de completar o *show* e apertava

(Cont. na pág. 7)

«festa» do João Vieira: as pessoas revelaram-se (depressa).

vivos que já tinham parte do programa aprendido até ao publico que tinha tudo para aprender (e aprendeu depressa) naquele novo mundo de símbolos e detritos sofisticados, risonho, maníaco, desinibido, um pouco *science fiction*, *boutique* cosmopolita e magazinesca, recinto do devaneio absurdo ou da comunhão nas alegrias frívolas que servem para ocultar o medo.

CRÓNICA

Environment e/ ou *happening* o trabalho de João Vieira consistiu na preparação com uma religiosa ponderação, respeitando, num sorriso de paternal indulgência, essas coisas sem significado (mas atraentes) que o artista espalhara generosamente pelo chão. Olhavam enternecidas para as paredes, reconhecendo objectos *á maneira* de quadros — outra nuance da ratoeira que se desdobrava por diferentes planos de acção exposta ou pressuposta, desde o chão onde se assinalavam breves itinerários interrompidos (para percorrer em passos de chinesa?) até ás paredes aparentemente mais solenes e ao cinetismo luxuoso e

Então as pessoas (material plástico, também e no fim de contas) começaram a chegar em maior número ao aviso mundano do convite: como era de prever, mesmo no adiantado da temporada. Para algumas, o boato chegara cheio de promessas. Muitas delas, avisadamente, trataram de sentar-se com ostentação e sabedoria nos objectos de espuma que o artista espalhara no pavimento à sua disposição. Um novo colorido — o da moda, o dos trajos — ía refazendo a composição deliberadamente frívola elaborada por João Vieira, cená-

Artes Visuais

Ana Vieira expôs recentemente na Galeria Quadrante, reafirmando o seu interesse pela resolução de ambientes ou de objectos e procurando de novo reflectir sobre os problemas do espaço e da percepção. Recorrendo a cortinas semitransparentes onde representava como que virtualmente objectos conhecidos (de uma sala de jantar), Ana Vieira propunha essa zona da casa como objecto, como espaço real e virtual, como lugar e como memória. Circulando exteriormente a essa realidade, tomando consciência da multiplicidade e ambiguidade dos dados expostos (numa relação constante entre o que é objecto de facto e apenas representação), o espectador só podia penetrar na sala por um acto de análise e de crítica, por um exercício da percepção e da memória, reconhecendo e recriando os planos sucessivamente desvendados, desdobrando o equívoco das aparências e a cada instante transformando a realidade do seu trabalho visual